

CONSIDERAÇÕES PHYZIOLOGICAS

SOBRE

**O HOMEM ;**

E

SOBRE AS PAIXÕES E AFFECÇÕES, EM GERAL :

DO

**INTERESSE, AMOR, AMIZADE, E SAUDADE**

EM PARTICULAR.

**THEZE**

APRESENTADA E SUSTENTADA

NA

**FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA**

No dia 19 de Novembro de 1840

POR

**ALEXANDRE JOZE DE MELLO MORAES,**

(Natural da Cidade das Alagôas)

PROFESSOR DE HUMANIDADES NO COLLEGIO CONCEIÇÃO, E SOCIO EFFECTIVO DA  
SOCIEDADE DA BIBLIOTHECA CLASSICA PORTUGUEZA, ETC.

*Para obter o grão de Dr. em Medicina.*

~~~~~  
O estudo do homem de qualquer forma que se  
o considere é o emprego mais nobre, e o mais su-  
blime, á que elle se póde dar, e para a humani-  
dade é a sua verdadeira eschola.

*Introd. pag. 23.*  
~~~~~

**BAHIA :**

TYPOGRAPHIA DE EPIFANIO JOZE PEDROSA, RUA DO TIJÓLO N.º 29. — 1840.

# FACULDADE DE MEDICINA

DA

# BAHIA.

OS SENHORES DOUTORES.

## LENTES PROPRIETARIOS.

F. de Paula d'Araujo e Almeida . . . . .

ANNOS.

1.º } M. M. Rebouças . . . . .

1.º } V. F. de Magalhães. . . . .

2.º } E. F. França . . . *Examinador*

2.º } J. Abbott. *Presidente* . . . . .

3.º } F. de P. d'Araujo e Almeida . . . . .

3.º } J. Abbott. . . . .

4.º } F. C. da C. Dormund . . . . .

4.º } J. V. de F. A. Ataliba *Examinador*

4.º } M. L. Aranha Dantas. . . . .

5.º } J. J. d'Alencastre. . . . .

6.º } F. M. Gesteira . . . . .

6.º } J. F. d'Almeida . *Examinador*

6.º } J. Baptista dos Anjos. *Examinador*

A. P. Cabral . . . . .

J. Antunes d'A. Chaves. . . . .

## MATERIAS, QUE LECCIONÃO.

Director.

Botanica Medica e principios elementares de Zoologia.

Phyzica Medica.

Chimica Medica e principios elementares de Mineralogia.

Anatomia geral e descriptiva.

Phyziologia.

Anatomia geral e descriptiva.

Pharmacia, Materia Medica especialmente a Brasileira, Therapeutica, e Arte de Formular.

Pathologia interna.

Pathologia externa.

Medicina operatoria, Apparellhos e Anatomia topographica.

Partos, molestias de mulheres pejudadas, e de meninos recém-nascidos.

Medicina Legal.

Hygiene e Historia de Medicina.

Clinica interna, e Anat. Pathologica

Dicta externa annexa aos 2º 3º 4º 5º

e 6.º annos.

## LENTES SUBSTITUTOS.

J. da Silva Gomes. *Examinador* . . . . .

. . . . .

. . . . .

. . . . .

J. de Souza Velho. . . . .

. . . . .

F. S. A. da R. Vicira . . . . .

. . . . .

E. J. Pedroza . . . . .

Sciencias Accessorias.

Secção Medica.

Secção Cirurgica

SECRETARIO.

O Sr. Dr. P. J. de S. B. Gotigipe.

Nº 50  
 02-06-80  
 DE 1910  
 U. F. B. A.  
 FAC. DE MED.

A' MEMORIA DE MEO PAÍ,  
ALEXANDRE JOZÉ DE MELLO,

Commendador e Capitão-Mór, que foi na Cidade das Alagôas, &c.

A' MEMORIA DE MINHA CARINHOZA MÃE,  
D. ANNA BARBOZA DE ARAUJO MORAES.

Já que me não foi dado (porque a Providencia o não quiz) passar a aurora da minha vida gozando os afagos da quellas, que por maior desgraça da humanidade o Ceo não dá duas vezes, porque a morte, invejoza de minha ventura, sem piedade m'os roubou, resta me neste theatro de angustias, a amargurada saudade, e lagrimas, para sentir e chorar minha incalculavel perda, o que em silencio bem o sinto. Um filho só sabe a falta que seus Pais lhe fazem depois que os perde, diga-o eu, terrivel experiencia.

A' MEMORIA DE MINHA AVÓ MATERNA, E MINHA PRECIOZÁ AMIGA,  
D. MARIA PAES DE ARAUJO.

Mãe duas vezes, que proprio que vos foi este nome querido, caracteristico da beneficencia; por quem não me foi tão sensivel a perda da que o Ceo me deo, porque vos tive sempre me sobejou as caricias Maternaes: compristes sanctamente o que o dever e a Natureza vos encarregou: e em premio de tanta bondade acêitai como tributo da obediencia que sempre vos tive, e da saudade que me resta pelas caricias que já logrei, este fraco testemunho de minha lembrança.

A' MEO CUNHADO, E MEO PRIMEIRO E MELHOR AMIGO,

O Sr JOZE' JERONIMO PEREIRA NOBRE.

Quiz o Ceo meo verdadeiro amigo, que eu tivesse uma occazião, em que perante os homens e a Divindade manifestasse meo eterno agradecimento. Se a palavra amizade é profanação pela maior parte dos homens, em nos ella corresponde ás sensações que inspira; a voz da gratidão eu uo

a da amizade; e vos posso affiançar, que sobre a terra o unico bem que possuo e que posso dispor (bem que não seja só minha) é a existencia, e para salvar a vossa eu de boa vontade a darei, se m'a exigirem.

Alem de um coração mas nada tenho,  
Mas dou-lhe um coração constante e grato.

A' MEO TIO,

O R.<sup>mo</sup> PADRE FRANCISCO DA SILVA MORAES.

Accitai Senhor este fraco testemunho de minha gratidão.

---

A MINHA CONSORTE, E MINHA VERDADEIRA AMIGA

MARIA ALEXANDRINA DE MELLO MORAES

As prendas, qual belleza, aos annos cedem,  
Das molestias ao influxo estão sugeitas:  
Só tu de quem sua alma é sanctuário  
Virtude, emanação da Divindade,  
Aos annos sobranceira, vás com elles,  
Da eternidade repousar nas fontes.  
O' vós de meu modelo companheiras!  
Dais á mesma virtude, sexo ameno,  
Não sei que de suave, que a virtude  
Em vós, é mais que em nós, dos ceos o enlevo.  
Nella tendes o adorno o mais distincto,  
Nunca, nunca o deixeis... vêde que expira  
Nas ruinas do pejo, a gloria vossa.  
Espoza virtuozza, alma sensível,  
Que de fazer o bem, o bem só queres,  
Tú em quem juntos encontrei os dotes,  
Que nas outras dispersos divisava,  
Mãe carinhosa, delicada amiga,  
Companheira fiel na dôr, no gosto.

( *Borges de Barros D. a sua Esp.* )

*Mello Moraes.*

A' MEO AMIGO E MESTRE ,

O SR. JONATHAS ABBOTT.

Dr. em Medicina , Vice Director , e Lente de Anatomia da  
Eschola de Medicina da Bahia , Dr. em Cirurgia pela  
Universidade de Palermo , e 1.º Cirurgião do Hospital da  
Caridade da Cidade da Bahia,

Senhor , se a lei me chama á um dever , a amizade me  
chama a outro ; entre o dever e a gratidão eu vos posso asse-  
gurar , que seja qual fôr o angulo do mundo que a Providencia  
me destinar ; seja qual fôr a minha sorte , lá mesmo o vosso  
peregrino saber , e muitas virtudes serão por mim constantemen-  
te apreciados e lembrados.

Rogo-vos, Senhor, que aceiteis esta mesquinha offerenda que meo co-  
ração vos envia.

A'O SR. PADRE FRANCISCO AGOSTINHO GOMES ,

Meo sabio amigo , á vosso respeito uma só palavra não  
pronuncio , porque meo coração está cheio do vosso mereci-  
mento , e de amizade que vos consagro, e não é facil desvazia-lo.

A' MEO MESTRE

O SR. JOÃO BAPTISTA DOS ANJOS ,

Dr. em Medicina Formado em Cirurgia e Lente do 6.º Anuo.

Offerta que faz meo respeito e sympathia.

A' MEO MESTRE E AMIGO ,

O SR. JOÃO ANTUNES DE AZEVEDO CHAVES ,

Dr. em Medicina Formado em Cirurgia , e Lente de Clinica externa.

Senhor desculpai a offerta que vos offerece o coração que  
vós mui bem conheceis : a dadiua é mesquinha , porém como  
não se estimão as coizas tanto pelo seu valor intrinseco , quanto  
pela boa vontade de quem as dá ; porisso eu fico descansado  
que o vosso bom coração não desprezará.

Mello Moraes.

A' MEOS MESTRES OS PROFESSORES DA ESCHOLA, DE  
MEDICINA DA BAHIA.

DESPEDIDA.

Senhores se a palavra Pai tras a ideia de beneficencia, a de Mestre não dista muito, segundo o meo modo de entender; por isso a minha gratidão para com vosco não terá limites; por que se meos Pais me derão a existencia, vos me destes a educação e o saber, formando o meo coração, e encaminhando-o á virtude. Senhores em premio de me haverdes ensinado, a Divina arte de prolongar a existencia de meos semelhantes, e de soccorre-los nos momentos da afflicção, aceitai um coração agradecido, que uma só pulsação não mandará, que seja em desabono vosso. Senão for feliz em meos curativos, ou não me souber haver nelles, não atribuirei senão á minha pouca sufficiencia. Finalmente heide observar religiosamente para com meos Mestres, conforme as circumstaucias o pedirem, e com as modificações que o tempo tem trazido, o juramento que o Pai da Medicina o Divino Hippocratis fez a seos mestres; o qual por não ser mui vulgar eu o transcrevo —

*Juro por Apolo medico, por Esculapio, por Hygêia, e Panactia, (filhas de Esculapio, e reputadas Deuzas da saude) e por todos os Deuzes e Deuzas, que até onde eu possa, fielmente observarei este juramento e obrigação. Estimarei os mestres que me ensinarão a arte de curar, como a meos Pais, e fornecer-lhes-ei, se a occasião o pedir, dos bens, e do necessario da vida. Seos filhos serão para mim como meos proprios irmãos; e, se quizerem aprender, instruir-lhes-ei na mesma arte sem recompensa alguma, nem compromettimento. Communicarei os preceitos da arte, suas explicações, e quanto lhe for pertencente, a meos proprios filhos, aos de meos mestres, e aquelles outros discipulos que tem prestado o juramento dos medicos, e á mais ninguém. Tractarei os meos doentes da melhor maneira que me for possível, para lhes conseguir a perdida saude, é isso sem ofensa, nem violencia: nem me deixarei persuadir por outrem a administrar remedios perniciosos, ou a dar semelhante conselho.... Em qualquer caza aonde for chamado, meo alvo principal será o bem do doente, evitando quanto poder ofensas e corrupções mormente em objectos de concupiscencia. E tudo quanto eu vir ou ouvir no decurso d'un curativo, que for relativo a negocios da vida, ninguém o saberá, se dever ficar occulto.*

*Possa eu ser prospero na vida, e na minha pratica, sempre honrado e estimado por todos os homens, assim como eu observar, este solenne juramento; e seja o inverso de tudo isto meo apanagio se eu o violar, e for perjuro.*

Mello Moraes,

## INTRODUÇÃO.

De qualquer forma que consideremos o homem, no momento em que sai das mãos da Natureza, elle se nos apresenta como o mais infeliz na ordem dos seres creados; a dor é a primeira sensação, que experimenta; seo corpo nú, sua delgada pelle, sua imbecillidade, tudo lhe annuncia uma proxima ruina, se a ternura d'uma caridoza mão o não soccorre: cheio de mil precizões, e rodeado d'um cem numero de causas, que ameaça sua destruição, elle as não reconhece: sente fome, porem não o sabe dizer; não procura os alimentos para reparar as perdas de seo organismo, porque não pode: chora, e este signal, é a unica expressão de tudo quanto sente, e o mortifica. Ingrata Natureza! Cria um *Ente*, para seo ludibrio; se assim o é, ella se torna mais infeliz do que o objecto creado. Aos outros animaes no momento em que nascem, ella concede uma vestimenta constante, que os abriga das variedades das estações, e um instincto (1) igual ao daquelles

---

(1) A palavra instincto, é um termo vago, que na sua genuina significação, quer dizer cauza occulta, termo empregado pelos antigos, que conhecendo certos phenomenos, não obstante serem judiciozos, não se arrojarão a dar uma explicação phantastica, e como não se achavão nas circumstancias de explicarem com certeza a verdade da coiza, recorrerão á esta, e outras palavras, que querem dizer — por ora á este respeito nada sabemos. — Os modernos porém tem assentado chamarem instincto, á um movimento, ou sentimento irreflectido; ou machinal; que serve á dirigir os animaes á satisfazerem suas necessidades, e velarem em geral na conservação da sua existencia; e que no homem sempre precede á reflexão. A Natureza seria impotente; se, creando entes animados, não previsse os damnos á que estavam sujeitos logo que se mostrassem á face da terra.

Alguns querem que o instincto, seja uma potencia mais firme que a razão, o que não é mui admissivel, por depender exclusivamente dos sentidos, e estes serem susceptiveis de muitos enganos. O prazer, e a dor, o amor, e o odio, são verdadeiramente os que fazem apparecer o instincto; e conforme o grão de relação de conveniencia, ou desconveniencia: assim o animal se afasta do que lhe é nocivo, e busca o

que lhes derão o ser; de modo que, logo que apparecem sobre a face da terra, procurão os meios necessarios á sua conservação, sem que seja preciso lh'os levar a bocca, e lhes ensinar a nutrirem-se. Mesmo aos vegetaes ella concede a casca, para os abrigar dos ultrages que lhes possão fazer os objectos que os rodeião; e no lugar onde os colloca, ali mesmo fornece-lhes os materiaes de sua alimentação. Porem não! A' fins sublimes destinou o homem essa, que a principio, pareceo-lhe madrastra; e se nos primeiros dias de sua existencia elle nasce fraco, torna-se com a idade o mais valente de todos os seres creados. A Natureza, variavel, rica, e fecunda em seus productos, nunca marcha de salto; e uma longa cadêa liga todos os seres; o Lithophito, é o elo que liga o reino inorganico ao organico; assim como o Zoophito, propriamente dito, id est, a sponja, é o elo dos vegetaes para os animaes. Entre os animaes, que compoem as diversas classes ha passagens bem sensiveis; de maneira que vem a ser o macaco, á separação do homem para as irracionaes.

Neste ensêjo notamos, que os mais animaes logo que nascem, são tão instruidos como seus paes, e o seo saber é infinitamente limitado. A natureza dotou o homem com a razão, id est, *intelligencia*, (2) para por meio della s'assenhorear de tudo, tornando-se semi-Deos na terra. Esta verdade é tão manifesta, que se lançarmos os olhos ás sagradas paginas, (Genesis

que se conforma com a sua maneira de existencia. O homem goza como os mais animaes de instincto; porem elle se afroxa á medida que a razão se cultiva; o que se consegue pela educação.

(Lede Adelon, Magendie, e Virey art. Inst.)

(2) Encheo, minha Marília, o grande Jove

De immensos animaes de toda a especie

As terras, mais os ares,

O grande espaço dos salobres rios,

Dos negros, fundos mares.

Para sua defeza,

A todos deo as armas, que convinha

A sabia Natureza.



cap. 1.º § 26) vemos o que disse Deos, no momento de crear o homem: = Façamos o homem á nossa imagem, e semelhança, o qual prezida aos peixes do mar, ás aves do Ceo, ás feras, e a todos os reptis, que se movem sobre a terra. — *Et ait: Faciamus Hominem ad imaginem et similitudinem nostram et præsiti piscibus maris, et volatilibus Cæli, et bestiis, universæque terræ, omnique reptili quod movetur in terra.* = E ao mesmo homem os a dos elle disse: (Genesis cap. 1. § 28) = Crescei, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita á vós, e dominae sobre os peixes do mar, e sobre as aves do Ceo, e sobre todos os animaes, que se movem sobre a terra. — *Et ait: crescite, et multiplicamini, et replete terram, et subjicite eam, et dominamini piscibus maris, et volatilibus cali, et universis animantibus, que moventur super terram.* = Apresenta-se dotado de *intelligencia*, e de *paixões*; cultiva aquella, e domina a estas; e tornando-se pensador em

Deo as azas aos passaros ligêiros,  
 Deo áo peixe escamozo as barbatanas;  
     Deo veneno á Serpente,  
 Ao membrudo elefante a enorme tromba,  
     E ao javali o dente.  
 Coube áo Leão a garra:  
 Com leve pé, saltando o cervo foge,  
     E o bravo touro marra.

Ao homem deo as armas do discurso,  
 Que valem muito mais que as outras armas,  
     Deo-lhe dedos ligêiros,  
 Que pode converter em seo serviço  
     Os ferros, e os madêiros;  
 Que tecem fortes laços,  
 E forjão raios, com que os brutos cortão  
     Os vóos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão  
 Outras armas que tem dobrada força,  
     Deo-lhes a Natureza  
 Além do entendimento, além dos braços  
     As armas da belleza.  
 Só ella ao Céu se atreve;  
 Só ella mudar pode o gelo em fogo  
     Mudar o fogo em neva.

presença do Universo, se vai servir dos benefícios, de que o *Ente Supremo* lhe encheo. Lança seus olhos na terra, estuda-a, e sujeita á tudo que existe em sua superficie á seus caprichos; obriga o solo o mais esteril, a lhe dar o que elle pede; estuda tudo o que em seo seio contem; e muda sua Natureza, á medida dos seus desejos: observa as leis geraes a que está sujeita, nota sua revolução, e com certeza marca o tempo &c.

Aos vegetaõs, distingue-os, classifica-os, reconhece suas propriedades, e as modifica.

Não ha animal, que o não respeite; e subjuga-o a tudo quanto lhe apraz: o tardo e agricultor boi, lavra-lhe a terra, transporta seus productos a distancias mais ou menos longiquas, e finalmente presta-lhe a nutrição com suas carnes.

O prohibidozo Elefante, animal corpulento, que não respeita o Leão, amolga-se com doçara, á vontade do homem; familias inteiras conduz cheia de satisfação á lugares bem remotos, servindo n'África, e n'Ázia de embarcações terrestres; e se com elle o homem é injusto, prompta reprobção experimenta de sua imprudencia, e tacitamente enjua-lhe a ser humano, com quem lhe presta, mais por vontade que forcõzo, bons serviços.

Dos Entes brutos progressão pasmoza  
 Nestes viventes átomos começa:  
 Chega onde a Natureza estanca, e para  
 Nos colóssaes quadrupedes, que a Terra  
 Parecem opprimir com pezo enorme:  
 Qual vai nas margens do assombrado Ganges,  
 E vergeis de Ceilão, forte Elefante;  
 Todos excede, e vence em força, e instincto;  
 A voz do conductor entende, e prompto  
 A' um mudo acenno docil obedece;  
 Sente o preço da gloria, e dos louvores.  
 Da Natureza o Interprete Romano  
 Dá-lhe a justiça, dá-lhe a probidade,  
 Rarissima virtude entre os humanos.  
 Da enorme frente do animal á terra  
 Desce voluvel, enroscada tromba,  
 Cruzão se os alvos dentes retorcidos,

Que o negro Caçador da Nubía assustão.  
 O furor dos mortaes n'um tempo a guerra  
 Comsigo os conduzio; robusta espadua  
 De uma torre era baze, agudas lanças  
 Contra as hostes dalli se arremeçavão.  
 Com ellas fez parar, mas não vencidas,  
 O forte Pirrho as legiões Romanas.  
 A tanto chega a raiva dos humanos!  
 Do solitario bosque as feras tira,  
 Dá-lhes furor; que a Natureza nega,  
 Instrumentos as faz de sangue, e morte.

*J. A. de Macedo. Meditação: conto 3.º*

Faz do briozo cavallo um preciozo ornamento de sua vida; com elle reparte a gloria que ganhou entre os horrores da guerra; cheio de garbo arroja-se feroz sobre o inimigo; accezas as ventas, espumante a bocca, scintillantes os olhos, lavado em suores, convulsivo o corpo, precipita-se; mais rapido que um raio entre as legiões; sem que tema os lampêjos da espada, nem o zinido da balla: se a victoria é certa, gloriozo caminha com sôo amo ufano de si; e se o contrario succede, tardo, e triste o conduz (5).

(3) Quando avvien che alla pugna ei si prepari  
 Sbuffa terror dall' orgogliose nari:

Perevòte il suol colla ferrata zampa,  
 Morda il fren, scote il crin, s'incurva e s'alza;  
 In un luogo medesimo orna non stampa,  
 Ardimento e furor l'agita e sbalza,  
 Corre, e affronta l'ostil schiera che accampa,  
 Sprezza il timor, arme ed armati incalza,  
 E fa sonar nel violento corso  
 Sudo, farette, e stral' occossi sul dorso.

Impaziente e di sudor fumante,  
 Così precipitoso si disserra;  
 Che non aspetta udir tromba sonante,  
 E par nel corso divorar la terra.  
 Dove sente rómor di spade infrante  
 Colà, dice tra sé, ferve la guerra;  
 E de' Duci gli sembra udir le voci,  
 E gli ululati de' guerrier feroci.

(F. Rezzano trad. de' Giobbi).

Que diremos do cão animal social, e por excellencia amigo do homem, de quem a historia nos tem trausmittido mil prodigios? ( Lede o Panorama art. cão, o Mosaico, Buffon, Cuvier, Dumeril &c. ).

Mais affavel, mais terno, observo, admiro  
 Bruto, que ao racional mais se affeição,  
 E quanto pode, e val, serviços presta.  
 O cão de mais viveza, e mais instincto  
 Entre os brutos domesticos dotado,  
 Constante na affeição, observa, e segue  
 De seo Senhor o aceno, o movimento;  
 Se é triste, está sombrio, e se é contente,

E' tão bem mui bella a descripção que faz outro Poeta Italiano do Cavallo, dizendo: —

Arguto ha il capo, la cervice altera,  
 Squarciata alquanto e libera la bocca,  
 La palpèbra sottil, la fronte angusta,  
 Arcato il naso, e di un bel cigno in guisa  
 Duttile e al sommo ripiegato il collo,  
 Da cui lucida folta in preda all' aure  
 La chioma ondeggia: occhi sereno e lieto  
 Sparso di sangue e di scintille, brevi  
 Strette vicine le protese orecchie,  
 Gli omeri asciutti, uguale e liscio il dosso,  
 Corti i fianchi, la groppa ampia ritonda.  
 Trema feroce, il largo petto e il freno  
 Empie di bianche irriquiete spume,  
 Raspa, scalpita, il suol batte con l' alta  
 Ferrea concava soda unghia sonante.  
 Impaziente d' ogni indugio, gloria  
 Nel terror spira delle sparse nari,  
 Che fumano, che sbuffano, che odorano  
 Da lontano l' amica, e il fremitare  
 Della battaglia, gli ululati e i gridi  
 Guerrieri e il suono di spezzate spade:  
 S' alza, tresca, s'incurva, imbalanzisce,  
 Audace si vagheggia e mostra quanto  
 Sia ratto il piè, scarze le membra, e il core  
 Gonfio d' amore e di coraggio avvampi.

As mesmas affeições no gesto amostra.  
 S'ergue contr'elle o braço o fero inimigo ;  
 Pelo salvar ao ferro oppõe seo peito.  
 E' delle prompta sentinella activa ,  
 Serve-lhe ás precizões , e ao gosto serve,  
 No espesso mato a caça lhe farêja ;  
 E na lodoza , turbida lagôa ,  
 Sentindo a preza , intrepido se affûnda.  
 Co' a orelha fita , os olhos vigilantes  
 Põe no ferreo arcabuz estrepitozo ,  
 Sente no ar zunindo a plumbea péla ,  
 E já torna veloz co'a preza ovante.  
 E' do pastor defenza , e do rebanho  
 Com latido feroz , com lizo dente  
 Ou affugenta , ou despedaça o Lôbo. —

(*M. Med. Cant.* 3.<sup>o</sup>)

Mesmo ao indomavel rei das feris elle impõe preceitos , e lhe faz baixar a orgulhoza e soberba juba , a tributar-lhe homenagem. Não nos admira o que a historia Romana nos transmittio a respeito do escravo Androcles com o Leão em presença de Cezar, quando sabemos que um homem anda correndo toda a Europa com doze Leões domesticados fazendo d'elles tudo quanto quer.

Elevando scos olhos ao Cco, nesta immensa extensão, nota milhões de mundos, de grandezas differentes, em gyro eterno, e silenciosamente rodarem em suas orbitas, sem que encontrem o menor obstaculo em seos movimentos: observando todos a primeira lei, (4) que lhes impoz o Supremo Architetor do Universo: observa a sua marcha, e revolução: vê no centro do nosso systema Planetario, essa enorme massa de fogo origem da luz, e do calor; marca a sua grandeza, e mede seguramente, o immenso espaço que entre elles medeia.

(*Lede Euler C: a una P. da A: o P. Almeida R. Ph. De Laplace. Sys. do M.: Herschell Astr.*)

(4) Statu't ea in æternum, et in sæculum sæculi: præceptum ponit, et non præteribit. (*Psalmo 148.*)

Elle as estabelecco para sempre, e pelo seculo do seculo: — poz preceitos e não se quebrantarã.

Do planetar systema, alvergue humano,  
 Tu foste, o' Sol, brilhante, immobil centro!  
 Tal te vio Galiléo, que ouzado rompe  
 Esse veo, que a ignorancia out'ora tinha  
 Lançado, audaz, no rosto á Natureza.  
 Olha aos Ceos Galiléo, rasga-se a nuvem,  
 Que a mente dos mortaes tè alli cercára.  
 Estendem-se os confus do Céu, do Mundo;  
 Assombroso Britano, eis mede, eis marca  
 (Atrevido compasso!) o gyro aos astros;  
 Na creação descobre oppostas forças;  
 Uma só da tangente os globos tira,  
 Outra lhes manda descrever as curvas,  
 D'ambas a ellipse regular se forma;  
 O Sol no centro pôz, e o Sol abrange,  
 Prende, sujeita, em seo Imperio os astros  
 Vistos té agora no systema nosso:  
 Talvez que mais os seculos nie mostrem.

*Macedo. Med. C. 2.º*

Mais em baixo elle toma os raios, (5) e lhes dá a direcção que lhe convem; intrepido sobe á região etherea, onde não chega o raio, e nem ouve o medonho estampido do assombroso trovão. (6)

Tendo assim pois percorrido, e estudado a Natureza inteira, concentra-se em si mesmo, e duas entidades nelle reconhece; porque saa consciencia lh'o diz. Actos puramente

- (5) Alem do vasto procellozo oceano  
 Eu descubro a Franklin, que envolto em nuvens,  
 Ou de Jove nas mãos apaga o raio,  
 Ou divergente o faz do trilho uzado

*(Macedo Viag. extat. C. 2.º)*

- (6) J' ai vu l'impie sur la terre.  
 Pareil au cedre, il cachait dans les cieux  
 Son front audacieux.  
 Il semblait a son gré gouverner le tonnerre,  
 Foulait aux pieds ses ennemis vaincus.

*(Racine, trag. de Esther) (trad do Psalmo 36) acto 3.º*

simples lhes são pelos objectos que os rodeião transmittidos; *ideast* conserva-os, e combina as relações de conveniencia, ou opposição, que estes sentimentos lhe offerece; *juizo*: combina estes ultimos; *raciocinio*: e finalmente se decide, pon-do em ultimo resultado, e em perfeita harmonia estes diversos actos, que dentro em si se passão; *o methodo*.

Alem destes actos elle investiga quaes são as proprieda-des, que *o Ente pensador* por excellencia possui: *actividade*, *intel-ligencia* e *sensibilidade*.

Não pára ahi sua investigação; porque elle se apalpa e vê que tem orgaos diversos, e que diversamente trabalhão; muda de lugar para outro, apenas a vontade o convida; come, e vê que não é o mesmo o objecto que ingerio; respira, sente pulsar seo coração, e diversos phenomenos durante estes actos nota passarem-se; enfim ouve, sente, cheira, gosta, e vê: impaciente vai sobre o mesmo homem conhecer-se, e satis-fazer o objecto de sua curiosidade. E' lá no recinto de um am-phitheatro, onde elle passa a estudar o sem numero de pessas de que é composto o organismo. Mas ah! Quão admirado nao fica com a simples vista da caixa craniana, formada de diferen-tes pessas, e sabiamente dispostas, e articuladas, fiel depozita-rio do mais delicado orgão, o *cerebro*, centro do sentimento, e do movimento. Elle abre essa caixa; e chegando ahi, já não é au-daz; respeitozo elle nota a bella disposição, que a Natureza deo á essa importante massa, para bem se acomodar ao involuero, que a contem: vê, e nota mais a sua importancia, pela gran-de providencia da Natureza a seo respeito; diversos repartimen-tos, diversas membranas, separão o mesmo orgão, de manei-ra á se não delacerar, e uma porção não incomodar a outra para bem funcceionar.

Passa ao seo interior; e que observa? Cavidades; os *ventriculos* communicando-se: elevações; os *thalamos opticos*, os *corpos striados*, e *comissuras*: membranas, e vasos; *plexos*, e *teias chroides*: e no pãvimento do 5.<sup>o</sup> ventriculo e quaze no centro de quatro cor-pusculos (os tuberculos quadrigemeos) um corpo, o *Pineal*, lhe offerece cor e consistencia diversa, do mesmo orgão. Os *nosso*s maiores davão tanta attenção a esta glandula, que mo-

veo a Descartes a estuda-la, e toma-la por objecto do seu bello romance (7).

Na base do cerebro vê partir um grande numero de filetes electricos, os nervos, seguindo diversas direcções; uns para os olhos, os *patheticos*; outros introduzindo-se pelos crivos ethmoidaes, os *olfactivos*; e irem prezidir a olfacção. Para a orbita vai o *motor ocular commum*; e para o mesmo lugar, o *pathetico*, caminharão outros. Mais por detraz daquelle nasce o *trigemco ou trifacial*, que se dirigindo para a face fornece uma multidão de filetes nervozos; dos quaes, uns vão prezidir as lagrimas, outros a mastigação; e finalmente outros para os diversos órgãos da face. Assim pois, para a orbita ainda seguem outros, o *motor ocular externo*: para a face, e por caminho differente o *facial ou pequeno sympathico*, segue de companhia com o *acustico* para dentro do canal auditivo interno, e ahi o segundo fica para prezidir a audição, em quanto que o primeiro, se despedindo d'elle, entra no aqueducto de Falopio, tomando o canal tortuozo de Cruvèilhier se vae perder na face.

A' lugares mais distantes marchão novas sentinellas; como seja para a bocca e pharynge, o *glosso-pharyngéo*, que se perde nessas partes.

As visceras contidas no peito, e ventre, não ficão exemptas de sua influencia, e necessaria presença; porque o *pneumo gastrico* n'ellas se vae espalhar perdendo-se. Para o pescosso parte a despejar-se o *accessorio de Willis*; e finalmente outro que ao depois de se expandir por outras partes vem presi-lir ao paladar: o *hypoglosso*. Neste órgão e no cerebéllo, muitas hypotheses estão baseadas; (Vede o syst. de Gall. Spurzheim; Brous-

---

(7) Muitos Anatomistas, tem achado a glandula pineal petrificada; outros cartilaginoza, e muitas vezes s'a não tem encontrado. O anno passado, (1839) um cadaver, que me veio para preparar a licção do dia, notei que o interior da glandula estava cheio de liquido, o que verifiquei abrindo-a: não tinha parenchyma, e em seu lugar estava um liquido amarelado. Este anno (1840) me veio outro para o mesmo fim em quem observei atrophia completa do órgão: e estes individuos durante a vida não accusavão encomodos cerebraes, e succumbirão por enfermidades das visceras abdominaes.



sais &c.) de modo que seos autores presumem achar nelles a séde de todas as propensões, e de todos os talentos. Outro centro nervoso encontra no canal rachidiano, e de seos lados, vê como, á principio partir novos cordões. Que delicadeza e magnificencia não s'observa na structura do olho! pessas de figura, e natureza diferentes delicadamente collocadas, e mal arremedadas pela mão do homem, nos deo a Natureza para mais a admirar: Este bello instrumento do *amor* tem uma linguagem tal, que muitas vezes só elle basta. para persuadir. = O olho diz Buffon, mais que nenhum outro orgão pertence á alma; elle parece tocar e participar de todos os seos movimentos; elle exprime as paixões as mais vivas, e as emoções as mais tumultuosas, como os movimentos os mais decos e os sentimentos os mais delicados. O olho recebe ao mesmo tempo, e reflete a luz do pensamento, e o calor do sentimento; elle é o sentido d'Espírito e linguagem da intelligencia. = E que diremos do ouvido! (Sublime instrumento da harmonia) diversos canaes diversas cavidades, communicando-se entre si constituem esse importante, e delicado orgão; &c. &c.

Abre o peito confuzo de si mesmo, e o que vê? Dois únicos orgãos; examina-os? Sim: e o que encontra? Mil objectos.

Uma estreiteza de relações; uma dependencia nas funcções, que jamais se poderá separar um sem que destrua mais ou menos o outro; e se ambas não funcçãoão regularmente, a saude é alterada; e se somente um é quem adoce, o outro dos seos incommodos taobem participa.

Cheio de Religião abre o ventre, e o que encontra? Corpos de côr, volume, e disposição diferentes, cada um executando funcção diversa a fornecer com o seo prestimo, grandes utilidades: uns, bem que tenham sua vida propria, elaborão para dentro; outros para fora, e todos de commum accordo trabalhão para um fim unico, que é sustentar a vida.

Mais em baixo encontra um aparelho simples sem duvida (na mulher composto de cinco unicas pessas, e no homem de sete) destinado, a executar a mais sublime, e importante funcção a *geração*; e em quem a Natureza confiou o inexcrutavel segredo, que tem afrontado, e afrontará o homem com o seo

inigma (8). Ah ! Quam profundos não são os seus arcãos ! Que misterioza não é sua comprehensão.

« Heureux qui le connaît ! Plus heureux qui l'adore ! »

« En inclinant mon front, j'élève à lui mes bras ,

« Car la terre l'adore et ne le comprend pas. »

DE LAMARTINE.

Quanto mais simples é o objecto na Natureza , tanto mais difficil se torna o explicar-se ; e por isso diremos nos que quanto mais simples é o objecto na Natureza , tanto mais se mostra grande o Creator : La Harpe disse = Quoi ! le monde formé prouverait moins une intelligence , qui le monde expliquè ? = Eis ahí o homem (diz o Dr. Broc , Intr. ao estudo da Anatomia p. 8) considerado no todo sub a relação dos seus actos physicos , intellectuaes , e moraes.

Elle constitue o mais perfeito dos entes animados , podendo com orgulho proclamar-se o soberano senhor da terra. No

(8) A condição dos mortaes ,  
O' Marcia , não se melhora ;  
O que era ignoto ha mil annos ,  
Ainda hoje se ignora.

Vai inda a causa escondida  
Da agitação , que o mar tem ;  
Porque seis horas prefixas  
Na enchente , e vazante tem ,

Ninguem nos explica como  
A flor na semente esteja ,  
Como , lançada na terra ,  
Em pouco tempo viceja.

Não se conhece o profundo  
Milagre da geração ,  
Como é composto perfeito  
O que era ha pouco embrião.

Eu não me occupo em romper  
Tal sombra ; seja o que for :  
Como eu te conheço , o Marcia ,  
Ao menos conheço amor.

(Macedo. Anacreontica ode 81 a Sciencia.)

entretanto, não poderá elle reconhecer entes, que poderão equiparar-se com elle? O animal irracional sem duvida, parece ser seo rival, e muitas vezes somos levados a crer, que o nome só forma toda a sua inferioridade; porque assim como o homem, elle (o irracional) é sensível, activo, e intelligente, e, bem como elle também, tem necessidades, sabe apprecia-las, e obra conformemente áfim de a satisfazer. =

Visto de todas as maneiras, o homem se suppõe animal sociavel, e é na sociedade, que elle adquire mil padecimentos; é ahí que todos os generos de paixões, pelo menor motivo, se inflammão, e se augmentão; e por isso que (com razão nota bem o Dr. Mello Franco. Elem de Hyg. p. 8 da Introd. 3.<sup>a</sup> ed.) — de todas estas reflexões facilmente deduzimos, que quanto mais simples é a sociedade em que o homem vive, tanto mais feliz é a sua existencia como individuo; e que o contrario succede, quando as circumstancias se invertem; pois é sempre inseparavel das grandes, e mui populozas sociedades, a degeneração dos primeiros habitos singellos, e virtuosos. Povoadando-se cidades, excessivamente pouco, e pouco ficão êrmos os campos; e nellas se atéia o fogo das paixões mais violentas. A insaciavel ambição, o desmedido aferro as riquezas, as sup-lapadas intrigas, o luxo, a intemperança, tudo alterão, e tudo perturbão. Chega a desordem á ponto de parecer mais um enorme ajuntamento de inimigos que de consocios. O mesmo prodigioso augmento de habitantes das populozas cidades produz grandissimos males physicos.

O ar se corrompe, e fica pouco proprio para a conservação da saúde. Os diferentes officios, e occupações quasi todas sedentarias, concorrem em grande parte para o enfraquecimento das constituições, e degeneração da especie. Se o homem (p. 9.) pois pudesse conservar-se no estado da Natureza, não teria que sentir tantas, e tantas enfermidades, que são o resultado de sua civilisação: e aquelles povos, que mais chegados estão ao primitivo estado, são robustos; não conhecem doenças, e se algum adoece, a Natureza ainda não transtornada o cura. Quanto porem mais se afasta delle, mais fragil é a sua organização. Que tropel de molestias não tyraniza o homem nas gran-

des sociedades? Com ellas apparecerão todos os exanthematicos, bexigas, sarampo, febres escarlatinas, erupções, miliares, pethechias, &c. que variedades de febres só endemicas nas cidades populozas? Que multiplicidades de doencas chronicas se não observão nestas, já pelo abuzo que se faz das riquezas, e já pela miseria da maior parte dos seus habitantes. =

O homem organizado como está, dotado de faculdade sensitiva, melhorado, e aperfeiçoado, pela educação pela experiencia, é de momento em momento, movido por impressões da mente que o impellem á agir na razão directa da força do impulso e da irritabilidade de seo systema. Ninguem ignora qual a influencia das *paixões*, e *afectos* da nossa alma; ellas tomão parte em todas as acções humanas, e determinão os nossos gozos qualquer que seja nossa posição ná vida; e tão evidentemente que as expressões *phyzionomicas* traduzem as emoções do coração, e da intelligencia.

Sendo assim é de razão que o Medico, defensor da honra da sua profissão, e zelozo do bem estar de seus doentes, cultive cuidadosamente o estudo da Anatomia do Espirito, bem como a do corpo; pois que ella está tão annexa á Natureza racional e methaphizica do homem, e de todas as suas acções moraes, que ajunta a investigação, o saber outr'ora mais recommendado pelos nossos maiores — *nosce te ipsum.* —

Folheando as paginas da historia da raça humana, damos logo com a das paixões; e apenas inceta o homem a sua existencia começão ellas a move-lo a seo arbitrio. Apparece a *vergonha*, essa paixão penitente, consciencia de haver delinquido, que segue a terrivel pergunta feita ao primeiro homem; *Adame ubi es?* (Gen. cap. 3. § 9.) Apparece também a *dissimulação* em desculpa, paixão indigna de uma alma franca, e resultado do temor combinado com o crime; ella deo-me da arvore que tu prohibiste, e eu comi: — *mulier, quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, et comedi.* — (Gen. C. 3.) dahi a pouco, que odio! Que mortifera colera! Do primeiro nascido contra o seo fraco, e innocente irmão.

Nós poderíamos exgotar o assumpto sem nos afastarmos das sagradas paginas, por nos offerecer topicos originaes nu-

merosos e ricos ; porcm busquemos outras fontes , e encaremos o objecto por todos os lados : e a respeito do que temos dito em resumo diremos, que nos na immensidade deste vasto Universo, só temos certeza do conhecimento de nós mesmos , e das relações , que nos ligão aos outros entes ; e como esta verdade é authorizada pela experiencia , tãobem é o ponto unico d'onde com certeza partem todos os nossos raciocinios ; porque tudo mais nos são hypothesez conjecturas , e finalmente incertezas ; visto que o caminho do erro é infinito, e o da verdade é um.

O estudo do homem de qualquer forma que se o considere é o emprego mais nobre, e o mais sublime, á que elle se pode dar, e para a humanidade é a sua verdadeira escola.

Grande Deos é magnifica a Obra da tua creação, e em toda a parte tu te mostras immenso : teve razão o Psalmista (Ps. 18) quando a teu respeito disse — *Celi enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annunciat firmamentum* — Os Ceos publicão a gloria de Deos, e o firmamento annuncia as obras das suas mãos.

ESTROPHE 5.<sup>o</sup>

Sem ti, Eterno Ser, ninguém podéra .

O veo mysteriozo

Que encobre a creação, com mão sincera  
Rasgar ; e descobrir maravilhozo

Principio luminoso ,

Que a origem fecunda da existencia  
Do Orbe faça ver com evidencia.

ANTESTROPHE 5.<sup>o</sup>

Tece embora, escriptor endurecido,

Philosopho arrogante,

Extenso fio nunca interrompido

De seres que perecem : se um instante

Vacillas inconstante

Sem novo anel prenderes á cadêia,

Do teu mundo desfaz-se até a idea.

## EPODO 5.

Abre os olhos e estende  
 Do frio norte ao sul tempestuoso,  
 Ou antes ao lugar onde fermoço  
 O louro sol descende,  
 Com passo agigantado mede a terra,  
 E com raios a noite escura aterra.

## EPODO 11.

Os Ceos, a terra, os mares,  
 Do Creador á lei obedecendo,  
 Se estão nos seus limites revolvendo  
 Per modos regulares:  
 O homem só, rebelde as leis despreza  
 Do Supremo Senhor da Natureza.

*P. Caldas Ode á ex. do Deos.*

distinctivo (1). Muitos authores não admittem sentimento que partilhão dos dois estados da alma de que já fizemos menção; pelo que nós pensamos differentemente, visto que a nossa imaginação não acha esse traço divisorio em objectos moraes.

A inveja por exemplo é um sentimento mixto; pois participa dos diversos modos de ser da alma. As affecções ou affectos brandos obrão sobre o coração; e os patheticos obrão sobre a imaginação. As paixões geralmente fallando principiãõ sempre pela apparencia ou oppinião de um bem, ou de um mal; (que em outra linguagem se diz por *sympathia* (2) ou *antipathia*) se de um bem nasce o amor, se do mal o odio: o bem pode ser ou presente ou futuro; o bem presente dá nascimento ao prazer; e o futuro ao desejo; o mal se é presente gera a dor; se é futuro gera a tristeza e medo. Assim nós julgamos que todas as paixões nascem do prazer, e dor, o prazer dá nascimento ao amor, e a dor ao odio, e todas tem por principio um motivo que é o interesse bem entendido. —

Em sempiterno eclipse a formosura  
Da Natureza entrou, mudou-se em sombra  
A luz, que outr'ora o rosto banhava;  
E do mortal no combattido peito  
Se accendeo das paixões a guerra insana:  
Cercou-lhe o coração falange armada,  
Liberdade, e razão sem força cedem;  
E o claro entendimento annuviando,

---

(1) One or other of the three terms, *Passion*, *Emotion*, *Affection*, is always employed to express the sensible effects which objects, or ideas concerning them, have upon the mind; but they are so frequently employed in a vague and indeterminate manner, that some difficulty attends the attempt to restore them to their precise and discriminating significations.

*Cogan a Philosophical. Treatise on the Passions pag. 2<sup>a</sup> part. 1.<sup>a</sup>*

(2) A palavra *sympathia* vem do Grego — *Syn* — com o de *Pathos* affecção; ella consiste em certo consenso de acção, ou affecção estabelecida entre orgãos mais ou menos remotos, e analogos. ou dessemelhantes, seja por sua estrutura, e vitalidade, ou por seus uzos.

(*Legouas.*)

Da escravidão se apraz, seos ferros beija.  
 O proprio amor desordenado, e cego,  
 Dos males todos fonte envenuada,

Se lançarmos as vistas nas diversas obras de Physiologia, e Pathologia, veremos, que os authores não concordão no verdadeiro sentido desta expressão, por isso que cada um a quer applicar ao objecto que tem em vista; quer ao organismo sam, quer no estado de molestia, e quer á moral; e lhe dão o sentido segundo as ideas que tem. Tissot, as considera debaixo de dous pontos de vista; no primeiro tem em consideração o ponto donde ellas partem, e chama-as sympathias activas, e no segundo tem em vista o lugar onde terminão, e chama-as sympathias passivas. B'chat reconhece que a sympathia pode ser ou de sensibilidade, ou de contractibilidade, segundo que ellas modificão estas duas potencias da organização. J. Hunter já se afasta do sentimento destes dois escriptores, e diz serem ellas ao seo ver, já de continuidade, já de contiguidade, e finalmente remotas; e conforme as partes que ella faz entrar em acção, podem ser continuas, ou contiguas ou remotas. Jouly, só reconhece dois modos de ser das sympathias, que são de sentimento, e movimento. Tem-se recorrido a diversas cauzas, para se explicar os phenomenos das sympathias: uns attribuem ao systema nervozo, como meio de communicação dos orgãos, e que liga as funcções e as affecções: outros dizem que no systema vascular é que as sympathias se desafião, por intermedio das anastomozes: outros a continuação de estructura e mesmo de associação, donde deo origem a se chamar as sympathias umas vezes nervozas, outras de fluxos de liquidos, outras de estructura e de associação &c.

As sympathias podem tambem ser ou geraes ou particulares: as geraes são as que desafião perturbações de funcções de muitos orgãos; a gastro enteritis está neste cazo: as particulares, são as que não saem fora da orbita de certos orgãos, como notamos no utero para com as mammas. As sympathias de qualquer forma que se as considere, podem ser de dois modos: naturaes, e preternaturaes; as primeiras são as que servem á desafiar um numero de funcções precizas; como por exemplo a erecção pela vista do objecto que amamos; o tédio pela de certos manjares; os desejos extravagantes pela ideia de outros.



No coração firmou-seo ferreo throno ,  
 A multidão de indomitos caprichos  
 A Côrte atroz do Dêspota formárão ;  
 Sobre a luz da razão seos vãos desdobra ;  
 Fantasmas vâas , verdades se Ihe antólhão ;  
 Abraça illuso imagens da ventura ;  
 Novo Ixião da Fabula , procura  
 Divindades tocar , e abraça nuvens.

As sympathias preternaturaes são as que em lugar de dezañar mudanças saudaveis , provocão as pathologicas dos orgãos dos que com elles sympathizão — As sympathias ( diz um medico Portuguez o Dr. Antonio de Almeida ) de associação , não só tem lugar entre os orgãos de um individuo , mas passão aos outros individuos da mesma especie por meio das impressões que recebem os orgãos dos sentidos , as quaes , communicadas ao cerebro , fazem que a influencia d'este produza nos orgãos analogos os mesmos movimentos , daqui vem que um homem boceja quando vê bocejar outro , tem vontade de omer quando vê comer , salta e faz movimentos regulares ao som da muçica que o affecta sem accordo do que está fazendo , &c. o amor , e a amizade , unica<sup>s</sup> bases de todos os vinculos sociaes , são igualmente effeitos das sympathias de associação ; e quanto mais homogenias forem as qualidades dos individuos , mais estreitas serão as sympathias , verificando-se o proverbio , que diz cada qual ama seo semelhante : o contrario acontece quando as qualidades individuaes são heterogenias ; porque as impressões desagradaveis , e por tanto molestas , que taes qualidades produzem nos orgãos dos sentidos , fazem com que o cerebro influa naquelles orgãos , cujos movimentos afastão os individuos das coizas nocivas , ou repugnantes seguindo-se uma repulsão chamada antipathia . — Não conhecemos até o prezente a cauza da antipathia ; alguns querem attribuir a muitas cauza , as quaes á nosso ver são tão futeis que não nos merece apon-  
 ta-las ; pelo que nós supomos que a mais poderosa , é uma repugnancia natural , nervosa , proveniente de uma impressão desagradavel que a presença do objecto nos cauza . A antipathia se differença do odio , e mesmo da aversão , pela maneira de obrar ; a primeira é irreflectid<sup>a</sup> , em quanto que o segundo é mais razoavel .

Clama, que sobe ao Templo da Memoria  
 Na fortuna das armas, e ensaiando  
 O cego peito á rabida carnagem,  
 Faz raios do Universo o Corso, ou Cesar;  
 Delirante Alexandre estreitos julga  
 Os limites do Mundo, e lhe parece  
 Muito apertado o circulo da Terra;  
 Como cativo em carcere se ancêa;  
 Inda reputa numero pequeno  
 De seos escravos os humanos todos:  
 Assim lhe tapa os olhos, e lhe entorna  
 No peito a embriaguez de gloria, e nome  
 A' franqueza mortal dobrando as forças.

Surge outra Furia lugubre, e funesta,  
 Tyranno Amor, que em vergonhosos cepos  
 Mette escrava a razão, e ao carro atados  
 Leva em cadêas vis Seneca, e Zeno,  
 O velho curvo, o flórido mancebo,  
 Eis sai de infernal carcere o ciume,  
 Qual venenosa Vibora, e retalha  
 O mortal coração, e ali se nutre  
 De suspeitas fantasticas, que fórma.  
 Rompem do Abismo escuro as Furias todas,  
 Odio, Cobiça, sordido Interesse;  
 Dos vicios o mais feio a torpe Inveja,  
 A quem o mal apraz, e o bem desgosta;  
 (E' seo sustento o livido veneno,  
 As armas só depõe, repouza um pouco  
 Quando a virtude, e o Merito se esconde  
 Nas sombras sepulcraes: no altar da Morte  
 Dessangrou ella a victima primeira;  
 Ao mal seguro tímido Valido  
 Por entre nuvens d'ouro, e de escarlata,  
 Lhe faz ver seos rivaes; a dura espada

Do vingativo atroz sustem na dextra ,  
 Grita que é lei vingar-se, e que é virtude  
 Das almas nobres a vingança , seja  
 Embora a affronta vã , supposto o ultraje.)  
 Foi destes feros horridos Tyrannos  
 Ludibrio o coração ; mesquinho escravo ,  
 O duro Imperio soffre , o sceptro beija ;  
 Da crua guerra é victima , e theatro ;  
 Frente a frente comsigo entra em combate.

*Macedo Med. cant. 1.º*

#### SÊDE DAS PAIXÕES.

Os antigos admittião no grande sympathico, e principalmente no ganglião semilunar, ou plexo solar situado sobre a baze dos pilares do diafragma, a sede das paixões: Van-Helmont é de opinião, que ellas rezidão no ganglião cardiaco, e centro aponevrotico ou frenico do diafragma. Outros querião que o estomago fosse a sua sede: porém Gall é de parecer que as paixões tenham a sua sede no cerebro, e não nos gangliões do sympathico; e que ellas dependem não tanto da vontade, quanto do instincto; e traz á exemplo ç os animaes inferiores ao homem não sentem paixões!

Quanto a esta maneira de sentir de Gall nós não estamos de accordo bem que reconhecamos engenhozo o seo systema e doutrina.

As inclinações, que se observão nos animaes não se podem verdadeiramente chamar paixões; e se lhe damos este nome é por não conhecermos outro, que exprima os phenomenos moraes dos animaes: ç e o que è que se nota na natureza das paixões? phenomenos certamente mui diversos: as paixões estando debaixo do imperio da vontade, só o homem por excellencia as pode modificar, dando-lhes o colorido que melhor lhe convier. Proschka quer que as paixões tenham sua sede

no coração sub a influencia do 8.º par de nervos: bem como Vanvenarges admite que os grandes pensamentos trazem sua origem do coração. Estas duas opiniões foram abraçadas pelo Professor Gibert de maneira a lhe fazer dizer (R. sur. l' Eloq. l.º 1.º C. 41. art. 2.º) que o nosso coração é um procellozo oceano, cujas agitações todos ainda os mais peritos não sabem ao certo melhor do que os pilotos os mais praticos conhecem o numero dos ventos que agitam as aguas do mar &c. Longino (trat. do sublime) é quaze do mesmo parecer, por seguir o que se passa no coração no momento, em que as paixões obrão. Magendie quer, que as paixões não tenham séde, e diz = fallaremos nos da séde das paixões? Diremos com Bichat que ellas rezidem na vida organica, ou melhor ainda com os antigos, e alguns modernos que a colera rezide na cabeça, a coragem no coração, o medo no ganglião semilunar &c.? Mas as paixões são sentimentos internos; ellas não podem ter séde. Ellas rezultão da acção do systema nervozo, e particularmente da do cerebro: ellas não admittem alguma explicação. Convem observa-las, dirigi-las, calma-las, ou entrete-las, mas não buscar explica-las.

Mr. Vaidy (Dicc. das S. Med. Art. P. p. 425) quer que ellas não rezidão no cerebro; e nem dependão das faculdades intellectuaes; e sim do systema nervozo visceral; fundando-se no estado em que a alma se acha quando o homem está apaixonado, e não experimenta por si mesma paixões: e diz (pag. 427) = assim o espirito forma nossas concepções. Na verdade d'elle dependem nossos conhecimentos, qualidades que nascem da experiencia, ou são adquiridas, por virem de fora: ao contrario o sentimento é innato, ou natural em nós, elle determina nossos costumes, nossas inclinações, e nossa conducta, muitas vezes contra toda a razão; porque ella nos arrastra. A infancia, e a mocidade succumbem quazi sempre á torrente das paixões; a idade madura se dirige antes pela luz da razão, e da experiencia. Assim nosso coração é o primeiro desenvolvido, em quanto que o cerebro demanda longos estudos, e uma educação para se formar; convem quazi sempre, que a educação comprima as affecções do coração

e dilate as faculdades do espirito. No animal, o coração ou as affecções moraes predominão; no homem racional são as faculdades intellectuaes. A razão duvida, e por isso busca a verdade; mas a paixão crê tudo, até no erro; porque aspira á saciedade. O espirito pode ter defeitos, ou extravagancias; mas o coração tem virtudes, ou vicios; tanto a Natureza moral sente, e se move ás cogas, assim tão bem a Natureza intelligente conhece, e quer com liberdade = .

Mr. Rostan admite no cerebro a séde das paixões; e fazendo a distincção de affecções, e paixões diz, que aquellas se applicão a faculdade de conhecer, e raciocinar em quanto que estas são subordinadas as primeiras, por serem o resultado do sentimento propriamente dito, das emoções da alma, e que umas vem pelos sentidos, e as outras são sequencias da faculdade de sentir; e que esta tem sua séde no cerebro. De mais reconhece que o experimentar necessidades, geralmente falando está na essencia da organização: com o apparecimento dos órgãos apparecem os desejos de os pôr em movimento, e o exercicio accarreta perdas, e destas a necessidade de as reparar; as necessidades produzem desejos, os desejos a vontade, e a vontade as paixões; e que conforme o grão dos desejos, e das necessidades nós sentimos affecções, e paixões, cujos actos tem sua séde no cerebro.

Mostra que não partilha do sentimento de Cabanis, e Gall por serem elles excluzivos; o primeiro fundou sua opinião no organismo inteiro; e o segundo em um órgão especial, como por exemplo o amor ter sua sede no cerebello &c = As paixões (p. 265 Cours Elementaire d'Hygiene. 2.<sup>o</sup> ed. t. 2.<sup>o</sup>) não são mais que desejos, necessidades violentamente sentidas; ellas tem sua séde no cerebro, mas sua causa está em toda organização. As paixões não são em geral senão um sentimento instinctivo levado á excessão, assim como o instincto é o resultado da organização. O desejo foi dado (p. 266) ao homem para por meio d'elle o obrigar á viver; e por isso é a primeira cauza da existencia. Não é duvidoso que sem desejo deixará de existir; porque o que seria a vida sem elle? Acabamos de ver que elle é o resultado necessario da organi-

zação. Elle não é particular ao homem, bem que o homem de-zeje mais que os outros animaes ; porque estes entes como elle, acabarão logo, se nada dezejarem. Os desejos são pois necessarios ; ás paixões, que não são senão dezejos violentos, são necessarias taõbem ; ellas são o mais poderoso mobil de todas as nossas acções ; a origem de todos os talentos, e de todas as virtudes ; se ellas produzem todos os vicios, e todos os crimes, isto não é senão por aberrações excepçionaes. Tem-se dito que as paixões não sendo mais que a exaggeração da acção de um órgão, não podem jamais ser um bem, ao menos para o individuo ; eu devo confessar, que me é impossivel partilhar esta opinião á pezar do ridiculo, que se tem exforçado alguém de lançar sobre a opinião contraria. =

Pelo que acabamos de ver suppomos, que o celebre Rostan claudica em sua opinião, porque admittindo a séde das paixões no cerebro nos faz ver ser o desejo o primeiro mobil, ou a base de todas as paixões : sendo assim tacitamente nos faz crer que ellas tem sua séde na alma ; influenciada pelo systema nervozo de cujo parecer nós somos : porque o desejo na linguagem de quazi todos os Metaphyzicos é uma faculdade da alma ; e um grande Mestre da Escola philozofica Franzeza La Romigniere, no seu systema dá uma tão grande importancia ao desejo, que lhe dá o primeiro lugar entre as faculdades volitivas da alma. La Romigniere reconhece no sujeito pensante duas faculdades elementares, que são *intelligencia, e vontade* ; subordina na primeira tres faculdades que são — *atenção, comparação e raciocinio* — : e na segunda — *desejo, preferencia, e liberdade*. — Ora já vemos que é da essencia do *Eu immaterial* o dezejar ; e se é assim, não podemos exclusivamente dar a um instrumento propriedades que lhe não pertencem.

Nós sabemos, que todas as experiencias que se tem feito no cerebro dos animaes para se reconhecer a priori suas propriedades, ou funcções tem sido baldadas ; e como por meras supozições phyziologicas queremos á posteriori deduzir com certeza do que não conhecemos ? Eu tão bem sei que o celebre Rostan encara o homem, e o estuda debaixo das vis-

tas phyziologicas ; abstrahindo o homem moral o que jamais se pode fazer; porque sub o mesmo ponto de vista nós tão bem o estudamos ; e por mais que combinemos idéas no conhecimento do organismo, de forma alguma o podemos separar quando temos de considera-lo em sua totalidade. O cerebro anatomicamente falando tem sido mais ou menos conhecido pelos grandes trabalhos que se tem feito nestes ultimos tempos ; e quanto ás suas funcções nada se tem podido avançar de positivo porque o mesmo homem das experiencias , o grande Magendie , phyziologista sem par, nada tem podido conseguir , de facto , que nos esclareça ; e tratando do cerebro (Phyz. T. 1. p. 217 3.<sup>a</sup> ed.) diz: = « o que a Natureza do homem apresenta de mais maravilhoso , e de mais sublime a intelligencia , o pensamento , o instincto , as paixões , e esta admiravel faculdade pela qual nós dirigimos nossos movimentos , e exercemos a palavra , &c. &c. são phenomenos de tal sorte dependentes do cerebro , que muitos phyziologistas os designão pelo epitheto de funcções cerebraes.

Outros phyziologistas — levados , e inspirados por crenças religiosas as considerão como pertencendo a alma , ser de essencia divina , um de cujos attributos é a immortalidade &c. =

O mesmo Auctor na continuação deste paragrafo faz ver que não segue em seo estudo oppinião alguma nos phenomenos da intelligencia , para não cair nos erros em que grandes homens se tem submergido. Magendie é claro em seos pensamentos ; pois diz que estes phenomenos de tal sorte são dependentes desse órgão ; nos persuadindo que elles não são exclusivamente do cerebro , visto reconhecer a grande dificuldade em dar o seo juizo. Nesta parte elle pensa como Cicero quando escreve a respeito da Natureza dos Deozes — (L. 1.) quando diz: qual é a coiza mais forte do que a temeridade ? Ou que coiza ha tão temeraria , e tão indigna da gravidade , e da constancia do Sabio , como afirmar falsamente , ou defender com segurança o que ainda não está explorado , e sabido ? — *Quid est enim temeritate fortius ? Aut quid tam temerarium , tamque indignum sapientis gravitate , atque constantia , quam aut falsum sentire , aut , quod non satis explorate perceptum , sit , et cognitum ,*

*sine ulla dubitatione defendere?* Abstrahindo o systema de La Romiguiere, para provarmos o contrario do que tem dito Rostan a respeito de admittir no cerebro as paixões, bem como o dezejo ser uma propriedade sua, basta copiar-mos o que diz Garnier ( P. de Psy. Capit. 3º. pag. 115 ) quando trata dos phenomenos complexos de sensibilidade, e diz: — Gozar, e sofrer, taes são os phenomenos os mais simples da sensibilidade. *Amar e aborrecer* já são complexos; elles implicão o conhecimento do objecto, que nos cauza prazer ou pena. Quando estas palavras s'empregão em vista de um objecto inanimado, não exprimem mais, que a disposição em que estamos de sermos agradavel ou desagradavelmente affectados. Quando se empregão a respeito de alguém, elles exprimem em outro o prazer, ou o desprazer, que se experimenta em lhes procurar succeder ventura, ou desgraça; e mesmo o dezejo de lhe ver chegar um ou outro. Este phenomeno é pois aqui mui complicado. Nos acabamos de chama-lo *dezejo*; é tão bem segundo nossa oppinião complexo. O desejo nos parece ser a pena que nos cauza a *auzencia* d'um prazer conhecido. Acontece algumas vezes, que um prazer está auzente, sem que nos sistamos apenas de sua auzencia; logo que esta auzencia torna-se penivel, é o *dezejo*. O desejo implica o prazer anterior, a lembrança deste prazer, e pena de sua auzencia. Se o objecto que tem causado o prazer é conhecido, a lembrança deste objecto se mistura com a lembrança do prazer que elle tem produzido em nós; e a auzencia deste objecto nos é penivel, porque a falta do prazer, que nos tem causado faz-nos experimentar neste mesmo momento a pena. O desejo implica tão bem o juizo, que o objecto pode reiterar, se este juizo tem um grão maior de probabilidade, o phenomeno toma o nome de *esperança*; se se julga que o objecto não pode reiterar a pena de sua auzencia, toma o nome de *pezar*. O desejo, e o pezar estão sempre em razão directa do prazer que o objecto nos tem causado. Todo o amor quando s'õ abandona alem dos limites ordinarios, toma o nome de paixão; se este excesso é condemnado, ou reprovado pela noção da moralidade d'elle resulta uma paixão culpavel como a voracidade, depravação &c.



Se em nada fere ou perturba a moral, resulta uma nobre paixão como a das bellas artes, da verdade, da beneficencia, & . . . O que se chama um sentimento *ficticio* não é mais que um sentimento *natural*, que pelas circumstancias particulares, ou por um falso raciocinio tem-se achado desenvolvido, sobremaneira em prejuizo de outros sentimentos.

Assim a saudade que um prisioneiro algumas vezes experimenta em deixar sua prisão, se explica pelo prazer que nos cauzaõ os objectos com os quaes nós longo tempo temos vivido. Tão bem o amor do aváro para seo ouro, se explica pelo falso calculo, que lhe faz crer mui numerosas as relações que tem de o arruinar, pelo amor de sua conservação, e associação das idéas, que desenvolve este amor sobre as coizas necessarias á vida, e sobre o meio que as obtem. A amizade o amor da patria, a admiração, o enthuziasmo, o amor da glória, são entre os sentimentos complexos aquelles que offerecem á analyse os objectos os mais interessantes.» =

Não nos arrojamõs mais á refferir sentimentos de outros auctores a respeito da *sêde* das paixões; porque ainda outras idéas temos ante os olhos á tractar-mos; bem que deveres de circumscripção nos não são impostos, com tudo é tempo de dar-mos a nossa opinião á respeito do mesmo objecto; e é que *as paixões tem primitivamente sua sêde n'alma, e subordinadas ou dependentes da acção nervoza.*

Dois elementos essencialmente distiactos; dois elementos por sua natureza differentes, constituem o que chamamos homem: que são *corpo*, e *alma*. O corpo está sujeito ás invariaveis leis da Natureza, que prezidem a todos os corpos; o corpo com a extinção da vida se reduz por meio da decomposição à seos elementos primitivos, e entra para o seio da Natureza d'onde saio. (1) (Lede. P. Beclard, Anatomia Geral. secc. 2.<sup>a</sup>; e D.

(1) Em successão continua os Entes passão;

Entre esta lei commum, eu posso acaso

Ter outra, além de tûmulo, existencia

(Onde a morte não chegue) eterna, e firme?

E não vejo cahir na sepultura,

Vasto Imperio das cinzas, e das sombras,

da Existencia de Deos por Fenelon. Cap. 4.º art. Homem.)  
A alma, substancia simples, activa, intelligente, e seusivel,  
desligando-se da sua misterioza, e incomprehensivel união para  
com aquelle, existirá sem mescla em quanto durar a Divin-  
dade. (2)

Sendo o homem, como já fizemos ver, expeculativo por xe-

A cada instante os miseraveis entes,  
Quaes do robusto segador a foice  
Cahem no campo as palidas espigas?  
Pôso; que nesta habitação terrena  
Existe, e móra simplice substancia  
Incorporea, immortal: assim do Eterno  
O quiz a immobil lei: silencio, ó Musa,  
Tú não penetras a enrolada nuvem,  
A occulta ligação, que prende occulta  
A simplice substancia á terrea massa;  
De uma e outra a reciproca harmonia,  
Mistura de concordia, e de tumulto,  
Continuada paz, perpetua guerra,  
Impérvia sempre a humano entendimento!  
A razão neste pélago se engolfa;  
Qual sem a douta Bússola o Piloto  
Entre cerrado escuro nevoeiro,  
Que tolhe a vista da Polar Estrella,  
Pelos mares Austraes s' entranha, e perde.  
Eseuto, sinto a lei, e o mais ignoro.  
Desta união mysteriosa nasce  
Pasmoso um *Todo* harmonico, perfeito.  
Alternativas sensações se passam  
De uma em outra substancia, e sempre ignóto  
Fica o canal.

Macedo Med. 1. p. 11.

(2) Muitos philozofos tendo reconhecido e provado a existencia d'alma, pretendirão descortinar o mysterio da sua união ao corpo, assim como, a maneira de obrar destas duas substancias; visto observarem, que as propriedades são diferentes. Não obstante os materialistas negarem a existencia do *Espirito*, e tudo attribuirem ao jogo phyziologico do organismo, com tudo, os factos da intelligencia protestão contra esta hypothese. Os espiritualistas tem imaginado diferentes systemas, para explicarem o meio de união d'alma para com o corpo, e as mais celebres hypotheses são =; as cauza occazonaes de Descartes e Malebranche, a

cellencia, e não contemplando somente esta existencia que lhe foi confiada, pouco duradoura, e material, estende suas vistas penetrantes e curiozas, ao segredo de sua propria essencia; elle cuidadosamente a investiga, e quanto mais confronta suas idéas, tanto mais se entranha no vasto oceano das reflexões; elle acha no mundo intellectual caminho á percorrer; e por fim penetrando o segredo da immaterialidade, elle reconhece e se convence da existencia desta chama celeste emanada do *Ente Supremo* no momento da creação, a que chamamos —*alma*—. Se buscamos conhecer a sua indentidade, a achamos em si mesma; por ser o centro unico d'onde evidentemente partem os admiraveis phenomenos da intelligencia, da actividade, e da sensibilidade.

Não temos necessidade de recorrer á escriptura sagrada, (como o livro mais antigo que conhecemos) para fundar-mos os nossos argumentos; porque logo que principiamos a pensar, e experimentamos as primeiras sensações, tão bem sentimos a necessidade de distinguir o sujeito que pensa, dos órgãos que conduzem as imagens ou as impressões, que nos causarão os objectos exteriores; o que se consegue pelo raciocínio. Vemos de mais que o sujeito pensante em todas as suas manifestações variadas, elle se considera o mesmo; e não muda a sua primeira essencia, ou maneira *de ser*; assim, para pensarmos deste modo bastava-nos a consciencia e as suas faculdades, para nos afirmar a sua existencia; porque a materia por mais bem

---

harmonia prestavel de Leibnitz; o influxo physico de Euler; e o mediador plastico de Cordworth. Os Physiologistas que reconhecem a realidade da existencia d'alma, tem querido, cada um á sua maneira, explicar o meio de communicação das duas substancias, uns tem recorrido a electricidade, e outros ao fluido nervozo &c.; porém ao nosso ver, assentamos que todos se tem esbarrado, por não darem uma razão sufficiente. Nós não nos arrojamos a dar a nossa opinião, porque ha certos phenomenos na Natureza, que o melhor é observa-los, do que pretender explica-los; e só o que avançamos é, que por isso mesmo, que a coisa se torna difficil á explicar-se nisto mesmo está a sua existencia; por que se nós conhecemos a Deos é somente pelas maravilhas do universo, e ninguem me dirá que já vio a Deos impunimente; e no entanto é certa a existencia dessa Entidade Suprema.

combinada que sêja, e por mais bem organizada que s'á considere, jamais produzirá o *pensamento* e o raciocínio. Existindo no homem uma *entidade* desta natureza, sua existencia deve ser continua, e indivizível; um só ente, e não muitos; porque nossa sensibilidade, e nossa actividade não pode ser devida senão á um só principio, a úma unica substancia, sempre a mesma e indivizível, em suas sensações, e em seos actos &c. O que acabamos de dizer, é uma verdade attestada pelo senso intimo; e a mesma razão, e experiencia, a cada passo nos faz ver, que o exercicio das nossas faculdades seria impossivel ser executado, se o principio intelligente fosse multiplo. Demos o cazo que seião muitos os sujeitos pensantes, ou um composto de partes, o resultado seria o perguntarmos: onde collocariamos as sensações, as idéas e a vontade? Ninguem, assentamos, nos poderá rêsponder; por que a vontade, ou outro qualquer acto da alma reñdiria toda em cada *Eu*, ou em cada parte do *Eu*; e então teriamos muitas vontades ao mesmo tempo; e não supomos que uma igual determinação, ou uma acção tenha lugar; porque ao mesmo tempo haveria diversidade em seos grãos. Sendo ou existindo em diversas partes do *Eu* a vontade, o que teriamos em resultado seria fragmentos de vontade; o que jámais podemos conceder por ser absurdo. O mesmo argumento se pode applicar aos outros actos da intelligencia. Finalmente diremos, que o *Eu* immaterial é um e indivizível em suas affecções e faculdades; em seus pensamentos, e em seus actos; e que não há em nós dois sujeitos pensantes, um que prezida a idéa do bem, outro a do mal, que nós pode acontecer, e sim um unico *Ente* onde se concentão os prazeres e as penas, o amor, e ódio; e que este centro intelligente é distincto do aparelho organico, e das funcções dos mesmos orgãos. Tudo o que temos dito a respeito da existencia d'alma não é filho tanto da Religiozidade, quanto somos forçados a crer por convicção; porque ainda não encontramos quem nos explicasse o que é a consciencia (3), terrivel tribunal, annuncio do cri-

(3) Consciencia que és tu?... fiel relógio,  
Obra prima do artífice supremo,

me onde o homem é julgado com a maior severidade; se elle foge, ella o acompanha por toda a parte, aguilhoando-lhe o coração com mil reprovações, e chamando-o á moralidade; onde é a sua sede; &c. Quem é o que contempla as verdades eternas e eleva o pensamento até a Divindade, o que é o amor da justiça, o que é o amor da humanidade, e finalmente o que é a virtude! Quem foi que levou o celebre Bispo de Chiappa, o immortal Lascazas da Europa a America, só por amor da humanidade ultrajada! Quem deo taptaragem, e paciencia a Jób, varão sincero, e recto, que sobrebranceiro ás desgraças nem em perder sete mil ovelhas, tres mil camellos, quinhentas juntas de bois, quinhentas jumentas, sete filhos, tres filhas, e familia numerozissima, blasfemou contra Deos! antes rasgando as vestes tosqueiando os cabellos, prostrado em terra o adorou; dizendo-lhe: (Job. Cap. 1. § 21) = Nú sahi do ventre de minha mãe, e nú tornarei para ella: o Senhor o deo, o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim succedeo: bendito seja o nome do Se-

Que ao homem la no fundo d'alma aponta  
 Delictos e virtudes! de ti fuja  
 Quem lembrança do crime afflige, aneia.  
 Desgragado, ó Lieutard, o que as mãos impias  
 Tyranno cruentou em sangue humano,  
 Se fugindo a si mesmo escapar pensa  
 Nos solitarios bosques embrenhado:  
 Companheiro fiel dos reos, o medo  
 Vai em seo coração, e lhe põe  
 De phantasmas sem conto a oppressora ideia.  
 Brando murmurio de agitadas ramas  
 E' do trovão o estouro que annuncia  
 O raio vingador do Omnipotente.  
 Pequeninno regato, que deriva  
 Per entre alvos seixinhos saltitante,  
 Os brados com que o sangue despartido  
 Clama vingança aos ceos: e em toda a parte  
 Sombras, ventos, outeiros, que figura  
 Mil lémures de aspecto carrancudo,  
 Lhe quebrão tanto os olhos, que endoudece.

nhor. — *Et dixit : nudus egressus sum de utero matris meae , et nudus revertar illuc : Dominus dedit , Dominus abstulit : sicut Domino placuit , ita factum est : sit nomen Domini benedictum* — . Quem é o que consola o mizero na indigencia ! o opprimido na desgraça , a innocencia inmolada por crucis , que não respeitão a virtude , e nem a humanidade soluçante ; senão duas unicas idéas , a doce lembrança de uma infinita providencia , que não dorme , e sim vela sobre a obra de sua criação , e a consolação de um gloriozo discaço sem fim em premio de suas desgraças , e de suas virtudes. São tão verdadeiras , e naturaes estas nossas ideas , que machinalmente as sentimos sem que nos digão. O selvagem por mais brutal que seja , e por mais solitario que viva , quando é acommettido por força superior , implora soccorro do Céu , elevando para elle as mãos e batendo uma na outra ; indicando ao seo oppressor que se uzar com elle de brandura , ou lhe perdoar , terá na patria dos piedozos lugar distincto em premio de sua compaixão. A historia das Americas estão cheias de factos , que bem provão o que dizemos , á não mentirem seos authores. A vida de José 2.º Imperador d'Alemanha , é um modelo de virtudes sublimes : n'elle achamos resumido tudo quanto ha de grande : com o afflicto chorava , ao mizeravel soccorria , ao orgulhoz abatia. Que heróe ! Não ser a sua vida eterea !

Vem sempre tarde unir-se ao homem a experiência , e é só na idade madura que ella apparece , e logo que se avizinha , muda no homem aquelles sentimentos , aquellas idéas que nos primeiros dias da vida adquerio. Nós podíamos referir muitos cazos acontecidos com grandes homens a este respeito ; porem deixamos á leitura da historia o dizer por nós. (4)

---

(4) Na obra do Dr. Debreyne (intitulada Pensamentos d'um crente catholico), se lê que Cabanis depois de 4 annos da publicação da sua obra , sobre as relações do phyzico e moral do homem , elle reconheceo , em uma carta publicada em 1824 a um dos seos amigos sobre as cauzas primeiras , um Ente superior intelligente livre , activo , soberanamente poderozo , justo , bom , cauza de tudo quanto existe no mundo ; bem como a existencia d'um principio particular o *Eu* cauza dos phenomenos moraes do homem dotado de vontade , e intelligencia

Jouly no artigo cerebro (Dice de Med. e Cir. Prat.) pretende achar no systema nervozo o instrumento material da intelligencia, sem adjutorio dos outros órgãos, e que a sensibilidade, intelligencia, juizo, vontade &c., são funcções do cerebro: o que justamente é falso; porque o systema nervozo é encarregado pela natureza a receber as impressões que os objectos externos lhes communicão, e transmitti-los immediatamente: estes sentimentos são levados áo interior onde são apreciados: a sensação não é senão um acto simples, e a simplicidade deste, só pode ser apreciada por coiza que tenha a mesma natureza. O juizo é o resultado de combinações de actos simples, rezultante de impressões que se recebeo, e não combinações materiaes. A idéa que temos de um sentimento é a imagem do objecto que a cauzon; e se fossem combinações materiaes o resultado seria diverso, como se nota nas experiencias chemicas &c. A segunda funcção é não só activar as funcções dos órgãos, como pô-los em movimento. Além disso, a sensibilidade é a facultade, que a alma possui de ser affectada de qualquor forma que seja. Sub este acto, tres classes de phenomenos notamos como sejam phizicos, moraes, e intellectuaes: assim como nós temos tres sortes de

devendo prezistir depois da dissolução do corpo.

Georget seguiu as pegadas de Cabanis, não admittindo uma substancia espirital ou a alma; mas não tardou em reconhecer o seo erro; por que dois annos antes de sua morte declarou em seu testamento a retractação das suas opiniões, e que se lhe desse toda a publicidade possivel: ex-aqui a retractação que fielmente traduzimos da obra citada do Medico Debreyne (que tao bem foi copia do archivo de Med.) = *Em 1821 na minha obra sobre a phyzilogia do systema nervozo, eu professei declaradamente o materialismo. O anno antecedente publiquei um tractado sobre a loucura, na qual eu enunciei principios contrarios, ou pelo menos, expuz idéas em relação com as crenças geralmente recebidas; e apenas tinha eu publicado a phyzilogia do systema nervozo, que novas meditações sobre um phenomeno bem extraordinario o soaambulismo não me permittirão mais duvidar da existencia em nós e fora de nós, de um principio intelligente inteiramente diverso das existencias materiaes; isto será se quizerem a alma e Deos. Ha em mim á este respeito uma íntima convicção fundada sobre factos que julgo incontesteis.* =

sensibilidades, que são sensibilidade physica, que é, a que é posta em acção, pela presença dos objectos que nos rodeião; e comprehende os gozos, e as dores do corpo: sensibilidade moral, que é, a que é determinada pela acção de um ser dotado como nós de intelligencia e vontade; e comprehende todos os gozos e penas do coração; sensibilidade intellectual, que é, a que é provocada pelas differentes noções da intelligencia; e comprehende os prazeres e penas do espirito.

Ha dois phenomenos além destes na sensibilidade, que são a impressão que o objecto faz no orgão do sentido a que chamamos paixão; em quanto que a percepção desta impressão se denomina acção d'alma. Donde se segue que qualquer que seja a modificação organica que desperta a sensibilidade, não pode a nossa alma ficar completamente indifferente; porque a dor e o prazer é logo o sentimento que experimenta; se a impressão que o orgão soffreo é desagradavel, a alma tão bem padecê logo; e se agradável ella sente do mesmo modo prazer. A estes actos é o que se chama phenomeno complexo da sensibilidade. Na sensação agradável, ou penivel o que se experimenta é acção da força exterior que nos impreciona; e a sensibilidade que se desenvolver é differente da que é excitada pela impressão que a determina; e neste caso ella reage para a cauza occasional que motiva a impressão; e então este movimento de reacção que alenta com evidencia nossa sensibilidade, varia muito: se é agradável, a sensibilidade é expansiva, e se o contrario é deprimente, isto é, ella se retrai e busca livrar-se: estes dois ultimos phenomenos do prazer, e dor, que a alma sente em consequencia da impressão que recebeo mediante os sentidos varia muito. Quando o organismo sofre, tão bem a intelligencia se perturba; e isto depende de que as funcções não sendo regulares ha desordem na sensibilidade. Nas febres intermittentes, quando o frio invade, as sensações, por exemplo, que se experimentão são confuzas, fracas, e obscuras; porque o sangue fugindo dos capillares sanguineos, que serpejão a superficie da pelle, vai se concentrar nos orgãos mais parenchymatozos, para os grossos vasos, e coração; e por cuja cauza se nota tremores, anciedade, fadiga, &c



neste caso vemos, que em consequencia desta perturbação, o cerebro se abate, e apenas pode receber fracas impressões, e transmitti-las, ou riage-las; porque neste estado todas as forças, obrando de fóra para dentro concentrão-se. Ora não podendo o cerebro, pelo seo langôr funcionar bem, as idéas que a alma tiver neste estado dêvem ser fracas; &c. A proporção que o doente vai sentindo applacar-se o frio, e a reacção se vai seguindo, as extremidades nervozas vão ganhando de actividade pela despensão das forças vitaes, que dirijindo-se do centro para a circumferencia, ou periferia do corpo, diminuem todos os phenomenos que o frio produzio, em consequencia do accesso do frio ter entorpecido; as sensações se avivão, e proporcionalmente se multiplicão á ponto de se tornarem afflictivas, e confusas; pelo excesso e vivacidade dellas; bem como o cerebro, que á principio estava languido, ganha em actividade, até ao grão em que as idéas se desarranjão, e o delirio se manifesta. Nota-se ainda mais, que o espirito fica desássocegado, e apto á impacientar-se, ou, pelo excesso de vontades ou vehemencia das sensações, que durante este estado o doente experimenta. A proporção que o phenomeno critico paulatim vai apparecendo, e que a febre declina, o espirito de confuso e agitado que éra passa a tranquilidade.

Na meningitis tão bem se nota perturbações de idéas, de maneira á não ser possível combinar-se as sensações, pelo estado de flogoze em que se achão os órgãos. Que terríveis phenomenos não se observa na satyriasis, onde a moral do homem em consequencia d'uma exaltação nas seos órgãos genitacs, põe a alma com desejos eroticos e exaltados; persistencia nas idéas immodestas e voluptuosas, e finalmente perturbação na intelligencia. (Lede o art. Satyriasis de Londe no Dicc. de Med. e Cir. Pr. V. 14).

Na Nymphomania em consequencia d'uma exaltação do sistema uterino, a mulher se vê obrigada aos maiores desvarios que se pode imaginar. Esta terrivel enfermidade, que não é senão a sensação do amor ou da necessidade do coito, levado ao maior grão, arrasta a mulher á perder completamente todos os habitos do pudôr, e da honestidade, que a

educação plantou em seo coração : o apparecimento d'este mal, é sempre precedido por causas, que obrão sobre o cerebro, ou sobre o systema uterino ; apesar de que Gall, e seus discipulos querem que ellas só obrem sobre o cerebello. Seja qual for a séde d'este mal, o que sabemos é, que na mulher, o desejo de se prostituir em proporção é menor, que a audacia, que as affecta. (Jolly. Dicc. de M. e C. P. Art. Nymph v. 12.) Na Hysteria quantos phenomenos atterradores não ameaça a infeliz mulher, que a experimenta ! Bem como tão bem na prenhez, se observa desejos extravagantes, de maneira á levar a mulher á perversão da razão. Orfila refere muitas passagens (Med. Legal. T. 1.º p. 517. 3.ª ed.) de mulheres, que durante a gestação tinham desejos bizarros, e appetites depravados ; e cita uma passagem referida pelo Medico Portuguez Rodrigo de Castro ; que uma mulher pejada vendo a espadua de um Padeiro, a desejou comer. Outra de quem fala Langius, que por este tempo desejava comer as carnes de seu Marido, de sorte que o matou, e salgou uma grande parte das mesmas carnes, para prolongar seo depravado prazer &c.

Nos dois sexos quando chega a epoca da puberdade, ha uma mudança espantosa ; todo o organismo se desenvolve, os orgãos genitales, e o larynge no homem augmentão de volume ; e na mulher as mamas, o rubor das faces, o bello, e encantador torneio das formas, o apparecimento dos mestros lhes annuncia, que a Natureza os convida dizendo-lhe, que já é tempo de prehencher o alto fim, para que os formou : tudo nessa epoca é grande, tudo é magnifico, e tudo é activo. As propensões n'um e n'outro sexo, as fruições moraes são tão lizongueiras, que cada um se suppõe preferivel ; tudo comprehendem, e tudo conseguem. Vão ganhando em idade, e em exercicio, até que por fim a vida se vai enfraquecendo, e se avizinhando á inaptidão ; e idéas bem diversas acompanhão ao caçado velho. Assim pois taõbem a alma á proporção que o organismo perde, taõ bem ella perde, porque os orgãos não podendo receber com a mesma actividade as impressões, taõ bem ella as não pode apreciar.

Quando o moral do homem obra sobre o seu organismo, se observão phenomenos bem contrarios; um sentimento de abatimento quasi geral vai-se apoderando do seu corpo; a tristeza se exprime em seu character; a imagem da affição se apodera d'elle; a dôr o segue, acompanhando-o para toda a parte; o tremor, a angustia é a nutrição ordinaria; mesmo a morte se anheia para descanso de tantos soffrimentos. São mais ou menos fortes estes phenomenos, segundo as circumstancias. Lê-se na Castro de J. B. Gomes, Affonso 4.º pedir a morte a Deos &c.

Porque não vens, ó morte, alliviar-me  
Do pezo da existencia, e de meus crimes?

Á alegria, o contentamento, o prazer, o riso, a satisfação, quando não são excessivos, são os signaes que se mostra quando o moral goza.

Quando se nos communica as desgraças d'um amigo, d'um Pai, d'um Irmão &c a quem cegamente amamos que martirios não experimentamos? Lemos nos faustos de Gloria do Immortal José 2.º « que um menino bem miseravel com 12 annos de idade pedia esmola n'uma das ruas de Vienna d'Austria: encaminha-se humildemente a um Sr. que lhe dava mostras de ser homem de fortuna; e chegando-se para elle, porque seu ar de bondade lhe animava, pediu-lhe uma esmola. O estado de timidez com que pedia, e as lagrimas que vertia, movêo a curiosidade do desconhecido Monarcha. — Meo amiguinho, lhe diz o Imperador, vós me não pareceis criado e como pedis esmola? O' meo Deos, lhe responde o joven, é para soccorrer minha pobre mãe e viuva, desamparada de todos, que vive em uma cama doce e cheia de miserias. Vós não tendes Medico? Ah! meo Snr., se não temos dinheiro para satisfazer suas vizitas, e comprar o remedio por elle ordenado, para que encomoda-lo? O desconhecido perguntou-lhe onde morava sua mãe; e depois de ouvir sua resposta deu-lhe dinheiro para que fosse em busca do Medico á soccorre-la. Este bom filho cordialmente agradeceo a seu bemfeitor e sem perda de tempo

correo em busca do Medico. Logo que ficou só o desconhecido, foi a casa da doente, e assim que entrou vio quam verdadeira era a exposição do bom filho, e que no estado o mais deploravel em que estava, ainda se esforçava em consolar outro filho, mais tenro que chorava com fome. José inculcando-se Medico, pergunta-lhe qual a cauza do seo padecimento. A infeliz lhe responde; ah! Sr. Dr. a infelicidade me é mais cruel, do que a própria doença. Depois do falecimento do meo caro esposo, perdi todos os meos bens e fortuna n'uma banca rota. Tenho dois filhos, e em um estado de miseria; o que lhe succederá? A mãe não pode sobreviver-lhes, e breve ficará sem ella! O monarcha commovido de tão justas queixas consola-a, na esperança d'um porvir venturozo; e pedindo-lhe um oitavo de papel para escrever a sua receita, o não achou; rasgou uma folha de livro, em que o filho aprendia, e deu lha, e logo que acabou de receitar, poz o bilhete sobre á meza, e se retirou dizendo-lhe: ahí fica a receita d'um remedio que vos hade curar. Apenas tinha sahido, entra-lhe o filho exclamando, cheio de satisfação, minha mãe consolai-vos, e cobrai animo; que eu já tenho dinheiro; e aqui está um bom Medico, que vos vem curar! Meo caro filho! Disse ella transportada com as lagrimas nos olhos, vem cá que te quero dar um beijo. Tua generosidade, e a satisfação do teo rosto, me mostra quanto me amas. Daqui agora sahio um Medico, e ahí em cima da meza deixou uma receita.

O Medico, que com o filho chegou, pegando e lendo a receita exclama, Senhora alegrai-vos: o Medico que com vosco agora aqui esteve, é melhor medico do que eu, e a sua receita é mais eficaz do que a minha; estaes livre da indigencia; por que o Medico desconhecido é o soberano da Alemanha, o Imperador em pessoa, o bom José 2.<sup>o</sup> que vos dá uma avultada quantia que podeis mandar receber. \*

A mudança que experimentou esta mulher e seu filho, deixa-a a consideração de quem quer que for a pensar nella.

Não ha limites para o coração materno: os maiores perigos os afronta só por amor do filho querido; é elle a obra prima da natureza; doçura, afagô, encantos tudo deposita no filho;

e só para elle vive: e quem lho arrancará dos braços? só a morte po-la não poder bracejar.

Por nós com a existencia principião  
 Da mulher os extremos, sim é ella  
 Que no seo seio nove mezes guarda,  
 O fructo de hymineo taó triste ás vezes;  
 E no leito da dôr, da sua a custo,  
 Vida lhe dá; é ella que votada  
 Ao novo Eate, lhe consagra attentos  
 Cuidados, que no berço exige a infancia.  
 Oh! que ternos desvellos! Se adormece  
 Afasta o insecto que voando o inquieta:  
 Vedar parece ao despertar que chegue;  
 Nem do filho arreda-la pode a noite:  
 Das sombras ao silencio applica o ouvido,  
 E se Morfêo lhe illude a vigilancia,  
 Abrindo os olhos, ao menor sussurro,  
 Ao berço do filhinho inquieta corre.  
 Se dorme, attenta se recrêia em vê-lo,  
 Tranquilla apenas, a seu leito volta.  
 Se acorda, logo os peitos lh'offerece,  
 E saúde lhe dá no leite puro.  
 Para o maffter no amor não ha fadiga,  
 Vive mais do que em si no filho caro.  
 E se aos olhos do espozo se appresenta,  
 Mais bella é quando o filho ao collo pende.  
 Conjugal fructo, maternal thesouro,  
 Perfeição és sem pár na estima sua.

(*Le Gouvé, Poema trad. pelo visconde de Pedra Branca.*)

Na moral em acção, (ternura maternal) se lê o que vou resumir: e é; que uma Senhora viaha da Martinica (uma das Antilhas) e trazia um filhinho no berço: sendo assaltado o navio d'um temporal, e em consequencia d'elle, tudo se despedaçou pelo furor das ondas. Um preto escravo, que sabia nadar, a pôz as costas e juntamente o filho, para ver se os podia levar a praia, que distava alguma coiza, porem ella vendo que o bom do preto já estava exausto de forças, fala-lhe a infeliz se-

nhora ; « amigo não te cances inutilmente para me salvar ; cuidemos em livrar meo filho ; e tu diz-lhe que eu morri pelo amor. » Isto disse , e soltando-se do escravo que ainda forcejava po-la segurar , em pouca distancia d'elle se submergiu nas ondas . . . .

Ninguém tãoem desconhece , que depois de enchermos o estomago de alimentos , se de repente temos coiza que encomoda o nosso espirito , as funcções se retardão , e em lugar do alimento fermentar convenientemente se altera , por isso que os movimentos peristalticos são fracos e descompaçados &c.

### DIVIZÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS PAIXÕES.

Duas são as classes das paixões , que os observadores tem reconhecido como mais exactas ; por irem de conformidade com a maneira de obrar das cauzas ; as quaes umas obrão excitando o organismo do centro para a circumferencia , isto é , de dentro para fora ; bem como a alegria , o amor , a esperanza &c. ; outras obrão da circumferencia para o centro , isto é , de fora para dentro ; abatendo os orgãos , e como que paralizzando as forças vitaes , taes como a tristeza , a dôr , o mêdo , o odio &c. : a estas cauzas se chamão *deprimentes* , e aquelles *expansivas*. Nós tãoem sub este ponto de vista as consideramos.

O Padre José Agostinho de Macedo , admittre uma paixão elemental , que é o amor da propria felicidade ; e esta dando nascimento á duas outras , que segundo elle , se tornão excludivas no homem , e vem a ser : o amor e o odio. (o H. ou os L. da R. cap. 9.º § 2.º) O Barão d'Holback , na sua moral universal , exprime-se nesta substancia : = Todas as paixões se reduzem á dezejar algum bem , algum prazer , alguma felicidade real , ou falsa ; recear , e fugir de algum mal , quer verdadeiro , quer imaginario. Os dezejos são movimentos do amor para um bem verdadeiro , ou supposto , que se o não possui. A esperanza é o amor de um bem que se espera , mas de que se não tem fruição. A colera é uma aversão súbita , para um objecto , que se o cré nocivo. &c. — (M. U. T. 1.º Cap. 5.º p. 17 ).

M.<sup>a</sup> a Baronêza de Stail, reconhece no *amor da gloria*, a primazia entre as paixões; e que as mais são justamente modificações deste nobre sentimento. (Inf. das P. p 45 &c.)

Madame Guizot, (Cons. de Moral. p. 64 &c.) supõe o *amor*, geralmente falando ser a paixão, donde as outras se originão. Descartes reconhece na alma seis paixões primitivas, que são a *admiração*, o *amor*, o *odio*, o *dezejo*, a *alegria*, e a *tristeza*; e que a *estíma*, o *desprezo*, a  *piedade*, o *pudor*, a *colera*, a *indignação*, a *esperança*, a *crença*, a  *vaidade*, o *escarneo*, a  *inveja*, e o *desespero* são as paixões secundarias. — Magendie reconhece no homem paixões, que são cômunis com os animaes, e que consistem em necessidades animaes exageradas; mas ha outras, que só se desenvolvem no estado da sociedade: estas são necessidades sociaes exageradas. As paixões animaes se refêrem ao duplo fim, que nós temos indicado, em falando do *instincto*, isto é, a conservação da especie. A conservação do individuo pertence o *mêdo*, a *colera*, a *tristeza*, o *odio*, a *fome excessiva* &c.; a conservação da especie pertencem os *dezejos venereos em excesso*, o *ciume*, o *furor ressentido* quando os filhos estão em perigo &c. A Natureza tem unido uma grande importancia a estes generos de paixões, que ella reproduz em toda a sua força no homem civilisado. As paixões que pertencem ao estado de sociedade, não são senão paixões sociaes, levadas a um grão mui subido.

A *ambição* é o *excesso do amor do poder*; a *avareza* a *exageração do desejo da fortuna*; o *odio*, a *vingança* é o *desejo natural*, e impetuoso de offender a quem nos offende; a *paixão do jôgo*, e quaze todos os vicios, que são também paixões, são meios de sentir vivamente a existencia: o *amor violento* é uma exaltação de *desejos venereos*, que perturba, agita, perverte, e muitas vezes anima nossa existencia, de não bem estar inefavel &c. &c. &c. Os *desejos* desenvolvem a *intelligencia*, as *paixões* são o principio, ou a cauza de tudo o que o homem faz de grande, seja para o bem ou para o mal — Os grandes homens em todos os generos, os grandes criminozos, ou conquistadores são, ou forão homens apaixonados — »

Platão tinha para si, que não obstante haver no homem muitos modos de paixões e affecções, com tudo só assignalá nome distincto, a seis que são; = o *prazer*, a *dor*, a *prudencia*, o *temor*, a *ira*, e a *esperança*; e que os outros não podem ter nomes distinctos, por serem simples modificações dos seis já dictos.

O Professor Rostan admite o *desejo* e a *aversão*, como a origem de todas as nossas paixões.

Aristoteles não concorda no numero das paixões; porque na sua Rhetorica faz uma enumeração, e nos escriptos de moral faz outra. Gall e seu discipulo Spurzheim, nos seus tractados de Phrenecologia, dão os nomes de paixões e affecções, á algumas das faculdades primitivas e fundamentaes do sujeito pensante: as paixões pertencem ás faculdades, cujo grao for de actividade excessiva: as affecções são modificações das mesmas faculdades primitivas, pelo modo com que são affectadas; e pela maneira de obrarem deprimindo de fora para dentro, ou ao contrario: de mais as paixões segundo elles, não são outra coisa mais do que um modo de quantidade; e as affecções outro modo de qualidade. A doutrina destes dous escriptores quanto as paixões se torna difficil, porque elles, alem de não assignalarem as faculdades primitivas, também não concordão quanto ao numero. Volney admite duas paixões, *prazer e dor*; e que o *amor de si*, a *aversão a dor*, e o *desejo do seo bem estar*, forão os moveis simples, e potentes, que arrancarão o homem do estado selvagem e barbaro em que a Natureza o collocou &c. Georget fundou sua classificação sub quatro pontos de vista; segundo que á alma está alegre, ou tem colera; temor, ou pena.

Quanto ao 1.º modo elle reconhece sete especies de paixões que vem a ser;

1.º ALEGRIA

- |   |                     |
|---|---------------------|
| { | 1.ª alegria         |
|   | 2.ª o prazer        |
|   | 3.ª o contentamento |
|   | 4.ª a admiracão     |
|   | 5.ª enthusiasmo     |
|   | 6.ª a contemplaçãõ  |
|   | 7.ª o extaze.       |



Quanto ao segundo modo elle reconhece outras sete especies, que são:

- |             |   |  |
|-------------|---|--|
| 2.º COLERA. | { | 1.ª a impaciencia<br>2.ª a vivacidade<br>3.ª os transportes da ira<br>4.ª ————— da colera<br>5.ª a indignação<br>6.ª o furor<br>7.ª a raiva. |
|-------------|---|--|

No terceiro modo de considerar as paixões, elle subordina quinze especies, que vem á ser:

- |            |   |   |
|------------|---|---|
| 3.º TEMOR. | { | 1.ª O susto da temidez.<br>2.ª ————— do pudor.<br>3.ª a emoção.<br>4.ª o pèjo.<br>5.ª o espanto<br>6.ª o desmaio.<br>7.ª a inquietação.<br>8.ª a aflicção.<br>9.ª a pusillanimidade<br>10.ª o medo<br>11.ª o <del>fravor</del> fravor<br>12.ª o assombro<br>13.ª a compaixão<br>14.ª o horror<br>15.ª o terror. |
|------------|---|---|

No quarto, e ultimo modo, elle considera onze especies, que são:

- |           |   |  |
|-----------|---|--|
| 4.º PENA. | { | 1.ª as contrariedades.<br>2.ª os pezares.<br>3.ª as penas<br>4.ª a aflicção.<br>5.ª a tristeza.<br>6.ª o aborrecimento<br>7.ª o desconforto<br>8.ª a nostalgia.<br>9.ª as revoluções do espirito.<br>10.ª o desgosto<br>11.ª o abbattimento. |
|-----------|---|--|

Alem d'estas Georget ainda considera á parte outra classé, que é para as paixões propriamente ditas, que julga depender do desejo; e faz duas divizões n'ella que são uma para a ambição, e a outra para o amor.

Quintiliano faz uma distincção nas paixões, ensinando ao Orador á conhecê-las, e a maneja-las: na primeira elle colloca os affectos violentos á que chama Patheticos, e na segunda elle poem os affectos moderados, á que chama Ethicos. Esta distincção de Quintiliano é fundada no modo porque ellas costumão obrar: os primeiros como obrão sobre a imaginação, (como já fizemos ver) perturbão a alma fazendo com que ella se mude do estado de quietação em que se achava para o de perturbação; e neste estado muda-la para novos juizos, e resoluções: Os segundos obrando sobre o coração albicia certos sentimentos de favor, e de benevolencia á respeito do que se quer. De mais, Quintiliano no artigo Peroração, quando tracta dos instrumentos da persuazão, e §§ 2. 3. e 4. faz ver que estas duas classes de paixões se differencião por seis modos, 1.º porque os affectos Patheticos são paixões fortes vehementes, e agitadas; 2.º que os Ethicos são, sentimentos brandos e socegados; e que os primeiros obrão com violencia, mandandó com imperio, e por meio de força perturbando a alma: 3.º os Ethicos persuadem lentamente ensinando-se para por esse meio ganhar a vontade. Quarto os Patheticos por isso mesmo que são mui fortes também sua acção é mui rapida: 5. os Ethicos não obstante não têm o mesmo gráo de força e vehemencia em acção; com tudo empregados elles obrão: 6. (§ 4.) — Alguns quizerão que os affectos Ethicos servissem propriamente para as recommendações, e para a desculpa. Estes officios pertencelhe certamente, mas não são os emicos; antes acrescento ainda, que os affectos Patheticos, e Ethicos umas vezes tem a mesma natureza, e só se diferencão no gráo de força, id est, ser a daquelles maior e a d'estes menor, como por exemplo o amor é um affecto Pathetico, e a caridade um affecto Ethico: outras vezes são contrarias entre si, como nos Epilogos onde os affectos Patheticos irritão o Juiz, e os Ethicos o costumão a aplacar. — »

O eurdito P.<sup>o</sup> J. Soares Barboza (Traductor e com. de Quintil., escreveu uma rica nota que achei muito a proposito transcrever aqui, porque classifica as paixões sub dois pontos de vista tudo o que Quintiliano refere «T. 1. Cap. 13 art. 2. § 4. nota 1.<sup>o</sup>) e diz: — «Sexta differença das paixões aos sentimentos, o *Grão de intenção differente*. Se um affecto Pathetico, e outro Ethi o tem a mesma raiz, e constituem a mesma especie, então não se distinguem senão pelo grão de intenção. Sobre o mesmo objecto um sentimento vivo é uma paixão, um sentimento brando é um affecto Etico. Taes são por exemplo, o Amor e a Caridade, o Dezejo e a Saudade, a Compaixão, e a Humanidade, o Odio e o Rancor, o Desprezo e a Indifferença, a Alegria e um Genio alegre, a Tristeza grave e um Genio Melancolico, a Colera e o Resentimento &c. Seus affectos são de differente especie e se destroem mutuamente, chamão-se affectos Patheticos os que costumão irritar, e Ethicos os que mitigão. Taes são, por exemplo, a Compaixão e o Rizo, a Colera e a Clemencia, a Temeridade e a Prudencia, a Petulancia e a Moderação &c. — »

O Sr. Soares Barboza aparta se quanto ao parecer de Quintiliano tractando de classificar as paixões; e julga que as paixões se pode reduzir a cinco classes principaes, e faz consistir a primeira paixão e elemental no amor proprio dizendo — «(Quint. Cap. 13. art. 3. § 1. nota (2).

O *Amor proprio*, isto he o amor da nossa felicidade e perfeição, pelo qual procuramos o Bem, isto é, tudo o que conserva, e aperfeição a nossa existencia, e fugimos do Mal, que he tudo o que destroe e põe peor o nosso está lo, o Amor Proprio, digo, é, a bem de dizer, a unica paixão do homem. As mais não são, a fallar propriamente, mais que umas modificações do amor proprio, que varião ao infinito segundo o grão de força, objecto e circumstancias das pessoas. Pelo que ninguem até agora classificou exactamente as paixões; nem talvez será possivel o fazê-lo Com tudo, como as paixões são umas commoções fortes e vivas, nascidas da representação do Bem, e do Mal; podemos fazer tantas classes d'ellas quantos são os differentes modos porque um e outro se nos podem representar.

Ora o bem ou o mal se nos pôde representar, relativamente ao tempo, ou como *passado*, ou como *presente*, ou como *futuro*; e d'esta consideração nasce a 1.<sup>a</sup> Classe. O bem passado é objecto do Desejo e Saudade; o presente da Alegria, o futuro da Esperança. E pelo contrario o mal passado é objecto do Pesar, o presente da Tristeza, e o futuro do Medo.

O bem e mal futuro tambem se pôde considerar com relação aos Meios que temos para conseguir aquelle, e fugir d'este; e d'esta consideração nasce a 2.<sup>a</sup> Classe das paixões. Se os meios de conseguir o bem são faceis, isto faz a Confiança; se difficéis, a Desconfiança. Da mesma sorte se nos representamos facil o modo de evitar o mal, nasce em nós o Atrevimento; se pelo contrario, a Desesperação.

Ainda que o bem verdadeiro é ao mesmo tempo honesto, decoroso, e util, e o mal verdadeiro é juntamente indecoroso, e nocivo; com tudo a nossa imaginação separa muitas vezes estas ideas. E isto é o que basta, para dos differentes aspectos do bem e do mal se formar uma 3.<sup>a</sup> Classe de Paixões. Se o Bem se nos representa como *honesto*, isto produz em nós o Amor da Gloria, se o é na verdade; e se he só apparente, a ambição. Se o Bem se nos representa como *deleitavel*, da hi nasce o Amor do Prazer, ou verdadeiro ou falso. D'este, se o prazer é venereo, a Lascivia; se é dos conhecimentos uteis, a Curiosidade; se das commodidades a Luxuria. Se o Bem se nos representa como *util*, sendo verdadeiro, confunde-se com o honesto; porém se é falso e apparente produz a Avareza. Pelo contrario se o mal é contrario ao honesto, excita em nós a Celera; se ao decoro, o Pudor; se ao aprazível o Tedio; se ao util o Desprezo.

Uma 4.<sup>a</sup> Classe nasce do mesmo bem e mal, considerado não em nós, mas nos outros, que tem commosco relações do sangue, ou amizade; ou as oppostos de estranheza e inimizade. Do bem passado e presente damos aos primeiros o Parabem, do futuro o Favor, e do mal passado, presente e futuro a Compaixão. Aos segundos, do bem honesto mal merecido temos Indignação, do util, Inveja.

Emfim da combinação e collisão de duas paixões se levanta

uma 5.<sup>a</sup> Classe, cujas especies he difficil investigar. Assim do Mêdo e do Amor se forma o Ciume, a Inveja, a Ambição, a Emulação &c. = »

Assim como temos duas grandes leis, porque se rege o nosso systema planetario, que são a *atração e repulsão*; assim também podemos considerar dois grandes motores das acções humanas, que são o *prazer e a dôr*; os quaes immediatamente gerão o amor e o odio: os dois primeiros são quem nos aproximão á um ou outro objecto; e os dois ultimos são quem nos impellem á affugentar do que quer que seja: porem ambos os impulsos se reduzem á um, é a gratificação da vontade ou inclinação propria.

O prazer admite varias modificações; taes como o agrado, o transporte, a extaze, gozo, a alegria, contentamento, satisfação, complacencia, vaidade, altivez, e arrogancia &c. O desejo que o homem tem por qualquer objecto, pode ser um simples affecto, uma emoção, ou uma paixão. E' infinito o numero das paixões e vicios que emanão do dezejo; e assim na nossa maneira de entender o desejo é uma força, e o interesse é uma força; este motivo ou força, que nos leva á um fim na nossa lingoagem é synonimo.

O pezar tem varias especies como o dissabôr, o sentimento, o descontentamento, a tristeza, a pena, a saudade &c. O temor varia de especie, pois distingue se o receio da consternação, o terror do dezespêro, o remorço da puzilantibidade, a duvida da modestia, a fortaleza da entrepidez &c. A colera exprime-se em graduações como o vexame, rabugem, iracundia, resentimento, indignação, furor, &c. A benevolencia toma o nome de sympathia, amor, amizade, compaixão, clemencia, dô, ternura, afeição, candura, mimo, caridade, pezar, condescendencia, gratidão &c.

O respeito assume diferentes caracteristicos, desde o respeito defferencia, réverencia, até a veneração, e dahi chega á adoração, acatamento, e mesmo ao fanatismo &c. A malevolencia tem muitas especies; a saber a apathia, a inveja, o rancôr, a crueldade, o despeito, a ingratição, o resentimento, a viu-gança, o ciume, o desprezo, o desdem, o escarneo &c.

Simplificando mais nossas ideas, vemos que assim como

os naturalistas reconhecem um tecido elementar, ou gerador, á que elles tem chamado — *lamelar*, — e este dando origem á dois outros á que chamão — *cellular* — e *vascular*, de cuja combinação se originão outros muitos; assim segundo nós a origem, principio, e motor de todas as nossas paixões e affectos nascem do interesse bem entendido.

Esta paixão elementar, se divide em duas grandes classes: a primeira, das quaes abrange todas aquellas paixões, e affectos, que tirão sua origem do interesse proprio. A segunda comprehende todas as paixões, e affectos que nascem do interesse social. Reconhecemos na primeira classe, duas ordens distinctas; a primeira é aquella que inclue a idéa do bem, isto é, do prazer, e do amor: a segunda ordem é aquella em que sobresae a idéa do mal, isto é, da dor, e do odio. A primeira ordem funda-se no interesse proprio excitado pela idéa do bem, e abrange dois generos em que se refere ao tempo passado, e prezente, isto é, do bem de que se está de posse; o outro se refere ao futuro, isto é ao bem que se espera. O primeiro genero inspira prazer, gosto, alegria; o segundo desejo, e esperanza. A segunda classe comprehende duas ordens, a primeira que abrange os desejos, e as disposições benevolas comprehende dois generos, que são primeiro benevolencia, segundo *sympathia*. A segunda ordem das affecções, e das paixões pertence ás que são excitadas pela displicencia, e nas quaes á idéa do mal, isto é da dor, e do odio é a predominante; e abrange três generos; primeiro, o aborrecimento; segundo, o desprezo; terceiro, a malevolencia.

#### CLASSIFICAÇÃO DAS PAIXÕES E AFFECÇÕES SEGUNDO O NOSSO SYSTEMA.

INTERESSE.	{	Prazer, e Amor, Dor, e Odio.
------------	---	---------------------------------

		<ul style="list-style-type: none"> <li>Pejo</li> <li>Contrariedades</li> <li>Vergonha</li> <li>Afllicção</li> <li>Tristeza</li> <li>Dissabor; ou desgosto habitual.</li> <li>Abattimento</li> <li>Dissimulação</li> <li>Nostalgia</li> <li>Ressentimento</li> <li>Saudade</li> <li>Mortificação surda</li> <li>Revoluções do Espirito</li> <li>&amp;c.</li> </ul>
	PEZAR	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Dezejo</li> <li>Licença</li> <li>Vangloria</li> <li>Reconhecimento</li> <li>Emulação</li> <li>Admiração</li> <li>Euthuziasmo</li> <li>Contemplação</li> <li>Exthaze</li> <li>Brandura</li> <li>Esperança</li> <li>Prudencia</li> <li>Temperança</li> <li>Contentamento.</li> </ul>
PRAZER } AMOR	ALEGRIA	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Amor Maternal</li> <li>— e Paternal</li> <li>— Filial</li> <li>— Fraternal</li> <li>— da Patria</li> <li>— Proprio</li> <li>— das Artes e Sciencias</li> <li>— da Igualdade</li> <li>— da Ordem</li> <li>— da Liberdade</li> <li>— &amp;c. &amp;c. &amp;c.</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Symphathia</li> <li>Amor . . .</li> <li>Amizade</li> <li>Compaixão</li> <li>Clemencia</li> <li>Dò</li> <li>Fidelidade</li> <li>Mizericordia</li> <li>Ternura</li> <li>Candura</li> <li>Mimo</li> <li>Caridade</li> <li>Condecendencia</li> <li>Gratidão</li> <li>Beneficencia</li> </ul>
	BENEVOLENCIA	

BENEVOLENCIA

Reconhecimento  
 Coragem  
 Complacencia  
 Docilidade  
 Preferencia  
 Equidade  
 Estima  
 Franqueza  
 Generozidade  
 Piedade  
 Commizeração  
 Zelo &c.

PRAZER } AMOR }

RESPEITO

Confiança  
 Reverencia  
 Veneração  
 Humildade  
 Adoração  
 Fanatismo  
 Constancia  
 Acatamento  
 Credulidade  
 Firmeza  
 Homenagem  
 Crença  
 Perseverança  
 Honra  
 Rezignação.  
 Segredo  
 Severidade  
 Valor  
~~XXXXXXXX~~  
 Sinceridade  
 Verdade  
 Vergonha &c.

MELANCOLIA

Despeito  
 Apathia  
 Inveja  
 Rancor  
 Crueldade  
 Descaramento  
 Ingratidão  
 Ressentimento  
 Ciume



PRAZER } AMOR }

MELANCOLIA }

{ Disprezo  
 Desdem  
 Escarneo  
 Ambição  
 — das Honras  
 — do Puder  
 — da Fortuna  
 — da Gloria  
 Luxuria  
 Intemperança  
 Cubiça  
 Insensibilidade  
 Prodigalidade  
 Mizantropia  
 Remorsos  
 Contricção  
 Scilencio  
 Suicidio &c.

DOR E ODIO }

COLERA }

{ Impaciencia  
 Vivacidade  
 Transporte da Raiva  
 — da Colera  
 Indignação  
 Furor  
 Raiva  
 Rabugem  
 Iracundia  
 Orgulho  
 Vandade  
 Fatuidade  
 Coragem  
 Desespero  
 Impaciencia  
 Arrogancia  
 Audacia  
 Perversidade  
 Corrupção  
 Depravação  
 Violencia  
 Vingança &c.

DOR E ODIO	}	TEMOR	}	Susto da Timidez
				— do Pudor
				Emoção
				Espanto
				Desmaio
				Inquietação
				Afllicção
				Puzilanimidade
				Mêdo
				Assombro
				Horror
				Recêio
				Iguismo
				Fraqueza
				Hypocrizia
Mentira				
Ingratidão				
Timidez				
Obediência				
Covardia				

## DO INTERESSE. (1)

Esta nossa maneira de classificar as paixões, e affecções á primeira vista pode parecer má, porque consideramos o *Interesse* como a paixão elementar; sentimento que no seculo de Luis 14º professou Helvetius (de L'Esprit), por cujo motivo

---

(1) A palavra *interesse* tras a sua Etymologia, segundo os melhores Lexicographos (taes como Boiste, N. Landais, Calipinus, Fonceca, Moraes, &c.) da palavra latina — *Utilitas* — e do grego — *Ophéleia* —, *Commodum*, *fructus*; interesse, utilidade, proveito. *Interessar*, tirar *interesse* ou *utilidade* de alguma coisa. *Interessar* algum no seo partido; nos seos negocios, ou commercio; na sua fortuna. Dar cuidado importar. Tomar partido por alguma coisa; por alguém; na gloria de alguém. Cicero dizia — *Hunc existimationis meae studiosissimum cupidissimumque cognovi.* — Eu conheci que elle se interessava grandemente na minha reputação.

Hobbes dizia, que quando a razão é contra o *interesse* d'um egoista, elle não pode jámais ser contra a razão. O Grande Fenelon: — O *Interesse* geral da sociedade é a lei dos soberanos. Richardson; — A philosophia faz triumphar o *interesse* publico; o philozophismo o immola ao *interesse* privado.

J. J. Rousseau apresentou algumas invectivas, contra a grande ideia do immortal Helvetius; e também a quem o poligrapho Voltaire (Henriade), meteo a ridiculo, collocando no abismo como a mais vil e hedionda das paixões, de que é susceptível o coração do homem: porem nós o supponmos, não da maneira por que tem sido considerado; por ser elle um sentimento sem o qual nada é movido. Se os moralistas modernos preferem a ideia do *dever* ao interesse, é pela má applicação, que dão á genuina significação da palavra. E julgamos ser este o motivo que levou Rousseau, e Voltaire á censurar a Helvetius; assim como alguns modernos maldizem do Barão d'Holback; e não daquelle nobre motivo, ou sentimento á que chamamos *interesse* propriamente dito. Muitas pessoas confundem o *interesse* com o torpe vicio á que chamamos *avareza*, e mesmo com a *ambição*; pelo que comparando aquelle com estas duas ultimas, não achamos ponto em que se toquem: a *avareza* aniquila a *beneficencia*, e torna o homem deshumano, levando-o á baixezza, e á indignidade; o *interesse* ao contrario o enche de beneficios, condõe-se dos males do afflicto, e se *interessa* em fim por tudo que lhe pode ser útil. A *avareza* por isso mesmo que petrifica o coração, separa o homem da sociedade, e só na solidão pode achar algum descanso; se é que o acha; pela mortifera desconfiança que por toda a parte o segue. O *interesse* move os homens, torna-os sociaveis, e enche-os de beneficios. A *ambição* também não pode se confundir com o *interesse*, porque ella traz a ideia do augmento das riquezas; e do poder; desejo que pode resultar em beneficio de muitos, ou de um só homem; e as mais das vezes a *ambição* chega á ponto de degenerar em *avareza*. Anatomizemos o coração do homem e estendamos seos sentimentos, e vejamos se Helvetius falou verdade quando provou, que o *interesse* é o primeiro movel das acções humanas, quer quanto a um homem em particular, quer quanto a uma pequena sociedade; quer aos diferentes seculos, e paizes; quer ao Universo inteiro.

Se vamos por um caminho, e encontramos um infeliz que nos implora soccorro, e o valemos, neste acto, quando não tenhamos outro fim, ao menos temos em vista o *interesse* de

acudir ao afflicto. O magnanimo, o justo, o varão probo são todos movidos por uma *força* á um fim; porque nada ha em nossas acções que não seja movido pelo motivo de *utilidade*; embora de ante-mão se não calcule, e não saião as coisas a medida do nosso entender.

O homem logo que não vive só, tem necessidade de prescrever regras as suas acções, e na sua moralidade achamos interesse, e se não fosse este o principal movel não amaríamos e não aborreceríamos. Já vemos pelo que temos dito, que, idea de *interesse* na nossa maneira de entender não dista muito da idea do *dever*.

Racionemos agora um pouco, e consultemos com a ordem natural das coizas e dos factos antes de definirmos o que seja *interesse*. Demos o caso que um Selvagem perguntasse á quem lhe quizesse aceitar o gage; nesta substancia: o Imenso Deos da Natureza creou o Universo, assim como a tudo, que tem existencia; e o que teria em vista o supremo Senhor, e Architetor dos Mundos antes de emprehender a grande obra da creação? Ninguem lhe responderá! Será a Theologia a unica Sciencia que resolva a sua pergunta? Não, elle dezafia o Theologo. Careceria Elle, (continua o Selvagem a perguntar) para continuar á existir, de crear o que vemos? Não teria em si todo quanto lhe é preciso, para continuar do mesmo modo? Dependeria elle de outro, ou outros entes? De certo que não, lhe havia de responder: e se elle tivesse em vista alguma coisa, seria dependente? Taõbem não: e quem moveo o Soberano Auctor, e Senhor do Universo a crear tantas maravilhas, tantos phenomenos sublimes, que a imaginação do homem não pode comprehender? Lhe dirão que foi o crear entes, que o contemplassem, e que o admirassem: e sendo assim foi levado por esse nobre sentimento, esse *motivo* a que chamamos *interesse*. Assim podemos afirmar que o *interesse* é para o Universo moral, o que o movimento é para o Universo phyzico: bem como o virtuozo, e o malvado são todos levados pelo mesmo gráo de força, id est, ao primeiro as desgraças de seu proximo offerecem uma vista insupportavel, e a ideia do socorro lhe é irrezistível: o malvado ao contrario nada o pertur-

ba, e nada o move: quer um quer outro tem ante os olhos um prazer rezultante do *interesse*. O *interesse* diz um Sabio, e meo Amigo, o Sr. Padre Francisco Agostinho Gomes, (fragmentos de Philozophia ineditos) — Considerado como movel necessario para iastigar o homem ao trabalho, e a ser poupado, e previsto, que accumulando algum capital assegura para o futuro a sua subsistencia em vez de ser um movel pernicioso se torna antes em estimulo de muitas virtudes, quando se encerra dentro dos limites, que as nossas obrigações sociaes nos impõe, pois até nos aparta da calaçaria, que tanto fomenta a devacidação dos costumes em grande detrimento do socego interno dos Estados: elle nos induz á cumprir-mos com as nossas obrigações, amarmos a frugalidade, e a temperança; em fim á evitar todos os vicios, que a não serem reforcados, postergado o *interesse*, que apreciado cumpria ser util, e proveitozo, não só se nos encurta a propria existencia, mas ainda quando se prolongue, se torna sempre doloroza: com tudo se o *interesse* for demaziadamente attendido, elle se converterá em tão em mero egoismo, que nos separando dos mais homens, nos desanatura do ser humano; da quelle ser enfim, que constituindo o homem sensivel, e social se condoe dos males da humanidade soffredora; não podendo estes lhe serem estranhos, só se o *interesse* proprio, levado a excessõ, grandemente o haja degenerado da sua primitiva natureza. Portanto segue-se daqui concluir que nem em todos os cazos, e circumstancias o *interesse* individual, e social podem regular todas as nossas acções; pois outros motivos lhes devem dar o impulso: o mesmo Bentham acerrimo defensor do principio da utilidade se vio obrigado a admittir ao menos entre os motivos das acções moraes o da *sympathia*; porque posto que desse por axioma philozofico, que as acções humanas erão sempre subordinadas ao *interesse* proprio, não pretendeo com tudo com esta asserção imputar ao genero humano egoismo universal; e só por não se afastar do principio favorito assignalou ainda o da *sympathia* da indole do *interesse*, por conseguinte incluiria a consciencia, se na sua Philozophia podesse ter entrada; pois esta só se pode considerar como principio distincto da benevolencia; assim este insigne Jurisconsulto namorado do

systema que abraçou descobrio ainda na sympathia que não pode excuzar propriedades de interesse, quando não se pode duvidar quantas almas tem havido constituídas de tal natureza, que influidas só de motivos de prestimo, ou de bem fazer como principios estaveis do seo proceder, não em poucas ocaziões resistirem as tentações do *interesse* pessoal; bem como muitas outras em quem motivos de consciencia ou de obrigação moral tiverão o maior predominio.

Se este abalizado escriptor que tantos serviços fez a legislação philozofica, quaes Bacon prestou em beneficio das sciencias phyzicas, se se cingisse unicamente á occupar-se da legislação, não se intromettendo com a moral, muito mais proveitozo seria; porqur só neste ramo de sciencia comprehendido o *interesse* ou principio de utilidade, se veria á conseguir verdadeiros e preciozos resultados; mas estendendo-se a mesma moral que considera as acções humanas não tanto pelas consequencias, que se lhes podem seguir, mas em muitas outras relações a sua theoria não só se torna defeituoza, mas nociva; porque pervertendo aquella, que fundada em principios mais nobres e *desinteressados*, é a unica que seguida pode fazer verdadeiramente o homem justo, probó e virtuoso. Ora ao meo ver o mesmo legislador, para mais efficaçmente alcançar o fim em que põe ordinariamente a mira, não se contentando só com o principio da utilidade, recorrer ainda a moral, e a uma moral religioza que doutrinando o povo nas suas obrigações o faça morigerado; efeito este que não pode produzir por si só as penas as mais severas, ainda que immediatamente exccutadas se em seu auxilio, o principio da consciencia não lhe vier dar a mão, por isso se o legislador grandemente confiar do principio somente de utilidade, ainda que em muitas circumstancias da vida seja proveitozo, observando-se este somente, converter-se-ha antes em carcere, para commetter o crime, dando occasião á quem está tentado para tal fazer, não horrorizando o aspecto do crime, só calcula as consequencias, que se lhe pôde seguir; e como mister lhe seja entrar em deliberação, necessariamente d'ahi se segue haver probabilidade de o commetter, pois da deliberação ao acto pouca distancia vai.

Benthan olhando só para as resultas das acções humanas, confundio praticamente, e com muita extensão o principio da utilidade com o das consequencias especificas e assim induzido julga habitualmente da approvação ou vituperio que merece qualquer acção só pelo calculo das consequencias, as quaes ella por si geralmente praticada pode tender: erra grandemente por isso como moralista, e muito damno cauza quando deixa de tomar em conta a tendencia que tem todo acto de fixar, e perpetuar o estado, ou character do espirito em que ella se originou. Esta inexactidão com tudo não lhe diminuiu o valor das suas especulações na mor parte do assumpto da legislação, pois as relações da acção á que Benthan deo exclusiva attenção, são tão bem as de que trata unicamente a legislação. O legislador só se limita á ordenar ou prohibir uma acção, attendendo mai pouco á geral excellencia ou torpêza moral que ella envolve; só olha para as consequencias, que podem provir á sociedade de uma acção particular; pois o seu fito não é de tirar ao povo o dezojo de cometer o crime, mas desviá-lo de o perpetrar, e por consequente, theoria que somente a isto se estreita geralmente preenche os fins da Philozophia legislativa. Finalmente se não basta para explicar muitas das nossas acções o motivo do *interesse*, ou principio de *utilidade* sem que metamos em conta muitos outros, inegavel é que o *interesse* pessoal, quasi em geral, como em grande parte os regula com grande vantagem da mesma sociedade, se elle ao social não for de encontro: por consequencia se o pessoal de que cada um trata para si pode ser de muito proveito para o mesmo social de que rezultas beneficas não é ainda no caso quando o legislador pospondo o particular ao do maior numero se persuade que a segurança publica pedindo que o réo de omicidio seja victima immolada sobre o altar da justiça forcozo julga despir-se do sentimento de compaixão, que a Natureza inspira; porque inimigo se reputaria da sociedade se deixasse de fulminar contra um tal réo a pena ultima. Porque ainda nesse cazo infeliz em que o *interesse* particular se sacrifica ao geral, o réo do delicto de que tratamos, se n'outra situação estivesse muito util julgaria, que o culpado de tal

crime para conservação da sua própria vida dezejar'a, que em uma tal pena incorresse. Quanto, e melhor condição não se julga o politico esclarecido com as luminosas especulações da economia, que para alcançar a utilidade social da Nação que administra, não se vendo na dolorosa situação de sacrificar vidas á salvação de muitas outras, ajusta facilmente o interesse pessoal com o da sociedade, honrando o trabalho, libertando todos os empecilhos a industria, suprimindo as loterias, que tanto alicião a cobiça para confiar do acazo a fortuna, que só nos pode vir solidamente do que o mesmo trabalho nos grangeia, fechando as cazas de jogo, que como outros tantos estímulos para ganancias de origem corruptora pervertem o povo, e o tornão madraço e propenso aos crimes: augmenta assim a producção que proporcionalmente distribuida é a unica, que pode realmente melhorar a condição das classes pobres, e trabalhadoras, e não mudanças, que os demagogos apregoão como uteis illudindo-as com promessas lizoageiras; e se estende a vista á orizontes mais dilatados franqueia ainda o commercio ás Nações estranhas; porque desempoadado do antigo erro, que tal é a condição humana, que não se pode dezejar a prosperidade da Patria sem que se dezeje mal aos vizinhos, tem antes a opulencia das Nações estranhas, como circumstancia muito venturoza; para que cresção os proprios productos com a maior saça: não é este o unico beneficio, que dimana do desaparecimento de um erro, que tão fatal tem sido á união do genero humano, pois que desde que appareceo a famosa theoria de J. B. Say, que provou que as Nações não pagavão productos senão com outros, e que as leis que prohibem compra-los obstão igualmente vendê-los, e por consequente os interesses das Nações estão tãobem ligados entre si, que nenhuma pode sofrer uma calamidade sem que as mais sintão o effeito; assim como quando uma prospera, as vizinhas não deixão de ter a sua parte nascendo daqui, que a Europa se vac desenganando, que as guerras são verdadeiras loucuras, que arruinão o proprio vencedor; e que o interesse geral dos homens pode antes que se ajudem reciprocamente em vez de se malfazerem; como a politica cega ensinava, que por muito tempo as precepitou á taes de-



satinos : assim J. B. Say teve a gloria de realizar o projecto de paz perpetua do Abbadé de S. Pierre , que no seo tempo passava por visionario. Por tanto concebemos que o interesse pessoal pode-se bem ajustar com o geral quando se despe do egoismo , que o exclue. = Aqui temos o interesse considerado politicamente , agora consideremo-lo pela face da moral. Quando os nossos dezejós são excitados pelas necessidades reaes , ou immaginarias que julgamos uteis á nossa propria felicidade , ou em que fazemos consistir o nosso prazer , chamamos interesse. O sentimento que temos da nossa prosperidade ou interesse , quando unimos aos prazeres ou mesmo aos objectos contrarios a nossa propria felicidade é o que também chamamos interesse mal entendido. Se o interesse considerado como motivo das nossas acções , é uma virtude ; o interesse mal entendido é um vicio origem dos erros como bem nota Pascoal , e da perversidade dos homens. A virtude o amor da humanidade o sentimento de benevolencia não são senão o interesse unido ao bem da humanidade. D'Halbach diz ; = se um vil interesse é o movel do avaro um interesse mais nobre anima o ser beneficente ; elle quer ganhar a affeição a estima e amizade daquelles que são levados a sentir os effectos de sua generosidade. Sacrificar seo interesse , significa sacrificar um objecto , que agrada ou que se ama , á um objecto que é amado mais fortemente ou que mais agrada. Um amigo consente em sacrificar uma parte de sua fortuna por seo amigo , porque este amigo lhe é mais caro que , que a porção dos bens que elle sacrifica. O enthusiasmo é a paixão para um objecto que se o olha unicamente , levado até á uma sorte de embriaguez que faz , que o homem lhe sacrifique até sua propria pessoa : nós vamos vêr por agora que neste cazo , é sempre por seo proprio interesse , é mesmo por elle que o homem se sacrifica.

Obrar sem interesse seria obrar sem motivo... Alguns philosophos tem fundado a moral sobre uma benevolencia innota , que elles tem crido inherente a natureza humana ; mas esta benevolencia não pode ser senão o effecto da experiencia , e da reflexão que nos mostra que os outros homens são uteis

á nós mesmos estando em estado de contribuir á nossa felicidade. Uma benevolencia desinteressada, isto é, daquella, não resultaria para nós da parte daquelles que no-la inspirão nem ternura nem reconhecimento; seria um sentimento desprovido de motivos, ou um effeito sem cauza. =

Em rezumo diremos que o *interesse* na nossa maneira de pensar não é outra coiza mais, que o *motivo* por meio do qual todas as nossas acções quer clara quer sub outra forma nos leva á obrar.

### DO AMOR.

O amor geralmente tomado (1) é uma affecção da nossa alma que busca unir-se á todo o objecto, que excita nella um sentimento de prazer, ou que se conforma no gozo deste mesmo objecto. O amor na opinião de alguns é indefinivel porque como todos o comprehendem melhor, sentindo, do que definindo por isso diremos, que gerou-nos o amor, creou-nos o amor, vivemos no amor, e existimos para amor (2). Esta paixão inseparavel da existencia é no mundo a vida que anima

(1) Amôr é um fogo que arde sem se ver;  
 E' ferida que doe e não se sente;  
 E' um contentamento descontente;  
 E' dor que desatina sem doer;  
 E' um não querer mais que bem querer;  
 E' solitario andar per entre gente;  
 E' um não contentar-se de contente;  
 E cuidar que so ganha em se perder:  
 E' um estar-se prêso por vontade;  
 E' servir a quem vence o vencedor;  
 E' um ter, com quem nos mata, lealdade.  
 Mas como causar pôde o seu favor  
 Nos mortaes corações conformidade,  
 Sendo a si tão contrario o mesmo amor?

Camões.

(2) Mira d'intorno, Silvio:  
 Quanto il mondo ha di vago e di gentile,  
 Opra è d' Amore: amante è il cielo, amante  
 La terra, amante il mare.

G. B. Guarini. (Pastor Fido.)

as almas , e aõndê a existencia do homem mais se apura. Quando se chega a aninhar no mais recondito do peito , que crueis martirios não experimenta o mizero á quem com o pathetico de sua linguagem o persuadio : faz calar a razão por mais robusta , que seja ; rouba a paz ao coração mais vigoroso , e livre ; torna pezados os dias , as noites melancolicas e longas , morto parece o amante á face do universo : os jogos que então se amavão são para seos olhos objectos de desprezo , e odio , e o sublime espectáculo da Natureza perde para elle seos magicos encantos , e seos doces atractivos. O amor busca na solidão da noite o seo mais doce lenitivo , é lá que se ouvem as queixas amarguradas feitas contra a perjura amante , pensativo , e engolfado em penozas ideias se chama pela morte para alliviar a pungente dôr da alma : lá se ouvem entre cortados suspiros , soluções longos , ternos aes ; e todos os cuidados que então se desconhecção , ahi se encontrão.

Amavel solidão , tres vezes salve !

Amavel solidão ! tu es o extremo.

Dos bens que Jehovah reparte ao mundo.

Por ti nossos prazeres se aviventão ,

Por ti nossos prazeres se amortecem !

Amante desditozo que revolve

No coração océanos de penas

Foge a teo seio : á chaga tu lhe vertes

Salutifero anódino , e benigna.

A dor lhe estancas , e a razão lhe volves !

.....  
Desce a noite , supita o somno o mundo ;

No solitario leito a infausta Dido

Unica vela : em mar de pensamentos

Sua ideia naufrága : amor , vingança ,

Odio , furor no peito se lhe alternão ,

E em toda a parte o Teucro se lhe antolha.

«E' esta a fe [exclama em pranto a triste]

D'esse heroe em piedade abalizado ,

Que o velho pae salvou por entre as chammas

Da abrazada Dardania ! que blasona

D'interessar os ceos em seu destino !  
 Se é tal um semideus , quem será monstro ?  
 Sacudido do mar co'a morte á vista  
 A's praias do meu reino , o acolho meiga ,  
 Franqueio-lhe meu paço... oh!... isto é nada...  
 Minha mão... e por premio me abandona !...  
 Cabe tanta maldade em peito humano ?...  
 Ah! se o rosto é fiel retrato d'alma ,  
 Seu rosto taes perfidias não promete!...  
 Eu talvez m'enganei... suas palavras  
 Não percebi... talvez , Dido infelice ,  
 Amor com vãos phantasmas te atormenta...  
 Sim , as naus que engolphadas ja presumo ,  
 Talvez na fulva areia a quilha encravão...  
 Nada socoga a receiosa amante ;  
 Corre inquieta a mísera raípha :  
 Ja com tremulo pé ganha alto cirado  
 Que dominava o mar , e immobil fica ;  
 A' luz da incerta aurora vira a infausta  
 Do perjuro os baixéis , que a plenas velas  
 Entre as vagas azues de um mar dourado  
 Sobre as azas dos ventos se escondião.  
 Um pouco torna em si , que não tornára ,  
 Sentira menos dor !... Que! desaferrão !...  
 Partirão! ai de mim !... Oh Jove oh ! numes !  
 Mas que Jove ou que numes ! são chymeras ,  
 Ou justos em panir minha loucura !  
 Eu , eu própria devia o tenro filho  
 Co' estas mãos lacerar :... c'os membros d'elle  
 Banquetear o paç !... Mesmo a seus olhos  
 Levar o fogo ás naus , matar-lhe os socios ,  
 E enviá-lo depois ao negro inferno  
 Sens manes consolar . . Mas.. ah! que os monstros  
 Ja de todo a meus olhos s'esconderão !...  
 Zombão do meu faror ; E fico iaulta !  
 Furias , surgi , brami , tufões e ventos ,  
 Luchae-vos , escarceos !... vossos furores

Sobre o ingrato apurac .. vingae... vingae-me...

Jogo das yagas largo tempo, acabe

Sobre duro penedo. — Esta alma... esta alma...

No amor o despejo á primeira vista parece ser essencial a natureza desta paixão da alma, o que não é assim; e a razão que temos para deste modo pensar é que além de ser autorizada por um bom escriptor, a experiencia nos mostra que o amor de nós mesmos, que possui o objecto não o despeja mas se confirma na sua possessão. Assim quando no amor ha objecto que excita o sentimento de prazer, então temos despejos. Também muitas pessoas julgão, que a complacencia a respeito do objecto que se ama é quem faz a essencia do amor, e o seu verdadeiro fundamento. Duas são ao nosso ver as causas, que temos para explicar o phenomeno do sentimento do prazer, que o amor excita em nossa alma; que vem a ser, ou a sensação, ou a reflexão: Se diz, que o prazer nos vem pela sensação quando os objectos tocão aos nossos sentidos, e pela reacção somos advertidos; assim como nos vem pela reflexão quando a alma tem julgado, que o objecto da nossa affeição, é proprio á contribuir para nossa felicidade. D. Pedro (na Castro de J. B. Gomez.) nos pode fornecer exemplo exprimindo-se nesta substancia:

Ah! que seja possível, por meo damno,  
 Que o melhor dos Monarchas do Universo,  
 Igualmente não seja o Pai mais terno!  
 Que um Rei, que desvelado buscou sempre  
 Fazer os seus Vassallos venturozos,  
 Queira fazer seu filho desgraçado!...  
 Contratastes, Senhor, sem consultar-me  
 Um consorcio, ignorando se teu filho  
 Pode, ou quer d'Hymenêo ás leis cingir-se!  
 Se essa, que lhe destinas para Esposa,  
 Pode ao seu coração ser agradável!  
 Acaso julgas tu desnecessaria  
 A minha approvação para estas nupcias!  
 Não será livre um coração ao menos  
 Na escolha de uma Esposa, que amar deve...  
 Ah! não queiras, Senhor, com tal violencia.

Se achamos uma pessoa bella, esta sensação produz em nós uma reacção momentanea, e nos força a amar. Se este objecto amado possui, ou reúne em si as qualidades moraes, taes como; doçura de coração, modestia nas acções, nobreza de sentimentos, e finalmente uma alma bem formada; então o objecto se torna mais querido, porque ao mesmo tempo obrão os sentidos, e a reflexão. Se por casualidade descobrimos quando a reflexão obra só, que aquellas qualidades encantadoras forão meramente filhas da illuzão dos sentidos, então buscamos afastar-nos do objecto, porque sua presença nos é desagradavel e a opposição que experimentamos nos é dolorosa, porque cara a cara pelega o amor com a razão, e neste combate a razão vence: se em lugar de nos afastarmos continuamos na presença do objecto, por mais esforços que empreguemos, e por mais perseverança que tenha a razão o amor vence. Tem-se dito que só um bello semblante é a cauza exclusiva do amor, ao que nós com Pascal negamos, porque por mais bella que seja a physionomia de uma Senhora de prompto lhe perderiamos o amor, se uma cauza accidental alterasse o magestoso do seu semblante. Muitas vezes amamos fortemente uma Senhora, não pelos dotes physicos, mas sim, pelas relevantes qualidades do seu espirito, que juntas a um certo = *que* = não explicavel nos encanta, nos arrebatá sem nunca vermos a feia cara do enójo. Quando os dotes physicos se reúnem aos moraes, mais força tem o amor: teve razão Duclou quando disse, que não pode haver amor sem estima; e a razão em que se fundou foi que no amor havendo um prazer, os homens se não devem esquivar de achar estima, ou interesse nas coizas, mormente, que lhes agradão pelo que faz com que se prefira antes este do que aquelle objecto.

Meos prazeres, meos bens no amor encontro;

O firme amor insidias não receia.

Basta amar, e seguir a natureza.

Aprendamos a amar-nos mutuamente,

E só no puro amor, amor busquemos.

Que dos réis o maior, deixando o throno,

Venha a meos pés depor diadema e sceptro;

Que seo fastozo amor do altivo solio  
 Aos attractivos meos a mão off'reça ;  
 Ver-me-hão todos preferir aquelle ,  
 Que soube do meu peito achar a entrada ,  
 Ao monarcha , ás grandezas , e a mim mesma.  
 Abeilard , tu o sabes , o meo throno  
 Só no teo coração hei collocado.

Eu no teo coração só tenho as pompas ,  
 Os titulos , a gloria , a honra , a fama.

Todos os nomes que a fortuna inventa  
 Rejeito altiva , e só me lisonjeia

*De tua amante* o nome ; e se ioda ha outro  
 De mim mais digno , e que melhor explique  
 Meo terno amor , por ti vaidosa o tomo.

Aquelles homens , que menosprezão as suas paixões , só o fazem pela reflexão , e por grandes esforços da razão ; porque este sentimento natural os obriga a que obrem o contrario. No *amor* propriamente dito a razão se perturba , os juizos são confuzos , e o homea por si nada pode rezolver pelo estado de perturbação em que vive , vista sua natureza varear segundo os effeitos , que produz na imaginação e no coração da pessoa que ama.

Vemos , em Virgilio , Dido no accesso da colera falar ao Piedoso Encas , e lhe dizer : = Perfido achas graça de me occultar tão grandes crimes ? Por esta forma é que pretendes sahir do meo reino contra a minha vontade ? Nem meo *amor* , nem a fé que me juraste , nem a propria morte que a tua auzençia me cauzará , te reterá os passos. O Poeta Garção mui vivamente nos pinta o estado terrivel desta infeliz Rainha pela fuga do Teucro fementido (1).

(1) Já no rocho Oriente branqueando  
 As prehes vélas da Troiana frota  
 Entre as vagas azues do mar dourado  
 Sobre as azas dos ventos se escondião.

A miserrima Dido  
 Pelos paços réaes vago ullulando ,  
 C'os turvos olhos inda em vão procura  
 O fugitivo Eneas.

Tem-se visto homens, que amando grandemente a uma  
Senhora, (sendo elle doctado d'um fundo de probidade) muitas  
vezes faz calar o dezejo não obstante imperar no coração de

---

Só ermas ruas, só dezertas praças  
A recente Carthago lhe apresenta:  
Com medonho fragor da praia nua  
Fremem de noite as solitarias ondas;

E nas douradas grimpas

Das cupulas suberbas

Piam nocturnas agouzeiras aves.

Do marmorio sepulcro

Attonita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas

Do defuncto Sicheu com debis vozes;

Suspirando chamar: Eliza! Eliza!

D'Orco aos tremendos Numens

Sacrificios prepara,

Mas viu esmorecida

Em torno dos thuricremos altares

Negra, escuma ferver nas ricas taças;

E o derramado vinho

Em pelagos de sangue converter-se:

Frenetica delira;

Pallido o rosto lindo;

A madeixa subtil desentraçada;

Ja com tremulo pé entra sem timo

No ditoso aposento,

Onde do infido amante

Ouvio enternecida

Magoados suspiros, brandas queixas.

Alli as cruceis Parcas lhe mostraram

As Iliacas roupas, que pendentas

Do thalamo dourado descubrião

O lustroso pavez, a Teucra espada.

Com a convulsa mão subito arranca

A lamina fulgente da bainha,

E sobre o duro ferro penetrante

Arroja o tenro crystallino peito:

Em borbutões de espuma murmurando

O quente sangue da ferida salta:

De roixas espadanas rociadas

Tremem da sala as doricis columnas.



sua amada, só para não ultrajar o objecto querido. Ah! Que sacrificios! Que suspiros taciturnos não desprende sua alma involuntarios! Que combate! A natureza com a virtude! Porém esta vence; porque não ha triumpho sem victoria; assim como não se dá esta sem grandissimos obstaculos. Tudo suffoca a virtude, até mesmo os grandes e barbaros impulsos do coração. Nós podíamos encher paginas innumeradas, só com exemplos de magnanimidades succedidas em materias de *amores virtuosos*.

Que doce não é para uma alma terna, o comesso do amor! Um simples olhar; um gesto; um curto sorriso; um menêo; uma palavra, é o primeiro gage que desafia, e desperta o instincto, e entrando pelos olhos se vai guardar (difici camin角度) no coração: (2) começa brincando, e ao depois sedu.

Tres vezes tenta erguer-se,  
Tres vezes desmaiada sobre o leito  
O corpo revolvendo ao ceo levanta  
Os macerados olhos &c.

(Garção Cant.)

(2) Mal vi seo rosto perfeito,  
Dei logo um suspiro, e elle  
Conheceo haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava:  
Vendo que o via baixava  
Amodesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formozo;  
Elle, ouvindo os seus louvores  
Com um gesto desdenhozo  
Se sorriu e não fallou,  
Pintei-lhe outra vez o estado,  
Em que estava esta alma posta,  
Não me deo tambem resposta,  
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo  
Animado de esperança,  
Busco dar um desaffogo  
Ao cançado coração.

zindo, e com promessas vans vai ganhando em tempo; e ao depois desafia impetuosidade de desejos, áfim de obter favores. Principia por graça, passa á dezojo, e ultimamente vem á tornar-se uma necessidade. Quando o *amor* tem ganhado em tempo, que se suppoem necessidade acarreta consigo dores, dezespero, indifferentismo, de quando em quando se lhe ouve expressões monosyllabicas, que só os amantes as entendem (3).

Pêgo em seos dedos nevados,  
E querendo dar-lhe um beijo,  
Cubrio-se todo de pêjo,  
E fugio-me com a mão.

&c.

(Dirceo L. 2.)

(3) Eu devia, cruel, seguir teo mando,  
Esquecer-me de ti, fugir de ver-te,  
Tirar do coração o amor sem fruto,  
Venenosa raiz de acerbos males.  
Mas devo combater contra invenciveis?  
Tu, que nunca de amor sentiste o jugo,  
Tu, só pôdes dizer que amor nos-cêde.  
Se amor cedesse a rigidos duellos  
Inda folgara na innocencia minba,  
Inda meus dias deleitosos forão.  
Mas eu debil, eu Ninfa, eu que te vejo,  
Podia acaso resistir ao Nume,  
Que o ferro e o fogo tem, que os Deoses prostra?  
Amor, sem ser sentido, entrou no peito,  
A' suave traição obstar não pude:  
No fundo mais recondito e sensível  
Do puro coração, veio aninhar-se.  
A minha confiança a pouco e pouco  
Foi ganhando o fallaz com vãs promessas:  
Fallou-me de mil bens para attrahir-me;  
Eu mesma consenti no cativoiro;  
Depois que me-vio presa estar segura,  
Em furor converteo sua clemencia,  
Sujeitou deshumano os meus sentidos,  
Despota sobre mim choveo mil males,  
Com dores infernaes ferio-me o peito,  
Em fogo devorou minhas entranhas,  
Fez meu sangue ferver fel-o agitar-se,

O coração dos amantes está na razão das intervistas ; por-  
que se está ausente, constantemente vive contrahido, e um apor-  
to quazi constante sente não só neste órgão, como na re-  
gião thoracica ; o pulso é consentrado, linear, e fraco : se  
está presente se dilata, um sentimento de alegria e satisfação  
se nota, as pulsações são regulares e cheias, e tudo neste esta-  
do é prazer. Aos olhos dos amantes nada escapa ; elles se co-  
nhecem pelo olhar, pelo andar, e tem havido quem faça ap-  
plicação de todos os sentidos : um aperto de mãos muitas ve-  
zes cauza um frió glacial. O amor no principio traz protestos,  
juramentos, preferencias, vantagens sem limites, e innumer-  
as felicidades : (4) são invocadas as Divindades, são revocados dos

Offuscou-me a razão, roubou-me o sono,  
E a minha antiga paz, e os meus prazeres  
Tornou em cinzas, como faz ás flores.  
Feroz incendio que pegou nos bosques.  
¿E pôsso destruir quem tanto pôde?

(Ech. a Narc.)

(4) Se este mudo espectáculo dos campos  
Para os sentidos teos contém delicias,  
Sabe que a Natureza inda he mais ampla :  
Tens visto um pouco dos thesouros d'ella,  
Mas d'ella inda o melhor não tens gozado.  
Tem doces mimos, divinaes, supremos,  
Que em seo seio recata, e só concede  
A'quelles, que de amor as leis adorão :  
Adora as leis de amor, goza estes mimos.

Se eu vivo sempre em ais, sempre em desgostos ;  
Solitaria chorando entre os desertos,  
Não te faça tremer a sorte minha ;  
Eu amo, e vivo em bárbaro abandono ;  
De meus tormentos teu rigor he causa.  
Mas tu, se amares, acharás ternura,  
E a mais doce, e fiel correspondencia.  
Os frutos gozarás que tu me negas ;  
Sem jamais conhecer o que he desgosto,  
Invejado serás dos proprios Deoses.

Uma espôsa ternissima, e constante...  
¿Que puro nome tão credor d'inveja !  
Uma benigna carinhosa espôsa,

túmulos os restos sagrados dos mortos; e revocados os sentimentos de ternura e de constancia; porem cruel *amor de quam* curta duração não são os teos violentos excessos ! De fortes que

Te-faria sentir quanto és amavel !  
 Quando cansado de correr no monte,  
 No fim do dia- aos lares teus voltasses  
 Já fatigado, e de suor cuberto,  
 Adiante de ti correndo alegres  
 Ladrariao teus cães; e a tua amante  
 Te-viria encontrar em teu caminho.  
 Seu rosto alegre da innocencia imagem;  
 Seus abraços suavissimos, seus beijos;  
 Os risos, as perguntas, as caricias  
 Te-fariao sentir, que eras ditoso.  
 Para te-alliviar, te-furtaria  
 Aurea cadeia d'onde pende a aljava.  
 Tirara de teu braço o arco eburneo;  
 Nas melindrosas mãos o conduzira.  
 Sobre teus hombros lançaria o braço,  
 Apertando-te ao seio, e muitas vezes;  
 Como caçaste, perguntara, e quando,  
 E a quantas feras arrancaste a vida.  
 Dir-te-hia, que saudosa em tua ausencia;  
 Só se occupava em ti, pensando sempre  
 Alguns perigos, que encontrar podias.  
 Trazia os precipícios, as carreiras,  
 Os bravos javalis, e ardentés lóbos.  
 Desejava que o Sol levasse o dia,  
 E á noite mais feliz em fim viesse  
 Sacçal-a, e lançar te entre seus braços:  
 Que para distrahir os seus cuidados,  
 Para t-as-offertar, andou tecendo  
 Flores capellas, onde poz teu nome:  
 Que andou só para ti colhendo os frutos.  
 Mais doces, mais gostosos que encontrara,  
 E entre a murta os guardou em seus cestinhos:  
 Que, depois de não ver-te o dia inteiro,  
 Com tua volta se-alegrava tanto,  
 Como a terná, lanigera ovelhinha,  
 Que o pastor deixou só no rude aprisco,  
 Se-alegra, quando a urai dos pastos volta:  
 Que muito longo parecêra o dia,  
 Que a noite ao pé do espôso he só momentos!  
 Isto é mil coisas, que a ternura inspira.

( *Idem.* )

são ao depois se vão enfraquecendo, a medida que se vai gozando: se o coração é bem formado, que não dezeja o abandono, vem lhe substituir o mais nobre sentimento da alma, a singela amizade.

Se a constancia no amor apparece, é antes filha d'um longo hábito, ou da reflexão nascido do dever de probidade, do que da violencia deste sentimento. E' da essencia do amor inconstante a variedade, a novidade; vencer a resistencia do pudor, unica força, e prompta sentinella, que a Natureza deo á casta e vergonhoza donzella: sacrificios enormes faz o perfido amante só para ganhar victorias. O homem ama com facilidade, e este sentimento nelle é exaltado; e por isso mesmo que é violento é de pouca duração; porem esta regra não deixa de ter sua excepção. Conta-se que o Medico Fernelio pouco tempo durou depois da morte de sua cara e adorada consorte. Danton sentio perder a vida, e deixar sua consorte; e ao pé do cadafalso disse: = Oh minha amada! Oh minha mulher! Não te verei mais (H. de Rev. Françeza T. 2.º por Mignet). D. Pedro 1.º se sobreviveu, foi para vingar a morte de sua querida Castró, &c. &c. O Inglez Roberto poucos dias durou depois da morte de Anna d'Arfet (L. Epanaphoras D. Fr. M. de Mello, é o bello epizodio da Zargôida de Medina) &c.

— « Um amor favorecido ( diz o Coronel de Weiss P. Philosophiques Politiques et Moraux T. 1.º p 95) » e contrariado pelas circumstancias, pôde durar muitos annos; a difficuldade o irrita, a esperança o sustenta, a auzencia o nutre: mas ao depois de ter vencido todos os obstaculos, resta-lhe (como diz Niuron) o maior de todos, e é de o não ter... (p. 91) E' nos corações simples, ingenuos, formados pela natureza, na sombra d'um asylo, que convem tirar a verdade: é lá que escapão estas ninharias, que se procura dessimula-las. A simplicidade ennobrecida pelo sentimento tem mais encantos, que todas as subtilezas da arte, todo o requinte da garredice jamais pode igualar.

E' assim que muitas vezes nas mulheres sizudas, sensatas e frias n'apparencia, se achão os sentimentos mais activos, a imaginação a mais delicada, a alma mais profundamente oc-

cupada, e por contraste, a resistencia a mais segura: mas a severidade, quando não tem desfarce, e que a ternura acompanhava, offerece prazeres que lhe são proprios.

A excitante difficuldade, seos motivos respeitaveis, o mistico da linguagem a importancia que se dá, unidas as ninharias, os grandes escrupulos para as coizas ridiculas: este combate entre a propensão e o dever; esta mistura de recato e abrimto do coração, de ternura e de caridade, de sancto e de profano..... esta vista que se eleva ao ceo parece accusar seo rigor, e que se humilhando pede perdão de sua crueldade..... tudo isto tem attractivos superiores aos ares das me-retrizes, as graças vivas e a liviandade de uma rapariga namorada: uma nos facina, a outra nos move; uma nos arrasta, a outra nos prende; a estimação nos endemoisa d'um lado, do que perdemos do outro, e os louros da castidade se enlação com as rozas de amor. —

Muitas mulheres difficulosamente amão; e se são perseguidas, e chegão a amar, este sentimento nellas é mui durador; e algumas há que não podem sobreviver á seos amantes.

O meo amigo o Sr. P. F. A. Gomes me disse, que a mulher de um Boticário nesta cidade, chamado Moniz, teve tanto sentimento da morte de seo marido, que pouco tempo lhe pôde sobreviver. Contarão-me que a irmã do Bacharel em Direito M. V. Tosta, a Señora D. Umbelina, teve tanto pezar da morte de seo consorte, que meteo-se em um quarto entregue a todas as privações da vida, e que só d'elle sahio quando foi pagar á Natureza os tributos da saudade, unindo seo virtuozo espirito ao daquelle por quem só amava a existencia. Na muito estimavel obra do Excel. Visconde de Pedra Branca, (já citada) lemos nas notas ao Poema de Legouvè, a respeito do merecimento das mulheres, além de outras a seguinte passagem, que fielmente copiamos. — «Mad. Lefort, com duas ordens de vestidos entra na prisão do marido, faz com que elle fuja, e fica em seo lugar. Sendo interrogada lhe brada o Juiz « Desgraçada, que fizeste? — O meo dever, (respondeo) faze o teo. » Mad. P... em Lyon, sendo em um facto analogo interrogada, confessou o que havia feito, e disse: — Estou prompta a morrer quando quizerem. —

E dizendo-lhe o Juiz, que o interesse da patria exigia que descobrisse onde estava o marido, tornou-lhe ella. — A patria não ordena que se ultrage a natureza. — Mad. S. acompanhava o seo marido na prisão, ouviu chamarem por elle, era a voz da morte: abraça-o, e sendo arrancada de seos braços, exclama: « Barbaros! Não deixarei por isso de morrer tambem » e partindo a cabeça nas grades da prisão, expirou. — Mad. C. r. não podendo acabar no patibulo com seo amante, escreveu uma carta á favor da Realeza, pondo-a em via de ser surprehendida, escreveu segunda, e facilitou mais a surpresa; enfim o extragemta sahio como queria. No momento de ser preza cortou seos lindos cabellos, e os distribuiu, e bem assim suas joias, por suas amigas. Sendo interrogada: — « Sim, disse, sou a authora das cartas; assassinasteis a meo amante, dai-me igual sorte, aqui tendes a minha cabeça » — E subindo a guilhotina, exclamou: — « Aqui morreo elle hontem, eu vejo o seo sangue: carrasco, mistura ao delle o de sua amante. », —

São os homens mui injustos com a melhor porção da humanidade, mil baldões lhe sacão sem piedade, não attendendo á são estado organico sub as relações anatomico-physiologicas, (Lede Adelon Physiologia do homem. T. 4. e Virey da mulher, secção 3. cap. 2. e 3. secc. 4. cap. 1. 2. 3.) como seja a inconstancia, a falta de caracter no *amor*, etc., ao que nós por ellas respondemos: tudo na mulher depende da educação, e que se entre ellas alguma apparece inconstante é devido á predominancia do systema nervoso; meio preventivo com que a Natureza as dotou para mais captivar o coração do homem.

Ao nosso vêr certos actos que se observão na vida das Senhoras, são filhos das circumstancias; e em alguns, ellas não tem parte directa: Certa inconstancia que ellas real, ou sagazmente procurão mostrar ao homem, não é mais que para despertar o seo amor que cuida enfraquecido. Se grande numero de mulheres prevaricão (1) são os homens mais culpados, que ellas; por-

---

(1) Bem que eu não sigo as linguas venenozas,  
Que as mulheres só tratão de alcivozas:  
Sei, que muitas o são, sim, não duvido,

que são instigadas, e levadas por muitas promessas, e muitos protestos: outras são arastadas pela necessidade, e outras pelo total abandono.

E que diremos do homem se estivesse em idênticas circunstancias? agora cala se elle, porque é tão miseravel, que muitas vezes no furor do *ciúme* basta ouvir d'ellas uma palavra um *carinho* para se persuadir, e dissipar as imagens aterradoras. (2) Em defendendo as mulheres dos baldões, que os homens lhe sacão, é advogar a causas da Natureza: nós não buscamos agradar, quando a verdade é quem fala em seu abono; não podemos tolerar a afronta feita contra um sexo que merece nossos respeito. Aquelles que menos prezão as qualidades encantadoras das mulheres, são os que mais miseraveis se considerão, e os que mais repudiados tem sido. Que grande não é o coração d'uma mulher? Quem poderá igualar

Pelos cazos, que vejo, e tenho ouvido;  
Mas contem-se as traições d'ellas, e d'elles,  
Se acharem nellas mil ha dez mil nelles.

( *Carvalho Ecloga 2.<sup>a</sup> Galatéa.* )

(2) Se n'este horror profundo um raio ao menos  
De esperança nos luzisse!... E ainda era tempo;  
Inda este coração te perdoava;  
Fôra inda teu! Vem: solta-te dos laços  
Com que essa astuta serpe te rodêa:  
Vem desgrehada, tremula, chorosa,  
Toda acceza de amor e de vergonha  
Arrojar-te a meus pés, beijar a terra,  
Pedir perdão, jurar... Jurar! quem! ella?  
Já nem juras, nem lagrimas me bastão;  
Quero, preciso, deve-m'o, derrame  
O çumo vil do coração perverso,  
A morte a purifique, e serei d'ella.

Mas, se tu eras pura; se pensavas  
N'este momento em mim! se em quanto vertô  
Contra ti maldicções, tu solitaria  
Bençãos pedes aos Cêos, que me protejão,  
Me afastem todo o mal fôra as saudades,  
Me conservem fiel, te dem já ver-me!  
Se era falso o teu crime! Ah que se o fosse!..

( *Ciúmes do Bardô.* )



no amor a uma desvelada Mai? E'-me mais tocante e mais sublime vê-la com seo filho nos braços, que o melhor quadro da Natureza.

O amor sendo a lei universal da natureza animal, costuma a obrar de uma maneira uniforme no genero humano; recebe um sem numero de modificações, dependentes das relações variadas, em que as duas substancias de que é composto o homem está; assim como de todas as causas phyzicas, e moraes, que podem obrar ou sobre os sentidos, ou sobre a alma.

Nos irracionaes a união dos dois sexos é justamente um acto puramente mecanico, ou animal, que nenhuma variedade apresenta: a inclinação, que tem um para outro sexo é filha da necessidade do seo organismo, ou de sua constituição; visto que o põha em acção, bem como as outras necessidades inherentes á vida, sem que para isso intervenha a escolha, ou a liberdade. No homem ao contrario a união dos sexos é um acto nascido da vontade, e subordinado tanto aos sentidos, como á imaginação: no irracional não ha preparatorio; no homem há e por grãos; no homem há preferéncia, e no irracional não há. No homem as necessidades phyzicas andão de envolta com os sentimentos moraes, o que produz o amor; e no irracional só o que apparece é a necessidade phyzica. O primeiro phenomeno que se observa no amor phyzico, é que um sexo submetta a outro, e que um sirva de potencia em quanto que o outro de resistencia; porque a victoria que quer ter o amante, é de igualar o seo amor com o do objecto amado. O amor tem a propriedade de reduzir a alma a um estado tal, que lhe faz communicar ao mesmo tempo fraqueza, e força, de modo que uma Senhora pode soffrer, e encarár as desgraças com prazer, com tanto que a seo lado esteja o seo amante. Esta nossa asserção não é filha de theorias, porque se lançarmos as vistas no terrivel quadro da revolução Franceza, veremos factós que á primeira vista parecem incriveis. Todo mundo sabe das desgraças de D. Leonor, mulher do Capitão Manoel de Sepulveda na volta da India para Portugal &c.

No excesso do amor ha sempre interrupção, devida a uma suppozição que se julga de preferéncia mal entendida á que

se denomina — *ciúme* — (3). Este abuso do *amor* é mais ordinario nas mulheres do que nos homens. Esta paixão é um vivo sentimento mortificador que segue o *amor*, quando se está na supposição que se quer roubar, ou desputar o gozo do objecto a quem amamos segamente. Virey (cap. 2 p. 247 da mulher) diz — «que uma das paixões que a mulher resente com mais violencia é o *ciúme*. Com effeito, como a mulher faz no *amor* maiores sacrificios que o homem, e que ella s'expõem a todos os males da maternidade; como as leis são mais severas contra novos laços para com ella do que para com elle, e vendo-se desamparada, é se sentir immolar á mais cruel injuria, e deshonra. E' pois natural que se abandone ao furor do *ciúme*: e quicá que a privação dos prazeres que experimentou não é o móvel inferior desta paixão que arruina a toda sua alma.

Se o *amor* não se pode occultar por muito tempo, o *ciúme* se manifesta mui facilmente n'uma amante aos olhos d'uma ou-

---

(3) A palavra *ciúme* comparada com a *inveja*, tem suas distincções e D. F. Francisco de S. Luiz (Ensaio sobre alguns Syn. da Ling. Port. art. 17 p. 1.ª) como philologo, as que apresenta são as seguintes:— «*inveja* é um sentimento penozo, cauzado pelo bem, que outrem possui. *Ciúme* é um sentimento penozo, cauzado pela pretensão que outrem tem, ou fceamos que tenha, de possuir um bem, que julgamos nosso, ou que aspiramos a gozar exclusivamente. A *inveja* é mais geral que o *ciúme*. Afflige-se do bem alheio, aindaque não possa pretendê-lo, nem aspirar a elle, nem d'ahi lhe venha mal algum. O *ciúme* é mais limitado na sua extensão, e somente domina aquelles, que pretendem, ou podem pretender a posse do mesmo objecto. A *inveja* é um sentimento baixo, e abjecto; é o tormento das almas vis: tudo o que pode servir de alguma utilidade, ou vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seo! O *ciúme* tem uma origem mais nobre: nasce do orgulho, isto é, da idéa vantajoza, que cada um tem da superioridade do seo merecimento; e olha como inimigo o competidor, que lhe disputa essa superioridade. A *inveja* rõe e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se da sua propria baixaza, e não ouza apparecer em publico a cara descoberta. O *ciúme*, como é menos vil, não teme manifestar-se de um modo sensivel e publico: rompe muitas vezes com impeto, e os seus effeitos são mais estrondozos, e ta' vez mais funestos» —

tra mulher. = Este furioso sentimento da alma obra mais ou menos impetuosamente conforme as circumstancias; e segundo que a pessoa é mais delicada ou mais sensível. Quando a pessoa amada tem qualidades brilhantes, como amabilidade, magestade no seo todo, sempre apparece certa desconfiança pelo que respeita a permanencia do gozo. O Coronel de Wiess quer que esta paixão seja mais peculiar do homem que da mulher, do feio que do formoso, dos velhos que dos moços &c. ao que segundo a nossa maneira de sentir julgamos que é particular, tanto á um como ao outro sexo; o cazo é, que o estado de preferencia se declare. O velho Pedro Charron (de la Sagesse cap. 5o p. 194) suppoem que o *ciúme*, é a doença das almas fracas, nescias e ineptas, e mais, que é terrivel e tyranica; que elle começa por amizade, e que sub este titulo quando se assenhorea da alma, muda-se todo em furor, o amor em odio, o respeito em desdem, a confiança em desprezo. — E' assim um fel que corrompe todo o mel de nossa vida. — (4)

(4) « Podesse eu pôr na voz do odio a furia!  
 Mudado em turbilhão, lançar meu grito  
 Por lago, serras, bosque! de repente  
 O Tigre fulminar, tranzir a Ingrata!  
 « Velho, alem... sob a extrema do horizonte...  
 Lá onde mais negreja... é la o inferno.  
 Ali, á luz de horóscopo maligno,  
 Nasci, amei, amarão-me, fui morto.  
 Ai de hora a hora o sou, de instante a instante!  
 Agora mesmo que me crês contigo,  
 Lá me estão novamente apunhalando!!!  
 Tu nada vês.. e eu vejo tudo! oh tudo!!!  
 « Em vão lhes muge o bosque ameaças torvas,  
 Debalde treme o valle, os Ceos retrôão;  
 Lá vai o impio feliz... lá chega occulto...  
 Bate; ninguem o ouviu, ouviu a Ingrata.  
 Volveo-se a chave cumplice no crime...  
 Entra... fechão-se!... Os passos tenebrosos  
 Lhes guia amor nefando ao leito horrivel!...  
 Longe o pudor e os véos!... cresce o delirio!...  
 Fervem beijos de furias e demonios!...  
 Tornou-os um do crime a sympathia!!  
 A tela sotoposta ao jogo infame

Os effeitos do *ciume* chegarão a tal ponto no coração da furioza Medea, que só por Jason se agradar de Creusa filha de Creante, lhe mandou uma boceta cheia de pedras preciosas encantadas, que logo que a infeliz moça as tocou e tão bem seo pai, immediatamente morrerao. Lançando em rosto de Jason sua perfidia, desesperada pega dos filhos em presença do pai e os despedaça. É magnifico ler os transportes das duas personagens em P. Corneille. Os despezos e fugida de Cabral foraõ a cauza da morte de Moema. (Lede o bello episodio do Caramurú de Durão sobre este objecto.)

No *ciume* o estado de perturbação d'alma e o furor são os que sobresaem as mais paixões; a ligação dos juizos é perturbada, e por isso teve razão Montaigne [Ensaio] quando disse «= Logo que o *ciume* se apossa destas pobres almas fracas, e sem resistencia, é tocante como elle as acanha e cruelmente as tyraniça. Elle se ensina com apparencia de amizade, mas logo que as prende, as mesmas cauzas que servirão de fundamento a benevolencia, servem de baze ao odio capital: é das doencas do espirito aquella em quem mais coizas servem de funda-

Cobre este coração que espesinhado,

Veneno, sangue, e lagrimas escorre:

« Julgão-se immunes, sós, n'este universo;

Insensatos! meus olhos os contemplão,

Os meus ouvidos por seus labios roção

E eu vago, injeiro, pela mente de ambos.

« Deos, que a vil, como a mim trahio jurandó;

Não mos fulminés, fôra leve a pena:

Torna-os immoveis, sem tirar-lhe a vida;

Tectos, muros subverte; expostos jazão

Por toda a eternidade exemplo ao mundo.

Em quanto olhos e mãos houver na terra;

Bons e más apedrejem-os passando;

Vendó perpetua a dôr, sem fim o ultraje,

Surdo o Ceo, surda a morte, o amor convertão

Em maldicções de fel, em mutuos odios:

Parecendo gosar mordão-se nivando,

E engula um do outro os olhos desvendados!

Ai perfida!... Oh vingança!... Oh minha sede!...

Viras se pungem nas entranhas da alma

Pubhaladas de mão que se adorara!

(*Ciumes do Barão.*)

mento, e menos coiza serve de remedio. = Finalmente, em resumo diremos, que a idéa que formamos desta paixão, é uma idéa por sua natureza baixa, e indigna de uma alma bem formada; pelo que ella consiste na idéa de preferencia; e por isso é que um amante *ciama* do seo rival, porque suppõe ter o outro aos olhos de sua amada, qualidades superiores a suas; e neste estado em que a alma vacila em um oceano de inquietações por fim se entrega ao furor da desordem [5].

### DA AMIZADE.

A amizade na accepção a mais generica é um sentimento de affecção, que nos leva á amar alguém pelo atractivo, que nos promette com o seo commercio. Ella é uma benevolencia, cujos attributos premordiaes são a sinceridade, a fidelidade, a constancia, a generozidade, a ternura, a docilidade, a previdencia, a religiosidade, o desinteresse [\*] &c. — Sentimen-

(5) Fê bom Velho, virtude, amor, constancia

Fugirão d'este globo indigno d'elles:

Mulher pura e fiel não ha, nem houve;

Crês tu, que a tua o seja? Aos lares corre,

Entra imprevisito, e lá verás se eu erro.

Todos nós somos victimas incautas,

Todas ellas... verdugos. As melhores

Com flores o punhal disfarção rindo.

Credulidade em nós, astucia n'ellas

Ao Pudor feminil alçáram templos.

Em vão zeloso amante as fecharia

Do mar no fundo, ou no amago da terra;

Adultera lá mesmo ardêra a mente.

E tão celeste a voz, o olhar tão purô,

Tão meigo o riso. as lagrimas tão prontas!...

Raça infame de viboras doçosas!

Podesse uma só nau contel-as todas,

E o piloto fosse eu: triumpho eterno!

Livre era o mundo e os seculos vingados!

Desejos sempre vaos!... reaes só dores,

*Idem.*

(\*) Quando fallo do interesse o meo leitor já me entendê, que não fallo d'aquelle de que já tratei para irmos de accordo com as idéas.

tos estes que se observão quando se a cultiva verdadeiramente,

Suave inclinação d'alma sensível  
Do sabio apreciada, e mais querida  
Do homem virtuozo.

Tú do amigo ao lado, o gosto augmentas  
E aponcas o pezar: mimo do Olympo

Carinhosa amizade,  
Do puro coração deleite, e vida,  
Irmã de amor; sem venda, e sem archoté  
Sem agro de ciume

Mais do que amigo, só conheço amiga:  
De seo sexo meiguices privativas  
A' amizade requintão.

O amigo é outro eu, no amigo existo  
E o laço encantador que as almas prende;  
Es tu nobre amizade.

Na amizade o favor desaparece  
São gostozo dever os sacrificios  
Tudo merece o amigo.

Para salvar o amigo o p'riego esquece,  
A sanha da desgraça affronta, e a morte  
O animo sublime.

*Borges de Barros, Ode a Amizadé.*

Este nobre, e philantropico sentimento é uma necessidade d'alma, cujos fundamentos, nascidos da igualdade, fazem plantar no coração do homem, o mais doce estimulo. A amizade é o melhor bem que nos veio das mãos do Creador; ella é a achave do coração, é o laço que prende com venturosos e ligeiros grilhões, uma alma sensível a outra. D'esde o Céu até a terra, desde o sceptro até o mais humilde cajado, tu preciozo bem assazonas os males da humanidade. Na grandeza ou na desgraça, no degredo ou na prisão, na dôr ou no prazer, na alegria ou na saudade, na presença ou na ausência, nobre amizade, tu te mostras rizonha, qual suspirada aurorã ao perdido nauta, a quem n'uma medonha noite seo navio ficou entregue ao furor das vagas, e dos ventos, sem mastro, e sem leme, seo pensamento fluctuando á discripção

da dôr, da afflicção, da sorte, e da morte; cujos nevoeiros de-  
 persão; affugenta o medo, a imagem da morte desaparece, e  
 finalmente um quadro novo apresenta a natureza, para deman-  
 dar um porto amigo. A *amizade* não nasce como os outros sen-  
 timentos; ella nasce pelas relações da honra, dos gostos dos  
 espiritos; ella se augmenta com a estima, se sustenta pelas at-  
 tenções de reciprocidade; ella nasce de uma confiança sem  
 reserva, e sem limites. Quem poderá com a existencia em qual-  
 quer situação, que nos depare a providencia, sem o sagrado  
 influxo d'este piedoso sentimento; o tyrano por mais orgulho-  
 zo, e soberbo que seja, respeita o sanctuario da amizade,  
 humilhando o septró vai aliviar as magoas de sua alma, no sa-  
 grado templo d'essa divindade: ali respira o benefico ar de-  
 senfectador dos remorsos; e então ella se mostra singela como a  
 virtude; meiga como o coração materno; feliz como a Divin-  
 dade. Ali domina a confiança: todos os sentimentos, e todos  
 os pensamentos, que sente nascidos do prazer, ou pena são  
 communicados com franqueza: um interesse particular se toma  
 nas coizas as mais triviaes; de sorte que as nossas afflicções  
 são partilhadas, e borrifadas de um prazer illimitado. O Mar-  
 quez de Caraccioli [Caracteres da amizade] suppõe este senti-  
 mento divinizado, e o titulo, que lhe dá é de virtude: e diz =  
 Vós exprimis a sua imagem; fazeis as suas funcções; inspiraes  
 o seó gosto; a sabedoria vos dirige, a candura vos annuncia.  
 Quanta differença ha entre a *amizade* e o *amor*? A *amizade* é mái  
 dos prazeres innocentes; o *amor* é origem das perturbações,  
 e das tristezas: o *amor* não respeita leis algumas; a *amizade* as  
 observa todas: o *amor* é a obra do caprixo; a *amizade* é o fructo  
 da reflexão: o *amor* extingue-se tão depressa, como se ascende:  
 a *amizade* forma-se pouco á pouco e nunca morre: o *amor* quei-  
 xa-se; a *amizade* cala-se: o *amor* atormenta; a *amizade* tranquil-  
 liza. — Lemos nas antiguidades chinezas que no tempo do  
 governo de Yáo, Imperador da China, havião dois negocian-  
 tes que erão mui amigos, Fong, e Kiang; o primeiro era rico  
 e o segundo pobre, um dia entra Kiang pela casa de Fong  
 assustado, e palido trazendo em seó rosto a imagem da afflic-  
 ção; olhando o nesse estado o amigo lhe pergunta o motivo

de tal proceder, ao que Kiang lhe responde com um profundo suspiro... Instalhe o amigo, porque d'elle não ouviu resposta mais que um suspiro, e lhe diz:—Meo precioso amigo, se eu vos não conhecesse só pelo estado em que vos vejo, de prompto me capa itaria, que tinheis feito algum crime!—E duvidaes lhe responde Kiang: eu sou o mais detestavel dos homeus; a pezar de sempre me ter esforçado por cumprir s antamente com as cinco obrigações; porem estas mãos agora estão tintas no sangue do honrado Outing; um agudo punhal lhe cravei no peito, so por uma palavra que o infeliz me disse, e de que me agrgravei: fujo áo supplicio, e me venho acoutar nos braços da amizade. Já não és ante os meos olhos, ó meo amigo lhe diz Fong, criminozo; porque és mais digno de lastima do que Outing: elle já estava com seos dias cheios, e tu serás perseguido pelos remorsos; a cada momento elle te mostrará tudo quanto lhe fizeste; assim como elle te accuzará perante o grande Titien. Mas perdôa, meo amigo, não é proprio em mim redobrar teos pezares; convem antes, que lances tuas vistas ao Ceo, e cre que a Providencia, não te ha de abandonar. Retirou-se Fong ao depois de abrigar o seo amigo; porem á cada momento, vinha cumprir com o seo mais leve e sagrado dever. Espalha-se a noticia do assassiuato, porem niuguem soube quem o perpetrou. Kiang muitas vezes chorando dizia á seo amigo, que elle poderia escapar da morte, porem não podia livrar-se do seo proprio coração; por ser o seo mais barbaro supplicio. Nesta minha terrivel situação só me pèza minha mulher; e meo filho, que Titien bem o sabe, que é só quem me faz estimar os miseraveis dias, visto que niuguem é espozo, e pai impunemente: sentimentos estes, meo amigo, que te não são estranhos..... Como se fizessem altas diligencias para se saber quem foi o assassino de Outing; e não se descobrisse, agarrão, e carregão de ferros o sabio Ming, varão o mais virtuozo, e o mais respeitado de toda a Chiuá, por ter estado pouco tempo antes da morte com Outing á conversar. De tudo era sabedor Kiang..... porem como sua alma fluctuava n'um pelago de dores, por ver a virtude massacrada na pessoa daquelle grande homem, áquem todos adoravão; d'aquelle, cuja maxima era;



— e pela virtude se communicão os homens com o Céu, bem que entrê elles haja uma grande distancia —. No semblante de Fong se via o marulho do que se passava em sua alma, por ser testemunha da triste situação do amigo, e do infeliz ancião. Por junto do lugar onde habitava Kiang, passou uma voz que disse; *Ming vai soffrer a miseravel sorte dos criminosos*; Fong, que se achava com o amigo, sai em demanda do lugar do cadafalso, e quando lá chegou, vê sair o venerando septuagenário com a resignação, que é propria do verdadeiro sabio. Ming em presença do povo toma por testemunho de sua innocencia o Céu, e a terra. Que triste espectáculo para Fong! Corre á caza cheio de perturbação, e communica á sua mulher o acontecido, e sem dizer mais palavra busca Kiang, entrega-lhe a mulher, e os filhos, e não tendo valor para dizer mais; vòu ao lugar onde Ming estava, á receber o golpe fatal: abraça-o, e diz: = senhores, poupai a innocencia, e castigai o culpado, que está em vossa presença = Voão ao Céu mil vezes, e admirão todos a grandeza de Tetien; e vão descarregar neste heróe da amizade o golpe cruel, quando ouvem outra voz de entre a multidão pedindo o castigo para salvar o amigo..... Que vindes ca fazer lhe pergunta Fong. A minha obrigação; salvar a innocencia, e a meo amigo. Que scenas tão sublimes para a multidão, quando ouvem da bocca de Kiang, a sua deploravel historia; e exige, que seja elle o suppliciado; mas não o seo amigo. Nesta lucta de preferencia entre Fong e Kiang apparece o sabio Yao, que informado do acontecido suspende a sentença de morte, e diz á Fong: = grande homem vem gozar em paz junto á mim os teos preciozos dias; como tu, devem ser os mortaes que devem estar junto aos reis; porque se alguma coiza ha que possa divinizar o homem é só a virtude: e tú Kiang, bem que, também te admiro, me compadeço da tua sorte; porque te condemno á morte, e paga com o teu sangue o que derrainaste. = Fong com estas vozes cai sem sentidos, e quando tornou á si disse ao Monarca, que recuzava a graça, porque preferia a sua morte á do seo amigo: e Kiang também pede, que antes de morrer lhe concedesse a graça de abraçar a seo bemfeitor. Mil coizas se passarão no meio desta scena sublime, e aos dois amigos o So-

berano disse, que o mesmo Titien é quem tinha ordenado a sentença de morte, e que por uma acção de tanta generosidade, elle dezejava imita-lo na beneficencia; e que elles serão o ornamento de sua Corte &c.

Igual caso aconteceu a Damon, e a Phythias, philozophos Pithagoricos, que vivião no reinado de Dionizio, tyranno de Syracuza: Damon moço republicano; Phythias mais velho, e morigerado. Damon foi prezo, e condemnado a morte; Phythias obteve do tyranno ficar em lugar de seo amigo, em quanto elle se ia despedir de sua familia. Já ia Phythias ser suppliciado, porque Damon tardava, quando de repente apparece elle pedindo a Phythias os seus grilhões; o que o amigo recuza dar-lhe pela satisfação que tinha de morrer por elle; este combate de preferencia entre dois corações amigos, moveo ao tyranno á perdoar-lhes, e abraçando-os cheo de transporte, pediu-lhes que o admittissem na sua amizade, como um terceiro amigo. Este facto foi referido pela propria bocca de Dionizio, quando ensinava meninos em Coriintho; e que Cicero refere no seo tratado dos Officios; bem como Valerio, Máximo, e Theodoro da Sicília o refererem como exemplar. São tantos os exemplos que a historia de todos os tempos nos fornece de bons amigos, que seria um despropozito enaumerar-los.

### DA SAUDADE.

A *Saudade* é um sentimento máviozo de pezar, que pursue a nossa alma pela lembrança de um objecto, que está ausente, e que se dezeja (1). Esta palavra na sua accepção ety-

(1) Tu que n'auzencia privações disfarças,  
 Na enganoza atracção levando a mente  
 Aos sitios da ventura,  
 Que minoras o mal, nos ais que exhalas,  
 E sabes dar ás lagrimas que vertes  
 A gradação do gozo.  
 Vem querida *saudade*, espelho fido,  
 Em que Amor ante os olhos da lembrança  
 O bem passado offerece.

mologica exprime uma sorte de *soledade*, ou desamparo em que se sente a alma, privada momentaneamente, ou para sempre de um objecto, que já foi cauza de seu prazer, e gosto.

= « E' por tanto (diz D. Francisco Manoel de Mello nas suas Epanaphoras) a *saudade*, uma mimosa paixão da alma, e por isso tão subtil, que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor da satisfação. *E' um mal de que se osta, e um bem que se padece*: quando fenece, troca-se á outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga; porque se sem millhoria se acabasse a *saudade*, é certo, que o amor e o dezejo se acabáráo primeiro: não é assim como a pena; porque quanto é maior a pena, tanto é maior a *saudade*, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; consorme succede áos rios impetuosos, conservarem o sabor de suas agoas, muito espaço depois de misturar-se com as ondas do

O' venturoza lua que os lugares  
 Vás de meus gostos ver, este suspiro  
 Toma, e n'elles derrama.  
 Dize-lhes onde estou; que só me deixas  
 Por tristes companheiras, noite, vagas,  
 E o desabrido noto.  
 Vai, dos formozos lumes de Marília,  
 O somno pouco a pouco desprendendo,  
 E languidos abrindo,  
 Vai, e n'esse momento preguiçozo,  
 Em que os requebros do celeste corpo  
 Vires, mal acordado,  
 Dize-lhe docemente, porem n'esse  
 Mudo falar que os labios não conhecem,  
 Que os olhos só comprehendem,  
 Dize-lhe!... a tyrania com que matas  
 E' mui doce ó *saudade*! basta, vai-te,  
 Se me não deixas, morro.  
 O' d'auzencia cruel querida amiga!  
 Tão vivas recordar gratas memorias  
 Bem é, peor que o mal.  
 E' dar amargo fêl em taça de oiro;  
 Dobra o mal do infeliz, do bem o aspecto,  
 Basta, não mais *saudade*.

Borges de Barros Ode a *saudade*.

mar mais opulento. Pelò que diremos que a *saudade* é um suave fumo de fogo de amor, e que do proprio modo que a lenha odorifera lança um vapor leve, alvo, e cheiroso, assim a *saudade* modesta, e regulada dá indícios de um amor fino, casto, e puro.

Não necessita de larga auzencia; qualquer desvio lhe basta para que se conheça. Assim prova ser parte do natural appetite da união de todas as coizas amaveis, e similhantes; ou ser aquella falta; que da divizão d'essas taes coizas procede. = \* (2) Na *pena* o objecto pode estar auzente ou presente; porem na *saudade* sempre está auzente: na *pena* o sentimento é doloroso; na *saudade* este sentimento não só é dolorozo, mas ao mesmo tempo é anivozo. A *saudade* é um sentimento, que se não pode confundir com os outros sentimentos, que parecem designar a mesma idéa; ella se distingue da dôr moral, porque a dôr é um sentimento penozo, e profundamente nascido da representação do mal que já soffremos, ou que se soffre, ou que se ha de, ou podera, soffrer. Também se distingue do *pezar* por ser este uma especie de dor cauzada pela representação das más acções; que praticamos. A *saudade* se distingue ainda da *afflicção*, por ser esta uma especie de dôr mais pungitiva cauzada pelo mal presente ou imminente; talvez irremediavel, que pode vir de encontrò, ou a nossa felicidade ou pode atacar os objectos que nos são mais caros. A *saudade* se differença da *consternação*, por ser esta um effeito da dor, cauzada pela presença, ou proximidade da coiza que accõmette repentina-

---

(2) Sendo esta palavra privativa da lingua, que tive a fortuna falar, e exprimindo um sentimento que todo o mundo sente, porem que só o Portuguez é quem o exprime, não achei a quem consultar, a excepção do escriptor de que já fiz menção. O Sr. Roquete diz:—que florece entre os Portuguezes a *saudade* por duas cauzas; mais certas em nós, que em outra gente do mundo; porque d'ambas essas cauzas tem principio. Amor; e auzencia, são os paes da *saudade*; e como nosso natural é entre as mais Nações, conhecido por amorozo, e nossas dilatadas viagens occasionarão as maiores auzencias; dahi vem, que dando-se a este muito amor, e auzencia larga frequente exercicio, forão entre nós mui certas *saudades*, e esta é sem falta a razão, porque entre nós habitassem como em seo natural centro.—

mente ao nosso espirito deprimindo-o de tal forma que o pode tornar inapto.

A *saudade* ainda se differença da *melancolia*, por ser esta uma disposição para a *tristeza*, e mesmo para a *saudade*; na *melancolia* ás mais das vezes apparecem as lagrimas involuntarias, e na *saudade* quando isto succede é provocado pelo desejo. Na *saudade* o pezadume, ou este amargo gostoso que se soffre, é aggravado pelas recordações dos mimos que se logrou; a memoria do bem passado, o trato ameno, a auzencia do bem querido, e grato, é quem rala de *saudades* a alma (5).

(3) Saudade! Oh saudade amarga e crua,  
 Numen dos ais, do pranto!  
 Deusa que os corações sem dó, sem mágoa  
 Tão cruel dilaceras!  
 Sinto, sinto o teu ferro abrir-me o peito,  
 E na chaga que abriste  
 Roçar-me as tranças desgrehadas, humidas,  
 Que da pallida frente,  
 Sobre os forvados, macilentos olhos,  
 Sobre a face te descem.  
 Continuamente os barbaros ministros  
 De teu furor tyranno.  
 (Duras lembranças de passados gostos,  
 De fugidia gloria)  
 Batendo as negras, as funereas azas  
 Dentro me esvoação n'alma.  
 Piedade! oh! por piedade um só momento  
 As angústias suspende.  
 Da já convulsa vista um só momento  
 Oh! tira esse retrato,  
 Tira esse gesto, que adorei, que adoro,  
 Que amor por meu tormento,  
 Que a natureza pródiga formarão.  
 Da branda voz tão meiga  
 Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito  
 Dos cortados ouvidos?  
 Porque lembrar-me os dictos engraçados?  
 Porque na face pallida  
 Renovar-me a impressão, que foi tão meiga,  
 Dos osculos lascivos?  
 Porque aos labios, que em fel azedo escumão,

Todo o mundo sabe que esta paixão, foi quem mais rapidamente levou a sepultura o grande Camões. Este Epico Divino lamentava não os trabalhos da vida porque passou, nem menos a indigencia, nem os desprezos de uma Patria de ingratos, porem sim a amargurada *saudade* que a sua querida Natércia (D. Catharina de Ataíde) lhe cauzou. O sr. Dr. Garret no seo excellente Poema (o *Camões* cant. 5. (4) optimamente exprime o

De teu sópro crestados,  
 Mandar assomos de tornados bejos,  
 Do saboreado nectar!  
 Risca...Mas ah! perdoa, ó sacra deuzá,  
 A's sacrilegas vozes  
 De blasphemo delirio! Oh! volve ao peito  
 O pungir de tuas dores:  
 Teus ais, teu pranto são delicias, mimo  
 Dos coraçãoes sensiveis,  
 Os gemidos que arrancas dentro d'alma  
 São desfôgo ás mágoas:  
 Ternas memorias, deliciosas, meigas,  
 Sem ti que fôra d'ellas?  
 Sem ti que fôra do prazer gosado?  
 Sorveria um momento  
 Séculos tantos que juntou de gosto,  
 Que accumulou sobre elle,  
 Que, novo Prometheu, roubou do Olympo  
 Amor co'a mão piedosa.

*Garret Lyrica de João Minimo, á Saudade*

(4) « O viço de meus annos se ha murchado  
 Nas fadigas, no ardor sevo de Marte.  
 Estranhas praias, ignoradas gentes,  
 Barbaros cultos vi; gemi n'angústia,  
 Penci ao desemparo, em solidade,  
 Vaguei sosinho á mingua, e sem confôrto  
 Pelos palmares, onde ruge o tygre:  
 Tudo soffri no alento d'uma esp'rança,  
 Que, no instante de ve-la, me ha fugido.  
 Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella,  
 Quem entre os goivos te esfolhou da campa?  
 Longe, por esse azul dos vastos mares,  
 Na soidão melancolica das aguas  
 Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,

terno sentimento daquelle peito maviozo, quando elle se queixava das suas desgraças.

---

E com ella gemeu minha saudade.  
 Alta noite, escútei o carpir funebre  
 Do nauta, que suspira por um tumulo  
 Na terra de seus paes; aos longos pios  
 Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes.  
 Os ventos pelas gaveas sybilárão ;  
 Duras rajadas d'escarcéo tremendo  
 As descosidas pranchas semeavão  
 Pelas cavadas ondas. Feia morie  
 Nos acenou eo'as roxas agonias  
 Malditas da esperanza... — E eu só a via ;  
 Eu só por entre o horror da tempestade  
 Via brilhar a luz da meiga estrella ,  
 Unico norte meu. Por mar em fóra  
 Os duros membros negros estendia  
 Esse gigante, cujo aspecto horrendo  
 Primeiro eu vi, primeiro a seus amores  
 Corri o veo dos interpostos seculos :  
 Quiz-me punir do ousado sacrillegio ,  
 Com que os segredos seus vulguei na lyra ;  
 As iras lhe arrotei, ouvi sem medo  
 Os amarellas dentes a ranger-lhe  
 Por entre os furacões d'atra procella.  
 Vi-lhe a esqualida barba, de despeito,  
 Arrepelar-se, e a cõr terrena, e pallida  
 Ao clarão dos relampagos luzir-lhe  
 De sanguinosa colera inflammada.  
 Não me aterrou, que do almejado pôrto  
 Me allumiava o farol de amigo lume.  
 Farol consolador, fanal d'esprança,  
 Quando na praia já, sem luz me deixas !  
 Engano lisongeiro da existencia,  
 Que verdade cruel te ha dissipado ?  
 Que impia mão te ceifou no ardor da sesta,  
 Rosa d'amor, rosa purpurea, e bella ?  
 Os echos das soidões, que lava o Ganges,  
 Das veigas, onde cresce a palma do Indo,  
 Repetirão teu nome : e o meigo accento  
 Da minha branda lyra, onde soava,  
 No sussurro das folhas recedentes

## DA SYMPTOMATOLOGIA E INFLUENCIA DAS PAIXÕES, E AFFECÇÕES SOBRE O ORGANISMO.

Já que temos investigado largamente sobre a sede, e natureza das paixões é justo, para irmos de conformidade com a nossa maneira de observa-las, estudar o modo porque ellas costumão obrar sobre o nosso organismo, e os signaes, que lhe são proprios; o que faremos attendendo á qualidade, ou ao grão de força que cada uma tem; sua duração, e finalmente suas mudanças.

Quanto a primeira consideração nós já demos o nosso parecer quando tratamos das paixões primitivas, ou elementares; pelo que agora só o que faremos notar, é que a primeira classe, que é produzida pelo prazer e amor, quando não são excessivos, jamais podem perturbar as funcções do organismo; porque

A filha de Cyniras murmurava:  
Seus perfumados troncos, entalhados  
Por minhas mãos, embalsamado pranto  
Ao receber teu nome, derramavão:  
A criminosa Myrha parecia  
De tão virtuoso amor euvergonhar-se.  
« Oh gruta de Macão, soidão querida,  
Onde tão doces horas de tristeza  
De saudade passei! gruta benigna,  
Que escutaste meus languidos suspiros,  
Que ouviste minhas queixas namoradas;  
Oh fresquidão amena, oh grato asylo,  
Onde me ia acoitar de acerbas magoas,  
Onde amor, onde a patria me inspirarão  
Os maviosos sons, e os sons terriveis,  
Que hão de affrontar os tempos, e a injustiça,  
Tu guardarás no seio os meus queixumes,  
Tu contarás ás porvindouras eras  
Os segredos d'amor, que me escutaste,  
E tu dirás a ingratos Portuguezes  
Se portuguez eu fui, se amei a patria;  
Se, alem della, e d'amor, por outro objecto  
Meo coração bateo, luctou meo braço,  
Ou modulou meu verso eternos carmes.



obrero dilatando, e ao mesmo tempo tonizando-o. O *prazer* sendo a sensação agradável, que cauzão os objectos que nos circundão, é verdadeiramente o sentimento de uma alma, que vive contente, e satisfeita por existir na posse do gozo; é tanto mais apreciado e doce, quanto mais a alma o deseja. O *prazer* soffrendo uma grande divizio, nós d'ella aqui não tratamos por não ser lugar competente; porem o que dizemos, é que nos prazeres reaes, que nos fornece a virtude, a alma goza uma satisfação perenne, e não succede o mesmo quando elles são chimericos, e neste caso o gozo é momentaneo por estar dependente da nossa maneira de sentir.

No *prazer* os olhos se mostrão vivos, e brilhantes; os musculos intrinsecos d'este orgão se movem com promptidão a bocca se conserva entreaberta, a phyzionomia torna-se agradável, e inspira prazer: a digestão é facil e prompta; as secreções, e excreções se effectuão com facilidade; os actos da intelligencia são activos &c. O *amor* se conhece, ou se manifesta pelos signaes, e meios seguintes; um grande interesse se toma por tudo que diz respeito ao objecto amado; nota-se a palidez subita, seguida de calor, e rubor dos pomulos; movimentos convulsivos, e attenuados dos musculos zygomáticos, e mesmo do orbicular dos labios, quando os amantes são noviços, e se chegão a fallar; nota-se também relaxamento incompleto dos musculos levantadores das palpebras, de modo á algumas vezes conservar las entre abertas para o pequeno angulo dos olhos. Quando o amor é encoberto, e que tem quem o observe; a sua linguagem é muda, e o seo dizer é de olhos. Umaz vezes as expressões são eloquentes, outras intercortadas, muitas vezes nota-se nas extremidades dos dedos uma frieza extraordinaria, que depois se inverte. No principio o sangue se concentra por momentos, e a circulação se afroxa; e ao depois apparece uma reacção, e o pulso se accelera. Se o *amor* é excessivo a impaciencia se declara, bem como a inapetencia aos alimentos. De quando em quando se desprendem suspiros involuntarios, e nesse estado o olhar é rapido, e vivo: se o amante esta na prezença do objecto querido, elle se esforça a se tornar bem feito, seos movimentos são rapidos, e inspirão

Vivacidade, e prazer; sua voz se torna harmonioza, e bella; a amante tãobem se esforça em tornar-se gracioza; o olhar é terno e encantador, suas maneiras são seductoras: se ao contrario ella recceia alguma repulsa, tudo é sombrio, os movimentos são involuntarios, seguidos de serenidade apparente, o olhar é misteriozo; nobreza no semblante, e sentimentos concentrados. &c. O Dr. Mello Franco, na sua estimavel obra já citada diz: =  
 O amor é muito diverso do *orgasmo*, ou appetite carnal; por quanto é este vago, indeterminado, e quazi o mesmo em todo o reino animal: aquelle porem he dirigido a um só objecto, que se idolatra, e de quem se dezeja anciozamente ser idolatrado; que se procura possuir; e que se estuda em conservar. E' um meramente carnal, é uma fgoza necessidade, a qual satisfeita em breve passa: é aquell'outro mais espirital do que phyzico; porque a posse, e gozo do bem, que é o motivo de tantos desvelos, e de tão excessivos cuidados, não apaga o fogo, que abraza o coração; antes é pelo contrario uma como substancia resinoza, que o conserva, e augmenta. Quantos exemplos não tem havido de pessoas de ambos os sexos, que não poderão sobreviver muito á perda do objecto, em que empregavão o primor de seus cordiaes affectos? Diremos destes assim sacrificados nas aras de amor tão vehemente, e tão puro, que era o appetite phyzico o que os dominava? Ninguém o dirá.

Esta paixão tão propria do coração humano, quando é bem formado, ou em quanto a immoralidade o não tem corrompido, é o principio fundamental da inestimavel harmonia conjugal; é além disto a verdadeira origem do *amor paterno*; e estas duas especies de amor estabelecem as bases da felicidade social. Quão desassisada por tanto não tem sido a inutil empreza de alguns misantropos de entranhas bronzeadas, que pretendêrão desarraigar do coração humano um affecto, que bem dirigido faz a ventura deste nòsso mundo, que por elle é conservado! Mas quão pouco valem os delirios dos homens, quando encontrão as sabias leis da natureza!

Esta paixão é sempre acompanhada de outras; e por isso devemos considera-la como composta. Se o amor é feliz, isto

é, se as pessoas, que se amão, tem para si, que são reciprocamente correspondidas, seus corações trasbordão de prazer, de suave alegria, e de serenidade de espirito. As forças vitaes diffundem-se do centro para a periphèria; o semblante aviva-se; o sangue circula regularmente; toda a organização por ultimo somente indica permanente concordancia. Se pelo contrario é desditoso, isto é, se algum dos amantes crê, ou imagina, que seus desvelados affectos não são igualmente retribuidos, então o assaltão sustos, receios, ciumes, angustia, tristeza, e até desesperação. Não é possível expôr com palavras o tropel de amargurados sentimentos, que martyrisão o coração de um amante, que se julga mal correspondido, e que receia, ou sabe que é preferido por outrem. No meio deste inexplicavel vaivem de tão malfazejos affectos, que prendem as forças no epigastrio, apparecem o semblante palido, os olhos amortecidos, os lagrimaes pizados, as faces encovadas, os membros tremulos, e sem vigor. Esta pintura não encarecida, quando a paixão é vehemente, e a ingratição ou certa, ou quasi certa, assaz demonstra, quão damnosa, e cruel é uma tal situação, e quão profunda é a alteração, que padece a organização inteira.

Á época, em que esta paixão violenta mais se incendia, é desde a puberdade até á idade varonil, isto é, pouco mais ou menos desde dezoito até trinta e seis annos. Passado este periodo de fogo, entra a razão a predominar; e já não é o amor ardente, o que figura; pois vamos sendo mais sensiveis aos doces encantos da amizade, que impera sobre o amor. Já nos não deixamos allucinar pela simples belleza physica, que entramos a olhar como cousa caduca: só nos namorão os dotes moraes, a que damos o maior apreço; porque já então sabemos, que estes somente fazem a nossa verdadeira consolação, pois durão, em quanto dura a vida. Pelo seu influxo è que pessoas, que tem de cazadas sessenta annos (como nós conhecemos), cordealmente se estimão, e não podem viver auzentes. Verdade he que o habito de viverem sempre juntas não deixa de contribuir para fundamentar esta prolongada amizade; somos porem de opinião, que sem qualidades moraes nunca tal

amizade chegaria a estabelecer-se. Assim o confirma a experiencia de todos os dias, a qual tambem nos mostra que pessoas moças por fozozas, e faltas de experiencia só por acerto cazão bem; e não ha quem ignore os graves, e innumeraveis males, que desta desgraça resultão. =

A dor do espirito sendo um sentimento penozo, e profundo cauzado pelo mal passado, prezente, ou futuro, perturba a tal ponto o espirito, que grandemente o encomoda pela privação de um bem.

Ella é uma maneira de existir penivel da alma, e parece ser a cauza da antipathia; e se manifesta pelo rubor da testa, ou palidez do rosto; batimento de coração, tremor de todo o corpo seguido de estupidez momentanea ou apparente. &c. O odio na linguagem da moral é um sentimento de aversão que a alma tem para tudo que lhe é desagradavel, e que suppõem um mal, e do qual se dezeja affastar. Este sentimento nos offerece tantas modificações em sua marcha como o amor; elle nos foi dado pela Natureza para não só vellar em nossa conservação, como também para repellir-mos as offensas, que tudo quanto nos circula nos ameaça, ou nos pode ameaçar. O odio na maioridade dos cazos vem a ser uma paixão, que não admite motivos certos, e por isso se torna um sentimento cego, que nos leva a aborrecer, ou impellir o objecto da nossa aversão.

O odio se distingue da ira; porque esta paixão é um desordenado dezejo de vingança, contra aquillo que nos despreza, ou nos offende; ella se pode curar; e é agitada, ou apparece por motivos particulares; aquelle quazé, que nunca se remedia; e conserva aversão a tudo quanto é subordinado ao objecto a quem se odeia. Quantas vezes temos visto na ordem social a ira aggravar mais a crueldade das offensas que se commetteo; conspirar-se contra a pessoa daquelle que recebeu a offensa, bem como contra o offensor! contra os damnos prezentes ou futuros! o que não succede com o odio. O D.<sup>o</sup> Mello Franco faz ainda um parallelo entre o odio, e a colera, dizendo: — A colera é semelhante á uma enfermidade agudissima, e o odio á uma chronica; e só diferem pela precipitação, ou lentura de seus effeitos; que são de fazer mal a pessoa de que alguém

se dá por aggravado. Aquella muito mais rapida, e muito mais violenta arrasta o homem aos maiores desatinos; mas não são estes tão criminosos por se deverem reputar como vindos das mãos de um louco furioso: este porem, que se conserva como a braza debaixo das cinzas, é tão dannozo ao objecto odiado, como deshourozo a quem o tem, porque aquelle que teve alguma educação, e que não tem o coração pervertido, nunca se deixa levar de uma paixão tão insocial, que lhe dá tempo para meditar no que pretende fazer, maquinando regra, e abominando vingança, crime detestado por todas as Nações, e que põe o ferrete de infamia á quem o pratica: A *colera* aliena o espirito, disfigura o semblante, que fica como enflamado. No meio de sua violencia a bocca escuma, os olhos scintillão, o pulso é grande, forte, e arrebatado; outras vezes é o espasmo tão desmedido, que todos estes effeitos tomão o aspecto contrario: o semblante torua-se cadaverico, as extremidades esfrião, todo o corpo treme convulso, a respiração prende-se, e o pulso é pequeno, contrahido, e irregular. = (Elementos de Hygiene p. 351.)

A historia de todos os tempos nos tem transmittido muitos exemplos, de pessoas, em quem o *odio* parecia ser-lhes a paixão exclusiva: na lista dos Imperadores Romanos conta-se Tiberio da antiga caza dos Claudios, que fazia alarde de sua crueldade contra a vida dos cidadãos. Era tão cruel esse monstro que não se contentava em mandar matar como a lei ordenava, porém sim só se satisfazia quando os miseraveis acabavam vil e cruelmente. Um cidadão que estava sentenciado a morte, suicidando-se, elle exclama: = Este escapou-me! = Caio Caligula levou o seu odio e maldade a ponto que muitas vezes dizia o carrasco; = Mata de modo que se sinta morrer. = Oxalá que o povo Romano tivesse uma só cabeça, que pudesse ser cortada d'um só golpe. = Estando na presença de dois Consules Romanos, rindo lhes disse: = Pensava que com um abrir d'olhos podia fazer matar-vos ambos =.

Nero, este nome synonymo de maldades não só calçou as leis sociaes, como foi surdo a voz da Natureza: Agrippina foi por elle assassinada, para se ver desembaraçado do frêo ma-

ternal : repudia a virtuosa Octavia por Poppéa mulher infame. Seneca e Burrho, ministros virtuosos forão vitimas do seo odio

A antiguidade nos conta (Iede Formey. II. da Phil.) que o odio de Anyto e Mellito foi a cauza da morte do venerando Socrates. O tacito odio de Temistocles contra Aristides, por excellencia o virtuozo, fez com que elle se tornasse suspeito a ponto de ser o Ostracismo o premio dos favores que Athenas lhe devia. As paginas sagradas estão cheias de exemplos; e nos conta no livro dos Reis, que Saul odiava grandemente a David só por ser valorozo; porque depois que David matou os Filisteus as mulheres andavão cantando pelas ruas nesta substancia: = Saul matou mil, e David dez mil: = O que bem se comprova com estas palavras. (L. 1.º dos Reis cap. 18 § 17) = Então disse Saul a David : *aqui tens a Merab minha filha maior que eu te darei por mulher : o caso está em que sejas homem valorozo, e combatas nas guerras do Senhor. E ao mesmo tempo dizia lá consigo : não seja a minha mão o que o mata, mas sim a dos Filistheos &c.*

O Pezar não se mostra como as outras paixões, por não ser violento; e por isso muito mortifica o espirito. Elle é um sentimento deprimente, porque se manifesta por um abatimento consideravel da face, pela tetração dos angulos da bocca; o olhar amortecido; relaxamento das sombrancelhas. Nota-se mais, um aperto dolorozo no epigastrio, e na região thoracica: a respiração é curta, o pulso é concentrado; outras vezes é frequente. As digestões são tardias, as secreções e excreções, são mui pouco abundantes. As funcções da intelligencia são perturbadas; porque as sensações são tardias. Finalmente esta paixão é a cauza de muitos males, que soffre a humanidade: conta-se que o celebre Vesalio morreo de pezar, por ter aberto um homem, que ainda vivia. As desgraças de Luiz 14.º forão a cauza da morte do Poeta Racine, bem como a do Marquez de Louvois.

Na alegria todos os orgãos vivem em perfeita harmonia, e tudo passa satisfeito: os olhos se apprezentão vivos e brilhantes entre abertos; os angulos dos labios estão as mais das vezes retrahidos; as alas do nariz de quando em quando se dilatão; os musculos zygomaticos se contraem, de modo que muitas vezes

se affastão, e dão origem a duas covinhas no meio da face. O semblante está sempre rozado, inspirando gosto; a bocca risonha; a respiração é facil; o pulso é cheio; as digestões, secreções, e excreções se executão promptamente. Sendo a *alegria* excessiva então phenomenos contrarios se observão; porque o systema nervozo se enthusiasmando apparecem lagrimas, soluços, profundos ais: Estes phenomenos fazem desordenar as funcções, e até muitas vezes, se manifestão syneopas, e mesmo a morte. Os estragos d'uma alegria excessiva são mui consideraveis nas pessoas nimamente nervozas, e debeis, porque nem sempre está nas mãos do sujeito que soffre, o poder rezistir a rotura do equilibrio em que o organismo se põe, não só quanto a si, como á respeito da intelligencia. Quando a *alegria* é seguida de symptomas nervozos, os phenomenos são rapidos, e ha que reccar da vida da pessoa que soffre.

A *benevolencia* é a inclinação habitual, que a nossa alma tem em dezejar constantemente o bem, e a felicidade dos nossos semelhantes. Este sentimento ou disposição habitual, que nos leva a fazer, ou dezejar o bem estar dos outros se manifesta por um certo interesse, que se toma por tudo que diz respeito a humanidade: o semblante se torna um pouco alegre, inspirando singeleza, amenidade no tracto, e nas maneiras; vigilancia em cuidar dos objectos, de que se encarrega. &c. O *respeito* sendo a attenção, ou a consideração, que se tem á alguma coiza, se reconhece pelos sentimentos de superioridade, que se da ao merito de outrem; pela estima que se faz do objecto, tributando-lhe suas considerações; pelo que o não confunde com outro. No *respeito* as palavras são modestas, e expressivas; os sentimentos são nobres; o olhar é firme inspirando reverencia; o semblante goza de plena serenidade, bem como as acções são moderadas (1).

---

(1) D. F. Francisco de S. Luiz (obra já citada) faz uma distincção quanto ao respeito e diz: — O *Respeito* é a attenção, ou consideração, que se tem, ou se dá a alguém, ou a alguma coiza.

*Deferencia* é o *respeito* que se tem aos sentimentos, desejos, e gostos de qualquer pessoa, preferindo-os aos nossos, por alguma superioridade que julgamos haver nessa pessoa.

A *melancolia* se conhece por um aperto doloroso, que se sente na região do coração, e que pouco a pouco vai destruindo o equilibrio das funcções da vida, de sorte que faz desaparecer o appetite; e as forças gastricas diminuem muitas vezes a ponto de inflammam o estomago. Na *melancolia* o semblante se abate, os olhos muitas vezes se mostram humidos de lagrimas, o pulso é fraco, a respiração é difficil, as secreções, e excreções são pouco abundantes; as vigílias são prolongadas, seguidas de um pezo consideravel de cabeça, e fima m nte a pessoa *melancolica* quasi sempre se entrega a um profundo abandono. Este anno entrou para o hospital da caridade, Fran. oisca Maria Tavares, viuva com 44 annos de idade gravemente enferma d'uma gastritis chronica, proveniente da pena que teve não só da morte de seu marido, como d'uma filha á quem muito estimava. Esta doente, experimentou tanto os estragos moraes, que um dia transudou sangue pela pelle, facto este que nos foi communicado e prezenciado pelo nosso Mestre de Clinica interna o Sr. Dr. Cabral. A doente já se achá completamente restabelecida pelos cuidados deste habil Medico.

*Reverencia* é respeito com temor filial.

*Veneração* é respeito profundo, e submisso: *respeito* religioso: especie de culto, que se dá ás coizas santas, ou as que repntamos como taes; ou aos objectos que julgamos mais dignos de *respeito* e honra.

*Acatamento* é todo o acto externo, com que mostramos o nos.º *respeito*; *reverencia*; ou *veneração*:

*Respeitamos* os outros homems, os seus direitos, as suas infellicidades: respeitamo-nos a nós mesmos, os nossos deveres; os nossos justos interesses, &c.

*Deferimos* á idade, ao merito, á virtude, ao saber, quando concedemos aos gostos, opiniões, sentimentos, ou desejos das pessoas, em quem suppomos, ou reconhecemos essas qualidades.

*Reverenciamos* os mestres, os pais, os pastores, os magistrados, o soberano: *reverenciamos* tudo aquillo, em cuja presença estamos como o filho costuma estar diante de seu pai, isto é, com uma especie de temor respeitoso.

*Veneramos* a Deos, os santos, as couzas religiosas e sagradas, e tudo aquillo, a que tributamos algum genero de culto, como aos pais, á patria, aos homems de eminente virtude, &c.

*Acalamos* finalmente, mais ou menos, todas as pessoas e coizas; á quem devemos *veneração*, *reverencia*, *deferencia*, ou *respeito*.



A *colera* sofre graos, e por isso temos a *escandecencia*, que é o começo da *ira*; temos a *ira*, que é a violenta commoção da alma quando é excitada pela idéa do mal, ou injuria. A *colera* é uma commoção mais violenta, ou por outra, é uma *ira* mais agitada. A *sanha* é uma *ira* desajocogada; assim como a *raiva* é um modo de ser de paixão da alma no maior grão, porque sempre é seguida de violencia, e furor; e se differença, a primeira pela côr abrazada do rosto, a segunda pela variedade nas mudanças; e a terceira pela palidez do rosto, que quazi sempre é um symptoma peculiar: a *sanha* se conhece pelos gestos, e contracções como que espasmódicos dos musculos da face; e finalmente a *raiva*, pelo excesso de furor em que se apresenta a pessoa, parecendo ser affectada de desarranjos cerebraes. A *colera* na sua maneira de obrar, põe o organismo como em um estado inflammatorio; porque a intelligencia parece que fica alienada: a bocca espuma; os olhos parecem lançar chamas; o coração se accelera, e as suas contracções são mui fortes; o pulso é cheio e frequente; a respiração é curta, e alguma coiza difficil, os movimentos são da mesma natureza que a violencia da paixão. De mais se tem observado, que quando a *colera* é excessiva, a pessoa toma um estado todo original, bem como o semblante se apresenta cadaverico, as extremidades frias, o pulso concentrado, e fraco; e muitas vezes esta paixão dá origem ás apoplexias, ás hemorragias, as febres inflammatorias, epilepsias &c. &c. A historia Romana nos conta, que Nerva não obstante ser um velho respeitavel, e virtuozo, acabou seus dias por um accesso de *colera*; bem como Sylla, e Valentiniano.

O *temor* geralmente falando é a justa e certa apprehensão, que se faz do mal que nos pode accontecer; pelo que este sentimento, que a primeira vista parece ser filho de uma alma fraca, o não é; porque elle não exclue a razão illuminada, e nem menos o coração animozo; e a razão de assim pensar-mos é, que muitos homens que possuem aquellas qualidades, temem os altos juizos da Providencia; temem o crime, e a ignominia; temem infringir a lei, porque temem o castigo que ellas impoem ao infractor. Este sentimento se differença do medo,

e mesmo do receio; porque o medo nasce da ignorancia, e puzilanimidade, em quanto que o temor não; o receio provem da indicizão do entendimento, e talvez produz a irrezolução da vontade. No *temor* a palidez se manifesta, os olhos ficão como que espantados, os membros tremem, o coração palpita com grande força, e muitas vezes ha tal perturbação que a circulação pára, e a intelligencia se perturba: os sphincteres do anus, e da bexiga se relaxão a ponto de deixar sair involuntariamente os objectos contidos nestes órgãos &c. As paixões, e affecções alegres, quando obrão sobre o organismo, não produzem resultado funesto, salvo se ellas passão a excesso; por que neste caso em lugar de serem agradaveis, se tornão nocivas pela permanencia de uma especie de orgasma, em que põe o systema nervozo. Quando as paixões, e affecções não chegão a este ponto de vehemencia, por si podem curar alguns padecimentos do homem. Mr. Deslande refere ( M. de Hyg ) que o Principe de Saxonia Weimar padecendo de uma febre periodica, que todos os dias pelo meio dia elle experimentava, o Dr. Hufeland já cansado de lhe aplicar remedios, teve o cuidado de adiantar duas horas o seo relógio, e mostrando ao Principe esta mudança elle teve tanto prazer deste factó que ficou completamente restabelecido. As paixões, e affecções tristes obrão ao contrario das alegres; ellas são cauza de um grande numero de padecimentos, por que sendó a sua accão deprimente faz concentrar as forças do organismo, dando origem ao recalcaimento do sangue, e por conseguinte aos padecimentos do figado, baço, estomago, e mesmo males nervozos. Não temos necessidade de apontar factos historicos alguns para corroborar nossa asserção, porque a cada momento vemos entre nós exemplos; e por isso quando os factos são frequentes achamos escuzado apontar outros. Quanto ao grão de força de cada uma das paixões, sabemos pelo que já dissemos, quando fizemos a distincção de paixões, e affecções, que as paixões são mais perigozas, que as affecções, porque aquellas em sua força são desproporcionadas em relacção a estas, e por conseguinte os effectos de necessidade devem ser mui differentes: por exemplo o amor simples, ou moderado cauza deleite á nossa alma; porem se

elle è violento torna-se perigozo, porque a acção do moral sobre o phyzico é penivel, e pouco a pouco as forças se vão enfraquecendo á ponto de desafiar mil males.

A historia antiga nos conta que o Tragico Sofocles morreo de gosto, quando recebeu a corôa por premio da sua tragedia em Athenas; áo contrario succedeo a Christovão Colombo, que morreo de desgosto em Valladolid pelas ingratições de Fernando (o Catholico) Rei de Hespanha.

A historia da Philozophia está cheia de factos, que mostram o quanto a humanidade, tem sido victima das paixões. Quanto a duração de cada uma das paixões verdadeiramente nos não podemos assignalar, porque isto está subordinado ou dependente a muitas circumstancias; e só o que com certeza podemos dizer é, que as que são mui fortes e vehementes obrão a maneira das enfermidades agudas, que é com muita rapidez, e dura mui pouco tempo, apesar de que neste curto intervallo seus resultados são mui desfavoraveis: taes como o amor excessivo, a colera, &c. As que não tem o mesmo gráo de actividade, podemos comparar ás enfermidades chronicas, taes como a Melancolia, a Pena, a Saudade &c, que pouco á pouco vão destruindo a harmonia, ou os fundamentos de nossa existencia, até que por fim a morte vem por ultimo acabar os soffrimentos.

Em rezumo diremos que neste Unívsero o que mais nos admira é o homem, considerado sub todos os pontos de vista, e principalmente sub aquelle em que o moral obra sobre o phyzico, e *vice-versa*; bem como tâobem as mudanças oppostas que se nos apresentam ás paixões, e os grãos porque paixão. Ellas obrão sobre o systema nervozo perturbando, e ao depois de ter feito uma completa revolução, o espirito participa della de modo que a sensação que primeiramente se teve, se vai enfraquecendo, e esta è logo substituida ou por outra de semelhante natureza, ou de character diverse ou variavel em grãos.

## TRACTAMENTO GERAL DAS PAIXÕES E AFFECÇÕES.

Seríamos sem duvida fastidiosos, se quizessemos divagar no tractamento de cada uma das paixões e affecções, quer de baixo do ponto de vista da moral, quer do da Hygiene, e quer do da therapeutica; pelo que nos contentaremos dar alguns preceitos geraes, ás duas primeiras classes.

A primeira regra que deveremos ter ánté os olhos, é indagarmos a cauza, que motivou a paixão ou affecção, e a sua natureza. A segunda, é quando quizermos applicar as paixões; é buscar afastar o quanto for possível as causas que occasionou, porque assim privado das excitações, não só o phyzico como o moral, se hão de conformar com a maneira regular da existencia.

Para que não se experimente as consequencias que acarreta o prazer excessivo e a dor, cumpre grandemente que a pessoa ou o objecto que o houver de excitar, tenha muita circumspecção, para que não exponha ou o apresente de súbito; porem sem gradualmente vá preparando o animo, para quando ao todo estiver sciente não soffrer um abalo violento. Se por casualidade a pessoa for nimamente nervosa, que não obstante as cautellas veio a padecer muito, convem que o Medico se exerce em lhe diminuir a sensibilidade, e mesmo gradualmente; e levando a certo ponto que vir não possa produzir grandes danos; convem de mais afastar-lhe todos os excitantes do systema nervoso, como sêjam os bebidas alcoholicas, o café, os alimentos mui condimentados &c. &c. bem como privalo dos bailes, theatros leituras de novellas, Poemas excitantes &c.

E finalmente lhe a conselhará o exercicio moderado, de trações honestas taes como a caça, a dança, a muzica moderada, as sociedades de bons amigos, &c. Pois desta forma não só conseguiremos apartar dos desvios á que as paixões e affecções nos possão levar, como a curar radicalmente estes males que tantas pessoas tem levado a sepultura.

FIM.

## HIPPOCRATIS APHORISMI.

### Secção 2.<sup>a</sup>

1 Aquelles que tem alguma parte doente, e nao sentem ordinariamente a dor, tem o espirito perturbado. Aph. 6.

2 Em todas as doenças, o ter o espirito prezente e bem receber o que é administrado, são de bom agouro; o contrario ho mau. Aph. 33.

### Secção 6.<sup>a</sup>

3 Se o temor e a tristeza durão por muito tempo, são symptomas de melancolia ou atrabile. Aph. 23.

I As paixões tem primitivamente sua séde n'alma, e são subordinadas ou dependentes da acção nervoza. p. 14.

II O homem é essencialmente formado, de duas substancias, que são corpo e alma. p. 14.

III Se as duas substancias de que he o homem formado não existirem em perfeita harmonia, as funcções do corpo, e os actos da intelligencia, são perturbados.

Nada achei nesta thése, que contrario fosse aos Estatutos. Bahia 23 de Outubro de 1840.

Dr. Jonathas Abbott.

# DAS PAIXÕES,

I

## AFFECÇÕES EM GERAL.

---

Com a existencia vem as emoções do espirito, e de com-  
comitancia vem as paixões; e se fosse possível que o homem  
pudesse viver sem ellas, sua existencia seria mais um flagello  
que ventura; sendo a manciça de um somno, onde não  
veslumbassem as bellas, e rapidas imagens da phantazia,  
nessa metade da vida, onde o homem goza venturas, e sem  
saber como as goza. O maior gráo de intelligencia com que a  
Natureza dotou o homem, e a idea do justo; é principalmen-  
te o que destingue-o dos brutos; e a historia das suas inclina-  
ções, seos vicios ou virtudes, é justamente uma das primei-  
ras coizas que nós devemos apreciar: porque em cada mo-  
mento da sua vida, o vemos em contradicções consigo mesmo; o  
vemos querer, e não querer; desejando, e ao mesmo tempo abor-  
recendo; tenaz de manhã, e bem fraco á tarde; heroe n'um  
dia, covarde em outro: uma vez piedoso, outra feroz, gene-  
roso n'uma hora, n'outra mesquinho; tudo querer, e nada lhe  
agradar; &c. Que! Donde provem tanta variedade no ente  
pensador! Sim, dentro em si elle possui a inexaurivel fonte  
que vai ser o objecto de nossas investigações:

Existe dentro em nós tres facultades centraes, e cinco  
paixões primeiras, a que nos chamaremos *Mães*, cuja origem vem  
de uma das tres facultades — a *sensibilidade* — de quem dependem  
ás variedades, ou subdivisões, que as determinão, e as modi-  
ficão segundo as circumstancias. Com a sensibilidade se recebe

as impressões, e estas são logo transmittidas pelos sentidos, para o órgão central, onde são fielmente apreciadas; sendo agradaveis, se as desejão, e se não são, se as odeião. Em nós estes sentimentos são comparados, julgados, e meditados; donde se pode tirar a seguinte consequencia; quem pensa sente, quem sente existe, e quem existe, mais ou menos ha de sentir os embates que as impressões occasionão. De mais somos levados á crer, que a qualidade das paixões depende do mesmo gráo de sensibilidade, e de perfeição do organismo: ora nenhum outro animal goza de tanta perfeição como o homem no seo organismo, porque resume em si, o que despersamente se nota nos outros animaes; a nossa assersão é fundada no que a Zootomia tem mostrão; e por isso dizemos, que as paixões nos irracionaes são, não tão furiozas como no homem, por isso que não gozão de tantos privilegios como elle; porém são susceptíveis de prazer, e dor, amor, e odio; e isto tem, bem que em gráo muito menor, que o homem: elles, sentem inveja, tem amizade, e reconhecimento, &c.

Não são sensíveis áos olhos do inexperto estas qualidades, áo philosopho é que pertence o seo conhecimento, e apreço: assim, elle nota a providencia em uns. qualidades sociaes em outros; discernimento em distinguir qual é seo amo, quem é o amigo, quem é o contrario, em outros.

A prudencia é a distincção de alguns; assim como a vigilancia, é a partilha d'outros: o cão tem o somno tão leve que o menor movimento o desperta para cuidar da guarda das coizas que lhe são confiadas. Alguns tem altivez em seos sentimentos; outros não: o prudente Elefante recuza unir-se a sua espoza no captiveiro, só para não sujeitar seos filhos áo mal que elle soffre: as qualidades moraes d'este animal são admiraveis. Nós poderiamos referir muitas coizas espantozas a seo respeito, que temos colhido dos jornaes de diversas Nações se tivessesmos em vista biographal-o.

Muitos passaros preferem a morte á perda de sua liberdade: o gallo quando acha o verme, ou outra qualque coiza, chama as socias para repartir com ellas, satisfeito do seo achado; e muitas vezes se contenta de as ver comer sem que elle na-

quillo toque. Alguns passaros quando suas espozas estão no ninho á chocar, ou os desprezão, elles fronteiros á ellas cantão, para as alegrar; e algumas vezes o observador nota, que se esforção na modulação da voz. As virtudes não lhe são estranhas, porque elles reconhecem a mão beneficente; assim como a fidelidade em alguns, e a amizade em outros, são coizas que espantão o orgulho do homem. A pomba cuja castidade é inviolavel, reziste por muito tempo sem que o pombo consiga seos affectos; porém se ella franqueia lhe uma vez seo coração, elle a tem por toda a vida, sem que nunca experientemente de sua parte inconstancia.

Assim chamamos paixão a uma comoção, que viva, e profundamente affecta a alma, e a faz mudar de novos juizos, estados, e rezoluções; segando que amamos, ou aborrecemos a presença de um objecto.

Chamamos affectão da alma a inclinação, que ella tem para um objecto ou sensivel, ou que pareça sob forma de uma imagem sensivel, segando que ella tem prazer; ou pena. As paixões obrão com mais ou menos vehemência, na razão dos temperamentos individuaes; assim como um motivo qualquer que elle seja é quem as põe em movimento, ou as desfaz.

Antes de passarmos a tratar de outros objectos devemos fazer uma distincção; e è que estes sentimentos tem uma multidão de grãos, começando da simples emoção até a paixão a mais violenta, e tumultuoza: assim para irmos de accordo e por ordem, é preciso fazermos ver, que os sentimentos brandos, os ethicos de Quintiliano, chamamos *Affectões da alma*: como por exemplo; o dezejo, a amizade, e o zelo, a candura &c. E os sentimentos violentos e irrezistiveis, capazes de trantornar a machina organica, chamamos *paixões* ou affectos patheticos de Quintiliano: taes como o amor, a ambição, o odio, a colera, &c. Dr. Cogan no seo tratado filosofico das paixões diz que um dos tres termos — *Paixão*, *Emoção*, *Affectão*, — é sempre empregado para exprimir os effeitos sensiveis, que os objectos, ou as ideas a elles concernentes, fazem na alma; porem elles são tão frequentemente tomados n'um sentido vago, e indeterminado, que ha difficuldade em restitui-los á sua significação precisa, e